

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

FABIANA BARGGIONA DE OLIVEIRA E SILVA

**A RELAÇÃO ENTRE O USO DO ÁLCOOL E O TRABALHO
NA CONSTRUÇÃO CIVIL**

Mestrado: Psicologia Social

**UFMG/BELO HORIZONTE
2006**

FABIANA BARGGIONA DE OLIVEIRA E SILVA

**A RELAÇÃO ENTRE O USO DO ÁLCOOL E O TRABALHO
NA CONSTRUÇÃO CIVIL**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Universidade Federal de Minas Gerais, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia, na área de concentração Psicologia Social.

Orientadora: Prof^a Dra. Maria Elizabeth Antunes Lima.

**UFMG/BELO HORIZONTE
2006**

Catálogo na publicação
Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

Silva, Fabiana Barggiona de Oliveira e.

A relação entre o uso do álcool e o trabalho na construção civil /
Fabiana Barggiona de Oliveira e Silva. — Belo Horizonte: [s.n.], 2006.
169 f. ; 30 cm.

Orientadora: Maria Elizabeth Antunes Lima.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Minas
Gerais, Belo Horizonte.

Referências: f. 164-168.

1Alcoolismo. 2. Construção Civil – trabalhadores. I. Lima, Maria
Elizabeth Antunes. II. Universidade Federal de Minas Gerais. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Mestrado em Psicologia

A Dissertação “*A relação entre o uso do álcool e o trabalho na construção civil*”

elaborada por: **Fabiana Barggiona de Oliveira e Silva**

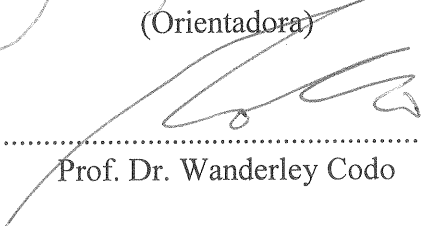
e aprovada por todos os membros da Banca Examinadora, foi aceita pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de

MESTRE EM PSICOLOGIA

Belo Horizonte, 30 de agosto de 2006.

BANCA EXAMINADORA


.....
Prof. Dra. Maria Elizabeth Antunes Lima
(Orientadora)


.....
Prof. Dr. Wanderley Codo


.....
Prof. Dr. José Newton Garcia de Araújo

[...] que a gente vai levando de teimoso e de pirraça
E a gente vai tomando que, também, sem a cachaça
Ninguém segura esse rojão

Chico Buarque

Dedico este trabalho
aos operários da construção civil

AGRADECIMENTOS

Várias pessoas, de maneira direta ou indireta, contribuíram para a realização deste trabalho. A todas, meus sinceros agradecimentos, destacando de modo especial:

A Maria Elizabeth Antunes Lima, que vem acompanhando minha trajetória acadêmica desde a graduação e com quem tanto aprendo: por ser um modelo de competência como cientista, professora e orientadora; e também pelo afeto.

A Mariene das Graças Nunes de Magalhães, que confiou e abriu as portas da empresa X para que esta pesquisa fosse realizada. E a todos os profissionais dessa empresa que colaboraram com a pesquisa, nas pessoas de Adriana Conceição Ferreira Silva, Nielma, Emerson, Adilson, Newton, Nagib, Antônio — muitos desses, hoje ex-empregados.

Aos profissionais das demais empresas, nas pessoas de Silvano e Alessandra.

Aos estagiários do curso de Saúde Mental e Trabalho da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), hoje colegas de profissão, em especial àqueles com quem tive contato mais próximo: Alessandra, Alessandro, Eustáquio, Marina, Silvia, Maria Rita e Júlia Dorigo.

A todos os trabalhadores da construção civil que me confiaram parte de sua intimidade.

A José Newton Garcia de Araújo e Wanderley Codo, pela acolhida e pela honra de tê-los na banca.

A Fernando Coelho Neto, por favorecer a que eu conseguisse conciliar minhas atividades profissionais e o mestrado: pelo apoio, pela confiança, pelo respeito profissional e, hoje, pela amizade. Ao Márcio, atual gerente, e aos demais colegas de trabalho do SESI-DRMG, nas pessoas de Ana Cláudia Guedes e da “pupila” Fernanda Zanetti.

Aos colegas de mestrado, por compartilhar das aflições e alegrias, principalmente a Mônica e às novas amigas, Tatiana, Adriana e Patrícia. Aos professores do Departamento de Mestrado de Psicologia: Marco Aurélio, Vanessa e Cornelis. A Elizabete, secretária do mestrado, e ao Alessandro, da secretaria de pós-graduação.

A Elizabeth Lima, pela disponibilidade, pela transcrição fiel de algumas fitas: foi quem me auxiliou a ouvir a voz dos trabalhadores, revivendo cada entrevista.

A Branca, pela revisão deste trabalho, pelo carinho e pela amizade que vamos construindo à distância.

A Yollah, a quem confio o que sei e o que não sei de mim mesma, e que me ajuda a me construir; e a Marco Heleno Barreto, por ter me indicado um caminho.

A meus familiares, a pequena Thais e a Zenaide.

Aos meus amigos, alegrias da minha vida, cada qual único e insubstituível: Augusto, Ana Maria, Valéria, Juliana, Flávia, Renata, Jacqueline e Isabela — e também ao Leo (pelo breve reencontro telefônico providencial).

A Marcelo Araújo Campos, com quem é possível trabalhar e amar ao mesmo tempo, pelas interlocuções fecundas e pelo prazer da convivência. E ao menino João Pedro, pela presença e doçura.

A Marília e Werther, meus pais, pela nossa relação, por serem testemunhas da minha vida.

SILVA, Fabiana Barggiona de Oliveira e. *A relação entre o uso do álcool e o trabalho na construção civil*. 2006. 167f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

RESUMO

O objetivo desta investigação consistiu em verificar as possíveis relações entre o trabalho na construção civil e o desenvolvimento e/ou o agravamento de quadros de alcoolismo, buscando apreender, sobretudo, os mediadores que explicam como se dá passagem de determinadas condições de trabalho e vida para esses quadros clínicos. O estudo foi dividido em quatro etapas: observações de campo de cunho ergonômico; elaboração, validação, aplicação e análise de questionário; discussões com grupos de trabalhadores; e estudos de casos individuais, através do método biográfico. Concluímos que o trabalho na construção civil, devido a sua forma de organização e às condições que oferece, constitui um fator importante (ou mesmo decisivo) no desenvolvimento de alcoolismo nessa categoria.

Palavras-chave: alcoolismo, construção civil, trabalhadores da construção civil, trabalho.

SILVA, Fabiana Barggiona de Oliveira e. *The relation between use of alcohol and work in civil construction*. 2006. 167f. Thesis (Master in Psychology) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

ABSTRACT

The main purpose of this research has been to verify the possible relations between civil construction work and the development and/or enhancement of alcoholism, in order to understand the mediators that explain how the transition from certain work and life conditions to this clinical framework take place. The research has been divided in four stages: ergonomic field observations; surveys development, validation and application; discussions with workers group and individual case studies, by biographical method. The conclusion is that work in civil construction, due to it's organization form and to the conditions it provides, can be considered as an important factor (or even decisive) in the development alcoholism in this professional category.

Key words: alcoholism, civil construction, civil construction -workers, work.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
A origem da pesquisa.....	7
Considerações sobre o método de pesquisa.....	14
O método de pesquisa propriamente dito	17
CAPÍTULO I: O COTIDIANO DO TRABALHADOR DA CONSTRUÇÃO CIVIL.....	26
1.1 Indo para o trabalho	26
1.2 Chegando ao canteiro de obra.....	27
1.3 Primeiras atividades do dia-a-dia	28
1.3.1 O Minuto da Segurança	28
1.3.2 A Ginástica na Empresa	30
1.4 Colocando “a mão na massa”	31
1.4.1 Enfrentando os perigos	31
1.4.2 “Pegando no pesado”	35
1.4.3 O trabalho “sujo”	39
1.5 A hora do almoço.....	40
1.6 O final do expediente.....	43
1.7 Chegando em casa	45
1.8 Os fins de semana	46
1.9 A segunda-feira.....	48
1.10 Outros aspectos que fazem parte da condição de trabalhador da construção civil.....	50
1.10.1 A entrada no mercado de trabalho pela porta da construção civil	50
1.10.2 A instabilidade no trabalho e o desemprego.....	52
1.10.3 As perspectivas (não) oferecidas pelo trabalho	55
1.10.4 “Agüentando humilhação”	57
1.10.5 A preocupação com as dívidas	60
CAPÍTULO II: OS ESTUDOS DE CASOS INDIVIDUAIS.....	62
2.1 Caso 1: a história de João	62
2.1.2 Os primeiros anos de vida	64
2.1.3 A vinda para Belo Horizonte	68
2.1.4. O desenvolvimento do alcoolismo	76
2.1.5 “Sendo dominado pela bebida”	79
2.1.6 A recuperação através dos Alcoólicos Anônimos (AA).....	85
2.1.7 A situação atual	87
2.1.8 Comentários sobre o caso	89
2.2 Caso 2: a história de Mário.....	92
2.2.1 Os primeiros anos de vida	92
2.2.2 A entrada na construção civil	95

2.2.3 O casamento	97
2.2.4 O uso do álcool relacionado ao trabalho	99
2.2.5 A evolução do hábito de beber	114
2.2.6 O período atual de abstinência.....	117
2.2.7 Comentários sobre o caso.....	120
CAPÍTULO III: OS MEDIADORES ENTRE O TRABALHO NA CONSTRUÇÃO CIVIL E O ALCOOLISMO.....	122
3.1 O uso de outras drogas.....	132
3.2 Funcionalidade, uma noção emergente	134
CAPÍTULO IV: PROBLEMATIZANDO O CONCEITO DE ALCOOLISMO	140
CONSIDERAÇÕES FINAIS	155
BIBLIOGRAFIA.....	164
ANEXOS.....	169

INTRODUÇÃO

O principal objetivo desta investigação, situada no campo da Saúde Mental e Trabalho (SM&T), consistiu em verificar as possíveis relações entre o trabalho na construção civil e o desenvolvimento e/ou o agravamento de quadros de alcoolismo, pois tem sido constatado, nessa categoria, um alto índice desse problema¹.

O uso de álcool entre trabalhadores não é, em si, um tema original. Desde o século XIX, época do recrudescimento da manufatura moderna na Inglaterra, Marx já se referia à bebida como um paliativo necessário para que os trabalhadores suportassem o sofrimento advindo do trabalho pesado em diversos setores, tais como metalurgia, mineração, olarias e indústrias têxteis (MARX, 1985).

Dois séculos depois, esse tema ainda se destaca na mídia impressa e televisiva. Em março de 2005, por exemplo, a manchete de capa da revista *Amanhã: gestão, economia e negócios*, bem como o título da matéria que esta trazia, foi “Drogas: o inimigo oculto”. Os autores da matéria afirmam que a dependência química tornou-se um problema de saúde corporativa de difícil detecção e capaz de gerar prejuízos bastante visíveis, e citam o álcool como a substância mais utilizada (GRACIANI, M.; MÜLLER, 2005).

Eles relacionam os seguintes fatores explicativos para o que chamam de “surto de dependência química no ambiente empresarial”: falta de supervisão do trabalho daquelas pessoas que têm predisposição à dependência química; “simbiose entre o vício e o trabalho”, já que as drogas “ajudam” a enfrentar a dureza da rotina diária; e a dificuldade de diagnóstico.

¹ O problema tem sido constatado em outras pesquisas (SONENREICH, 1976; HIRATA, 1991; SELIGMANN-SILVA, 1994; RODRIGUES-MARTOS, 1998), mas, no que concerne a Minas Gerais, ver: LIMA, M.E.A. (Coord.) *A relação entre doença mental e trabalho*: elaboração de um perfil epidemiológico em hospitais psiquiátricos de Barbacena e Belo Horizonte. Belo Horizonte: UFMG-Núcleo de Estudos sobre Saúde Mental e Trabalho, 2002b. 21p.; SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA. Departamento Regional de Minas Gerais. *Relatório de pesquisa*: diagnóstico sobre a qualidade de vida no trabalho: projeto “Prevenção do uso de drogas” na Arco Engenharia e Comércio Ltda. - Minas Gerais. Belo Horizonte: SESI, 2001. 18p.

A despeito da menção ao auxílio das drogas para enfrentamento da rotina diária (o que nos parece correto), que permite entrever o papel do trabalho na gênese do problema, os autores deixam implícito que a causa determinante do alcoolismo seria a predisposição orgânica. Essa matéria recente ilustra o que chamamos de viés biologizante, uma das perspectivas simplistas observadas nas análises sobre o tema.

O tema também foi abordado pela revista *Veja*, em março de 2006, na matéria “Empregados do vício”. A matéria cita um estudo da Universidade Federal de São Paulo que afirma que 15% dos profissionais brasileiros são dependentes de drogas e álcool no trabalho ou os consomem com frequência, e que o estresse é uma das principais razões para esse problema. O estudo relaciona algumas profissões a certas substâncias: operador de bolsas de valores a cocaína, álcool e anfetaminas; motoristas de ônibus e caminhão a anfetaminas e álcool; publicitário a cocaína e álcool; jornalista a cocaína e álcool; médico e enfermeiro a opiáceos e calmantes; e advogado a álcool e anfetaminas. Ainda segundo a matéria, o recrudescimento do abuso de drogas ilícitas no ambiente de trabalho deu-se no fim da década de 1970, período que combinou a disseminação de substâncias como cocaína, anfetaminas, maconha e heroína com o aumento da competitividade no mercado de trabalho e a pressão por produtividade (EMPREGADOS..., 2006).

Estudos acadêmicos também abordaram a relação entre uso de álcool e trabalho. Sonenreich (1976) cita pesquisas que propõem a existência de personalidade pré-alcoólatra. Afirma que as pesquisas não são convincentes e que certas profissões parecem favorecer o uso do álcool e, portanto, o desenvolvimento do alcoolismo. Dá como exemplos motoristas, trabalhadores braçais que se expõem muito à chuva, ao frio ou ao calor excessivo e também escriturários. Mas conclui que o fator mais importante para o uso do álcool é uma certa tradição alcoólica nesses ambientes, e não a natureza do trabalho.

Hirata *et al.* (1990) apresentam dados referentes à detecção de alcoolismo em funcionários de um hospital público universitário, e concluem ser baixo o índice de detecção, já que o problema costuma ser diagnosticado tardiamente e apenas quando existe comprometimento da situação empregatícia. Contudo, não relacionam fatores da própria atividade que poderiam ter contribuído para esses casos.

Em 1991, Hirata (1991) fez uma revisão de estudos que relacionam alcoolismo e trabalho. Em sua pesquisa, cita Martin Plant, que, em artigo publicado em 1977², concluiu que atividades com maior facilidade de acesso a etílicos estão relacionadas com maior taxa de alcoolismo, como trabalhadores de destilarias, garçons e donos de bar e restaurante; e, em outro artigo, publicado em 1978³, Plant, usando a mortalidade por cirrose hepática como indicador de consumo alcoólico, destaca alguns grupos ocupacionais como de maior risco para o desenvolvimento de alcoolismo: diretor de empresa, taverneiro, diretor de teatro, ator, músico, jornalista, cozinheiro, médico, militar, garçom, agente financeiro e trabalhador de destilaria, entre outros, concluindo que o trabalho em destilarias atrai pessoas com tendência a desenvolver alcoolismo e também que o consumo é fortemente influenciado pelo ambiente. Hirata também cita outros estudos que correlacionam ocupações com alto nível de estresse com o uso de bebidas alcoólicas, relacionando profissões de alto *status*, como executivos advogados e médicos. O autor enumerou, ainda, outras características ocupacionais que aumentam o risco para o alcoolismo, tais como:

[...] pressão social para beber, liberdade quanto ao horário, ausência de clareza das finalidades das atividades que desenvolve, ausência de supervisor, diminuição do valor da qualidade do trabalho do funcionário e de sua importância na empresa, ocupação ociosa, atividades que demandem afastamento sexual e do seu ambiente social. (HIRATA, 1991, p.297)

Hirata reconhece que há controvérsias sobre o tema, já que inúmeros estudos consideram a existência de uma personalidade prévia do alcoolista e outros a negam, por

² “Alcoholism and occupation: a review”.

³ “Occupation and alcoholism: cause or effect? A controlled study of recruits to the drink trade”.

considerar que o alcoolismo se desenvolve a despeito de quaisquer predisposições psíquicas e somáticas. Ele conclui que estão envolvidos, em maior ou menor grau, aspectos biológicos, psicológicos e sociais, e afirma que a relação entre alcoolismo e trabalho exige análise mais profunda, já que a maioria dos alcoolistas está em faixa etária produtiva. Considera, portanto, que existem características do trabalho que aumentam o risco para o alcoolismo e que, em interação com a personalidade do indivíduo, constituem aspectos importantes na sua gênese.

Ferreira Júnior (1990) afirma que há evidências de que certas ocupações apresentam taxas de problemas relacionados ao álcool excepcionalmente altas, se comparadas com as da população em geral. Segundo ele, o beber excessivo pode estar relacionado a algum traço cultural característico de algumas profissões, a uma forma de lidar com o estresse ou com o medo do perigo, e cita, como exemplo, os trabalhadores da construção civil, que são obrigados a enfrentar condições de trabalho precárias e perigosas.

Ele afirma que é controversa a afirmação de que as condições de trabalho são motivo para beber excessivamente ou que certas profissões seriam mais procuradas por pessoas com tendência prévia ao alcoolismo; e considera que tanto a causalidade social, subentendida no primeiro caso, quanto a causalidade genética e/ou uma predisposição individual, subentendidas no segundo, sejam hipóteses válidas e não mutuamente excludentes. Afirma, ainda, que a etiologia do alcoolismo permanece obscura, sabendo-se, entretanto, que se trata de um fenômeno complexo, multi-etiológico, que envolve fatores genéticos, biológicos, psicológicos e sociais.

Ou seja, tanto em Hirata (1991) quanto em Ferreira Júnior (1990) encontramos, ao lado de perspectivas simplistas que atribuem o uso do álcool à disponibilidade da bebida, à falta de supervisão direta ou a fatores genéticos, por exemplo, o reconhecimento da complexidade do tema. No entanto, os autores não aprofundam a questão e não apresentam fundamentação teórica e empírica capaz de sustentar suas teses. Acreditamos, assim, que a

maior contribuição de nosso estudo seja a de trazer à tona elementos que ajudam a preencher essa lacuna.

Selligmann-Silva (1994) apresenta resultados mais sugestivos sobre a existência de relação entre o alcoolismo e certas formas de organização do trabalho. A autora enumera várias explicações dadas pelos próprios trabalhadores para o uso do álcool relacionado às necessidades impostas pelo trabalho, dentre as quais estão algumas que vão ao encontro de nossos resultados: relaxar e amenizar a tensão; buscar satisfação compensatória; anestesiar o sofrimento psíquico; evitar tomada de consciência de uma realidade penosa; dar coragem; dirigir a agressividade para o exterior como forma de vingar-se das injustiças do mundo, fruto de uma raiva cega devido à impotência para agir ou de incapacidade de discernir sobre as verdadeiras causas do sentimento de derrota (SELLIGMANN-SILVA, 1994). Também afirma que não é possível configurar o trabalho como instância causal da constituição da dependência do álcool, mas que é necessário um exame mais atento desse fator tradicionalmente desconsiderado nos estudos sobre alcoolismo e nas campanhas preventivas de muitas empresas.

Já Rodrigues-Martos (1998), em estudo realizado na Espanha, em 1993, considera o elemento trabalho como decisivo, pois constatou que a prevalência de consumo de álcool na população trabalhadora supera a da população em geral, sendo que naquele país a maior concentração de bebedores abusivos encontrava-se no setor da construção civil. A autora cita alguns fatores do ambiente de trabalho que podem favorecer o consumo do álcool, entre os quais estão: temperaturas extremas; horários instáveis; mudanças de turno; toxicidade ambiental; esforço físico; excesso de trabalho ou de responsabilidade; excesso de tempo morto (aborrecimento); trabalho que resulta em obsolescência; desconhecimento do resultado ou da repercussão final da própria tarefa; trabalho precário ou perspectiva de desemprego; conflitos no ambiente de trabalho e carência de perspectiva de promoção. Entretanto, não

encontramos, em seu estudo, elementos que permitam compreender como se dá a passagem desses fatores para quadros de adoecimento.

Importa destacar ainda que, em 2001, no Brasil, o alcoolismo crônico foi reconhecido como doença relacionada ao trabalho, conforme o manual *Doenças relacionadas ao trabalho*, publicado pelo Ministério da Saúde (MS) do Brasil em parceria com a Organização Pan-Americana da Saúde no Brasil (MINISTÉRIO DA SAÚDE; ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE NO BRASIL, 2001)⁴. Dessa forma, o trabalho passou a poder ser considerado, legalmente, como um dos fatores de risco associados à etiologia multicausal do alcoolismo crônico. Essa publicação aponta que o consumo de bebidas alcoólicas associado à situação de trabalho pode ser decorrente de prática defensiva, como forma de garantia de inclusão no grupo, ou pode ser uma forma de viabilizar o próprio trabalho, em decorrência dos efeitos farmacológicos próprios do álcool: calmante, euforizante, estimulante, relaxante, indutor do sono, anestésico e anti-séptico; e que as ocupações mais propensas ao consumo excessivo de álcool são aquelas caracterizadas por serem socialmente desprestigiadas e mesmo determinantes de certa rejeição, como as que implicam contato com cadáveres, lixo, dejetos em geral; apreensão e sacrifício de cães; atividades em que a tensão é constante e elevada, como nas situações de trabalho perigoso (transportes coletivos, estabelecimentos bancários e **construção civil**); de grande densidade de atividade mental (repartições públicas, estabelecimentos bancários e comerciais); de trabalho monótono, que gera tédio; trabalho em que a pessoa fica em isolamento do convívio humano (vigias) e situações de trabalho que envolvem afastamento prolongado do lar (viagens freqüentes, plataformas marítimas, zonas de mineração).

⁴ Nesse manual, consta que uma freqüência maior de casos (individuais) de alcoolismo vem sendo observada em determinadas ocupações, entre elas a construção civil, em decorrência das condições de trabalho perigosas às quais os operários são submetidos no desempenho de suas atividades (MINISTÉRIO DA SAÚDE; ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE NO BRASIL, 2001).

Assim, segundo o MS, o trabalho pode ser considerado como fator de risco no conjunto de fatores de risco associados à etiologia multicausal do alcoolismo crônico, tratando-se, portanto, de um nexo de natureza probabilística, principalmente quando as informações sobre as condições de trabalho forem consistentes com as evidências epidemiológicas disponíveis. O MS atesta também que, em casos particulares de trabalhadores previamente alcoolistas, algumas circunstâncias relacionadas ao trabalho podem desencadear ou agravar a doença, ou contribuir para a sua recidiva.

Apesar desse reconhecimento de fatores que permitem considerar a contribuição do trabalho para o consumo do álcool e possível desenvolvimento de alcoolismo, as explicações ainda carecem de sentido concreto, já que não evidenciam como se dá a passagem entre a experiência laboral e o surgimento do problema. Um exame mais atento a essa questão foi o que empreendemos nesta investigação, na tentativa de trazer mais elementos para aprofundar as discussões sobre o tema.

A ORIGEM DA PESQUISA

O projeto desta pesquisa nasceu em 2002, quando a autora começou a participar do Programa SESI de Prevenção ao Uso de Drogas na Empresa (PUDE)⁵ — um projeto-piloto desenvolvido pelo Serviço Social da Indústria-Departamento Regional de Minas Gerais (SESI-DRMG) — que estava sendo implantado em uma empresa do ramo da construção civil (aqui denominada de empresa X⁶), de médio porte, cuja atividade prioritária é a construção de prédios residenciais de alto padrão de qualidade na região metropolitana de Belo Horizonte e

⁵ Esse programa começou a ser desenvolvido em 1995 pelo Serviço Social da Indústria-Departamento Regional do Rio Grande do Sul em parceria com a Organização Internacional do Trabalho (OIT), a Organização Mundial da Saúde (OMS) e o Programa das Nações Unidas para o Controle Internacional de Drogas (PNUCD) (ver SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA. Departamento Regional do Rio Grande do Sul. *Projeto de prevenção ao uso de drogas no trabalho e na família: modelo SESI-RS/OIT/OMS/PNUCD*. Porto Alegre: SESI/TG Artes Gráficas, 1997). No decorrer desta dissertação, a referência a esse programa será feita como modelo SESI-DRRS.

⁶ Por questões éticas, a opção, aqui, foi por preservar o anonimato da empresa.

que contava, na época, com cerca de 318 empregados. A partir do entendimento de que era necessário implantar um programa que ajudasse empresas do ramo da construção civil a lidar com o alcoolismo, a escolhida foi essa empresa, porque a mesma já tinha outros contratos com o SESI-DRMG (Programa SESI Ginástica na empresa e Escola de Alfabetização de Adultos) e apresentou uma demanda na qual manifestava preocupação a respeito do uso de álcool entre seus trabalhadores.

A primeira etapa desse programa consistiu em um diagnóstico, realizado em 2001⁷, no qual foi identificado contato com o álcool entre 92,2% dos trabalhadores da empresa — índice superior à média nacional, que é de 77,5%, segundo dados do Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID) do departamento de Psicobiologia da Universidade Federal de São Paulo (SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA, 2001, p.8)⁸.

A elevada frequência de contato com o álcool que apareceu nesse primeiro diagnóstico chamou a atenção da autora e dos profissionais dos setores de Recursos Humanos (RH), Medicina do Trabalho e Engenharia de Segurança da empresa. Além disso, a assistente social do sindicato patronal da categoria havia relatado, em uma das reuniões de rotina para a implantação do programa, que, nos seus dez anos de trabalho no serviço social desse sindicato, o alcoolismo era um dos motivos mais frequentes de solicitação de auxílio social pelos trabalhadores.

⁷ Ver SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA (2001). A implantação do programa na empresa teve início em 2001, ano em que foi feito o diagnóstico. Por motivos operacionais do SESI, houve uma interrupção das atividades, que foram retomadas em julho de 2002, e foi quando começou a participação da autora nesse programa. O processo de implantação terminou em fevereiro de 2004. A consultoria do SESI para implantação desse programa dura 18 meses e, após esse período, têm início atividades educativas e de promoção da saúde. Contudo, em função dos trabalhos de campo desta pesquisa, as ações educativas nessa empresa tiveram início apenas após o término da coleta de dados, em outubro de 2004 (em janeiro de 2006, houve necessidade de voltar a campo, para complementação dos dados).

⁸ Essa porcentagem se refere ao uso na vida, isto é, o uso de álcool pelo menos uma vez na vida. Portanto, não se trata de uma medida do alcoolismo propriamente dito, mas do contato com o álcool. Assim, fica caracterizado que a população dessa empresa teve maior contato com o álcool do que a população em geral (SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA (2001).

O resultado desse diagnóstico e a percepção dos profissionais ligados ao setor da construção civil, reforçados pelos resultados da primeira etapa de uma pesquisa realizada por profissionais do Núcleo de Estudos sobre SM&T, do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) (ver adiante), motivaram a realização desta pesquisa e o interesse da empresa X em contribuir com a mesma.

Além disso, na pesquisa que deu origem à monografia de pós-graduação da autora (SILVA, 2000) foram resgatadas as teorias sobre qualidade de vida no trabalho (QVT) e feito o seu confronto com o campo da SM&T e com dados empíricos sobre a aplicação das práticas de promoção da qualidade de vida nas empresas brasileiras. Foi possível observar que, nos programas voltados para a QVT, estavam presentes elementos como a simplificação extrema da realidade, traduzida pela redução da complexidade dos fenômenos psíquicos e sociais, além da desarticulação entre as esferas psíquica (subjetiva) e social (objetiva), revelando uma superestimação da esfera psicológica e do poder individual. Também ficou claro que, em contradição com os objetivos desses programas, na passagem das teorias de QVT à prática, a categoria *trabalho* vai progressivamente desaparecendo. O PUDE do SESI-DRRS foi um dos submetidos à análise crítica e, nele, não havia menção a conhecimentos científicos que permitissem compreender o lugar do *trabalho* no uso ou abuso de substâncias — com destaque para o álcool, que é a de consumo mais prevalente e, por isso, considerada a mais problemática. Ou seja, ao analisar suas práticas não foi possível perceber as possíveis contribuições do contexto de trabalho no surgimento ou agravamento do alcoolismo.

Assim, quando a autora iniciou seu trabalho no PUDE (modelo SESI-DRRS)⁹, já sabia que havia um hiato entre os conhecimentos produzidos no campo da SM&T e a proposta de intervenção desse programa.

⁹ Atualmente a autora ocupa o cargo de consultora interna da Gerência Executiva de Saúde do SESI-DRMG e é responsável pela coordenação (criação/desenvolvimento/avaliação) do Programa de Educação para a Saúde e pela implementação do PUDE no Estado de Minas Gerais.

A SM&T entende que existe relação entre certas condições de vida e de trabalho e o surgimento e a frequência ou gravidade de certos distúrbios mentais. A teoria de Le Guillant (2006b) sobre a importância da dimensão social na gênese desses distúrbios, na qual o trabalho é uma categoria central, trouxe elementos essenciais para a compreensão do objeto aqui estudado. Esse autor constatou uma forte presença de transtornos mentais específicos acometendo certas categorias profissionais e levantou a hipótese, confirmada pelos seus estudos, de que certas atividades contêm alto potencial patogênico.

No Brasil, o campo da SM&T, a despeito de sua defasagem em relação aos países desenvolvidos, tem vivido, na última década, um fecundo momento de pesquisas, e um exemplo é o estudo epidemiológico que pesquisadores do Núcleo de Estudos sobre SM&T, do Departamento de Psicologia da UFMG, sob coordenação de Maria Elizabeth Antunes Lima, realizaram em centros de tratamentos de doentes mentais de Barbacena¹⁰ tomando por base os trabalhos de Le Guillant. Esse estudo tinha por objetivo principal verificar as possíveis relações entre transtornos mentais e trabalho, utilizando recursos desse teórico e também da epidemiologia social.

O relatório referente à primeira etapa desse estudo afirma, a partir dos dados colhidos, que algumas categorias profissionais apresentam alta probabilidade de desenvolver alcoolismo (LIMA *et al.*, 2002b). Dentre elas, destacou-se a dos operários da construção civil, os quais perfizeram 65,1% dos casos de alcoolismo e 13,7% dos de esquizofrenia. Esses trabalhadores representaram 17,7% dos pacientes cujas profissões foram identificadas (os prontuários sem identificação de profissão foram descartados da amostra), ocupando o segundo lugar na amostra.

No levantamento de Barbacena foram identificadas 23 categorias profissionais, das quais sete se mostraram significativas para transtornos mentais ligados ao uso do álcool,

¹⁰ Em Barbacena foi feita a primeira etapa da pesquisa; uma segunda etapa está sendo realizada em um hospital psiquiátrico de Belo Horizonte. Para maiores detalhes sobre os objetivos dessa pesquisa, ver LIMA, M.E.A. (2002b).

observando-se que esse diagnóstico foi mais freqüente entre os profissionais da construção civil (25,4%), categoria que ocupou o quarto lugar em termos de risco de desenvolver alcoolismo (as demais são transporte/outros¹¹; transporte/motorista; polícia militar e mecânicos de automóveis). Ainda de acordo com esse estudo, as chances de esse profissional desenvolver alcoolismo seriam 2,3 vezes maiores do que as chances de qualquer outro profissional do grupo estudado (excluindo-se as três de maior risco citadas). Entre as categorias profissionais identificadas, três emergiram com maior freqüência de auto-extermínio: trabalhador rural (em primeiro lugar), doméstica (em segundo) e construção civil (em terceiro). Em relação a esta última categoria, a maioria dos pacientes que tentaram auto-extermínio possuía também diagnóstico de algum transtorno mental ligado ao uso do álcool. Contudo, o estudo não encontrou correlação estatisticamente significativa entre pertencer a uma categoria profissional e tentativa de auto-extermínio, o que significa que essa tentativa pode ser independente de qualquer variável investigada. Como praticamente inexistem estudos relacionando suicídio e atividade profissional, nesta investigação este dado não será analisado, apesar de sua relevância. De qualquer modo, é importante ressaltar essa somatória de alcoolismo e tentativa de auto-extermínio na categoria aqui pesquisada.

As evidências epidemiológicas colhidas em Barbacena vieram somar-se aos dados empíricos encontrados na empresa X, na qual o PUDE estava sendo implantado em 2002.

O confronto entre as várias evidências que relacionavam o trabalho na construção civil ao uso de álcool foi o que motivou, nesta investigação, a busca de respostas para as seguintes perguntas: *O trabalho ocupa um lugar na etiologia do alcoolismo? Se a resposta for positiva, como se daria tal relação e como seria possível prevenir com eficácia o alcoolismo nas empresas?*

¹¹ Na categoria transporte/outros encontram-se: trocador, ferroviário, hidroviário, marinheiro e chapa.

Devido à consistência dos resultados alcançados por suas pesquisas no campo da psiquiatria social, Le Guillant foi o marco teórico desta investigação. Apesar de terem sido desenvolvidos na década de 1950, seus estudos preservam sua atualidade, sendo que alguns se tornaram clássicos, tais como: “A neurose das telefonistas” (LE GUILLANT *et al.*, 2006), “As incidências psicopatológicas da condição da empregada doméstica” (LE GUILLANT, 2006a) e aquele relativo à fadiga nervosa (LE GUILLANT, 2006d).

De acordo com Lima, M.E.A. (2002b), a consistência dos estudos de Le Guillant se deve, sobretudo, a sua filiação à corrente teórica da “psicologia concreta ou materialista” de Georges Politzer, a qual considera o fato psicológico na sua efetividade e propõe uma abordagem concreta e simultânea do indivíduo e dos acontecimentos humanos. A psicologia concreta é também a principal fonte de inspiração da sociogênese, uma das correntes teóricas do movimento da psiquiatria social, que emergiu na França na década de 1940, cujo maior expoente é também Le Guillant.

A sociogênese busca entender a gênese da loucura sobretudo como uma questão social, em oposição à organogênese, que se fundamenta nos trabalhos de Henry Ey e entende a doença mental como decorrente, em essência, de alterações no substrato orgânico (LIMA, M.E.A, 2002b). A partir da sociogênese, Le Guillant (2006b) esboçou o que chamava de psicopatologia social, ou seja, a explicitação do papel do meio no surgimento e no desaparecimento dos distúrbios mentais. Ele não nega a importância e a presença de fatores orgânicos e psíquicos, porém propõe a primazia ontológica daquele na gênese desses distúrbios. Portanto, não se trata de atribuir as patologias exclusivamente aos fatores sociais, e sim de explicitar a primazia do social sobre as dimensões orgânica e psíquica.

A compreensão de Le Guillant sobre a relação entre subjetividade e objetividade merece ser ressaltada. Ele mostrou-se um crítico mordaz tanto do “psicologismo”, tendência desmesurada à valorização da vivência subjetiva, quanto do “sociologismo”, isto é, um tipo de

explicação também reducionista e insatisfatória que privilegia demasiadamente as causas sociais e desconsidera a singularidade do sujeito.

Em síntese, em seu entendimento, uma pesquisa deve respeitar uma dupla exigência: “de um lado, a explicitação de fatos bem concretos, precisos, dificilmente contestáveis (...), de outro, uma ampla penetração no universo subjetivo dos indivíduos e das relações humanas” (LE GUILLANT *apud* LIMA, M.E.A. 2002b, p.10). Para esse autor, o subjetivo clama pelo objetivo, sendo essas duas instâncias menos separadas do que se supõe e nas quais os conhecimentos do indivíduo e da sociedade se reconciliarão. Desse modo, Le Guillant buscou entender como as condições de vida e trabalho se integram a um contexto psicológico que lhe confere uma acuidade particular e, por fim, um caráter patogênico.

Importa ressaltar que os programas conhecidos de prevenção e tratamento ao alcoolismo nas empresas deixam de considerar as possíveis relações entre a saúde do trabalhador, a organização do trabalho e as condições em que este se desenvolve. Portanto, nesses programas essas variáveis fundamentais estão ausentes das discussões sobre essa patologia. Em sua maioria, centram-se na informação, abordagem/sensibilização e tratamento, com posterior reintegração ao trabalho, tendendo a considerar o trabalhador como único responsável pelo seu problema, seja por trazer uma predisposição genética ou por ter uma personalidade — cujas bases se estruturariam na infância — favorável ao alcoolismo.

Assim, conforme demonstraremos, os resultados desta investigação contribuem para dirimir essa compreensão do objeto, aqui entendida como inadequada, que tem levado a intervenções, justamente por esse motivo, incapazes de produzir transformações substanciais na realidade.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O MÉTODO DE PESQUISA

Segundo a definição de Politzer (2004), ciência é a reunião de conhecimentos significativos sobre um dado objeto que permita a intervenção sobre ele, de maneira a transformá-lo. Isto é, a eficácia prática do saber seria indicativa da veracidade das descobertas. A indissociabilidade entre sabedoria e eficácia seria a principal característica das ciências em geral.

Desse modo, a fim de diminuir a possibilidade de produzir conhecimentos tendenciosos ou meramente especulativos, nesta investigação optamos por adotar um posicionamento ontológico que orientasse a escolha do método. Conforme Chasin (1995), a ontologia é uma posição de captura da realidade a partir de sua própria lógica. É uma *posição* de possibilidade de conhecimento que admite que o objeto existe independente do sujeito cognoscente e possui sua própria lógica.

Disso decorre que o rigor do conhecimento não advém de um método imposto ao objeto, escolhido *a priori*, e sim de uma “escavação” infinita do objeto, ontologicamente recortado (CHASIN, 1995). Assim, a perspectiva que adotamos aqui é a indutiva, ou seja, o ponto de partida é o conhecimento do objeto, em seguida elabora-se a teoria, retornando-se ao objeto sempre que for necessário, em um constante ir e vir.

Segundo Perrone (*apud* SERAPIONI, 2000, p.189), a pergunta por excelência sobre um método é “se e o quanto ele é útil para arar o terreno empírico que temos em frente” — e “nosso juízo de valor de um método deve ser relacionado à sua fertilidade para nos aproximar da realidade estudada”.

No levantamento epidemiológico realizado em Barbacena, o objeto definido foi a relação entre o tipo de adoecimento mental e o tipo de trabalho realizado pelos pacientes (LIMA, M.E.A. 2002b). Portanto, o local privilegiado para se aproximar desse objeto (notemos que esse local foi “indicado” pela natureza do objeto) foram os hospitais

psiquiátricos — que, mediante o diagnóstico, legitimam o adoecimento — de uma cidade-referência em tratamento de doença mental (Barbacena). A aplicação da estatística, isto é, de técnicas matemáticas universais de tratamento dos dados numéricos, conduziu ao par trabalhadores da construção civil/alcoolismo, que aqui investigaremos em profundidade.

As unidades geradoras dos *dados* produzidos por aquele levantamento foram a profissão do paciente e o diagnóstico feito pelo profissional de saúde. Alguns questionamentos inevitáveis emergem sobre a correção desse diagnóstico: de que maneira foi feito? Corresponde de fato à realidade? O profissional de saúde era devidamente capacitado?

Nesse caso, o alcoolismo foi diagnosticado pelos profissionais do Núcleo de Assistência Psicossocial (NAPS) da Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais (FHEMIG) de Barbacena, e os pacientes cujos prontuários compuseram a amostra do levantamento procuraram espontaneamente pelo atendimento ou foram encaminhados, concordando com a necessidade do tratamento. Isso sugere que, de alguma forma, eles reconheciam a perda de controle sobre o ato de beber e prejuízos existenciais decorrentes desse fato. Além disso, na maioria dos casos, havia histórico de várias internações, o que configurava uma cronicidade do problema. Dessa forma, admitimos, em concordância com Lima *et al.* (2002b), que os prontuários analisados em Barbacena realmente referiam-se a casos de alcoolismo.

Mas o objeto aqui escolhido impõe aprofundar a compreensão sobre o conceito de alcoolismo. Discuti-lo é uma tarefa árdua mas necessária, pois possibilita aproximar-se dessa realidade com maior lucidez, diminuindo as chances de cair num viés moralizante encoberto por um manto de cientificidade, tão comum nas práticas e na literatura relativas ao tema. Assim, faremos essa discussão conceitual no quarto capítulo desta dissertação, à luz da empiria.

Cabe, contudo, uma ressalva sobre o freqüente excesso de credulidade nas “evidências” dos números. Besson (1995, p.259) alerta que “o trabalho estatístico consiste em desvendar regularidades empíricas. Na verdade, elas são apenas semi-satisfatórias porque o mundo não é aleatório. Entretanto, elas nos permitem agir porque sintetizam empiricamente outras variáveis, pelo menos por um tempo”.

Dessa forma, há uma distância entre os índices estatísticos e a vida cotidiana em sua efetividade, o que implica que os resultados da pesquisa de Barbacena, bem como os do diagnóstico do PUDE (indicando alto índice de contato com álcool pelos trabalhadores da Empresa X), não foram tomados como verdades absolutas, mas apenas como indicadores de um problema que necessitava ser mais aprofundado. O índice estatístico não permite que sejam estabelecidas relações causais, por se tratar de médias e sínteses, e, exatamente por isso, não considera a dimensão da singularidade na vida cotidiana concreta.

Para Comte (1995, p.110), as estatísticas não são somente informações, são objetos de análise para que se possa “passar por trás do espelho das cifras e das palavras para se restituir seu sentido”. Por conseguinte, o resultado do levantamento epidemiológico efetuado em Barbacena e o do diagnóstico realizado pelo SESI na empresa X foram utilizados apenas como indicadores de um provável problema que exigia uma investigação mais aprofundada. Diante disso, embora admitindo o rigor metodológico na realização do levantamento de Barbacena e a validade da hipótese que o orientou, além da importância da evidência colhida no diagnóstico do PUDE, nossa opção aqui foi a de aproximar desses primeiros resultados com uma atitude de “saudável suspeita”. Mas podemos antecipar desde já que os resultados aqui obtidos pela investigação em profundidade corroboram as hipóteses de Lima, M.E.A. (2002b) e oferecem subsídios consistentes para a compreensão dos resultados estatísticos reportados no relatório de Barbacena, ou seja, é possível concluir que os trabalhadores da construção civil estão inseridos num contexto de vida e de trabalho que

favorece o uso de álcool, deixando-os vulneráveis ao desenvolvimento, à manutenção ou ao agravamento de quadros de alcoolismo.

Em síntese, o resultado quantitativo do levantamento realizado em Barbacena e, em menor escala, o diagnóstico realizado pelo SESI na empresa X, ofereceram indicadores para exploração, mas, por carecerem de significado em si mesmos e, por isso, não permitirem, em absoluto, estabelecer relações causais, remeteram à esfera do qualitativo, ou seja, um retorno ao objeto, aqui representado pelo sujeito que trabalha na construção civil e teve ou tem diagnóstico de alcoolismo. Desde o início, estava claro que só através desse sujeito seria possível identificar os *mediadores* que permitiriam apreender os nexos entre o trabalho na construção civil e o alcoolismo.

O MÉTODO DE PESQUISA PROPRIAMENTE DITO

A pesquisa que serve de base para esta dissertação consistiu em *estudos de casos* da empresa X¹² (de onde foi coletada a maioria dos dados) e de duas outras empresas, aqui referidas como Y e Z¹³, a partir de um processo que conjuga duas análises: a análise ergonômica do trabalho (AET) e a análise psicossocial do trabalho (APT). Conforme Lima,

¹² Como já colocado anteriormente, o trabalho de campo nessa empresa foi realizado de janeiro de 2003 a outubro de 2004, quando tiveram início as atividades do PUDE; e, em janeiro de 2006 foram realizadas entrevistas em profundidade com mais três trabalhadores. Quando a pesquisa teve início na empresa X, em 2003, ela estava com cinco obras em andamento. O quadro de pessoal permaneceu na média de 318 empregados até o segundo semestre de 2005, no qual houve uma reestruturação da empresa em função de um redirecionamento dos investimentos para a cidade de Macaé, no Estado do Rio de Janeiro, onde está executando três obras. Uma das medidas dessa reestruturação foi a demissão de aproximadamente 180 pessoas (57%) do quadro de pessoal. O setor de RH foi terceirizado, inclusive a folha de pagamento, permanecendo sob administração direta da empresa apenas as políticas de qualidade (certificação em ISO 9001 e PBQP-H), assumidas por uma engenheira. Em novembro de 2005, duas obras em Belo Horizonte foram finalizadas e uma teve início. Hoje, a empresa conta com um efetivo de, aproximadamente, 180 empregados e 180 empreiteiros.

¹³ O amplo conhecimento pelo setor, constatado através de verbalizações espontâneas e de observações “despretensiosas” em campo, de que “peão bebe mesmo”, “construção civil é tudo igual, só muda o endereço”, como também o fato de a terceirização impor que um mesmo trabalhador preste serviço para várias empresas, muitas vezes por períodos inferiores a 11 meses, nos levaram a fazer essas incorporações de trabalhadores de outras empresas.

M.E.A. (2002a), essas duas formas de análise conjugadas permitem ir além da imediaticidade tanto do comportamento dos indivíduos quanto da situação de trabalho.

O estudo foi dividido em quatro etapas: observações de campo de cunho ergonômico; elaboração, validação, aplicação e análise de questionário; discussões com grupos de trabalhadores; e estudos de casos individuais.

O ponto de partida foram as observações dos sujeitos em situação de trabalho, através das quais foram coletados dados referentes a agressões ambientais, ritmos, distribuição formal e informal de tarefas, trabalho prescrito e trabalho real, modos operatórios, habilidades e outros fatores relacionados ao espaço social onde a interioridade dos operários da construção civil se exterioriza. Esse processo foi realizado ao longo do primeiro semestre de 2003, em conjunto com alunos estagiários do estágio supervisionado em SM&T do curso de Psicologia da UFMG.

Portanto, essa primeira etapa consistiu na *realização de observações sistemáticas durante a execução das tarefas e entrevistas durante o expediente de trabalho*, entre os meses de maio e julho de 2003, em cinco canteiros de obras da empresa X, por uma equipe de dez pesquisadores¹⁴, organizados em duplas. Aconteciam duas visitas semanais, em dias e horários variados, e cada visita durava aproximadamente duas horas. Os trabalhadores eram escolhidos de forma aleatória, porém buscando-se observar as diversas funções exercidas e as diferentes etapas da obra: terraplanagem; fundação; estrutura, que compreende formas (carpintaria), ferragens (armação), concretagem e desforma¹⁵; alvenaria (pedreiros); instalações (elétricas, hidráulicas e especiais) e acabamento (revestimentos e pintura). As entrevistas foram realizadas de forma não-diretiva e eram guiadas pelos dados colhidos

¹⁴ Entre os quais encontrava-se a autora desta investigação.

¹⁵ A “desforma” da estrutura consiste na retirada de pesadas chapas de madeira (2,20 x 1,10 m, com 2 cm de espessura). Começa dois dias depois de concluída a fase de “concretagem” e dura aproximadamente uma semana.

durante as observações. Essas observações eram registradas em *diários de campo* e discutidas nas reuniões de supervisão.

O objetivo dessa etapa, bastante trabalhosa mas não muito substantiva em termos de resultados, devido à inexperiência dos observadores, foi o de mergulhar na realidade laboral para conhecer as condições de trabalho, a organização do trabalho, as relações interpessoais — em síntese, o universo de trabalho dos operários da construção civil, visando uma primeira aproximação do objeto de estudo.

A segunda etapa, realizada durante o segundo semestre de 2003, consistiu na *elaboração, validação, aplicação e análise de um questionário* que versava sobre condições de trabalho e saúde, a partir dos dados provenientes das observações de campo e de entrevistas em situação de trabalho, dos dados do estudo epidemiológico de Barbacena e do diagnóstico feito anteriormente pelo PUDE (ver Anexo I).

Esse questionário trazia 104 questões, subdivididas em quatro tópicos de investigação: a) *dados gerais*: informações básicas sobre o trabalhador (identificação, idade, estado civil, escolaridade, número de filhos, naturalidade, além de questões relacionadas à atividade laboral, como função exercida na empresa, funções anteriores e tempo de serviço na construção civil); b) *estado geral de saúde*: estado de saúde física e psicológica; c) *questões gerais sobre o trabalho*: aspectos gerais do cotidiano de trabalho na construção civil, desde os motivos que os levaram a trabalhar no setor, passando por aspectos práticos do trabalho, liberdade na atividade laboral, conseqüências de erros cometidos no desenvolvimento da atividade e aspectos do relacionamento com colegas e chefias; d) *questões gerais*: aspectos da vida dos trabalhadores fora do ambiente de trabalho (fins de semana, rotinas adotadas ao sair do trabalho, participação em atividades sindicais), incluindo a ingestão de bebidas alcoólicas ou a utilização de algum outro tipo de droga. Foi realizado um pré-teste do instrumento com a

aplicação em dez trabalhadores, todos alunos da escola de alfabetização da empresa. O instrumento foi ajustado a partir de três revisões.

No segundo semestre de 2003, uma nova equipe de estagiários do curso de Psicologia da UFMG¹⁶, aplicou, de maneira individualizada, os questionários em 111 trabalhadores, nos canteiros de obras da empresa X. Essa amostra de 111 trabalhadores foi determinada, de modo a ser representativa do número de empregados efetivos e de empreitados trabalhando na empresa naquele momento, sendo 54 empregados efetivos e 57 terceirizados. Devido ao cuidado de só elaborar as questões após o contato com a realidade dos sujeitos, a equipe acredita ter evitado a maioria dos problemas que ocorrem no uso dos questionários, tais como a indução de respostas ou a abordagem de temas distantes da experiência dos sujeitos.

Esse instrumento não teve por finalidade verificar o uso de álcool nem a possível relação desse uso com o trabalho na construção civil, pois sabe-se que ele não se presta para verificar questões dessa ordem. Seu principal objetivo, portanto, foi o de levantar dados sobre o cotidiano dos trabalhadores, suas condições de trabalho, e selecionar temas relevantes para serem aprofundados nas reuniões com os trabalhadores.

A APT, por definição apoiada no discurso dos trabalhadores, deu-se na terceira etapa da pesquisa, a partir dos grupos de discussão, e também depois, na quarta etapa, a partir dos estudos de casos individuais. Essa análise teve por finalidade apreender as dimensões subjetivas e intersubjetivas relacionadas ao trabalho e ao alcoolismo através dos mediadores, como já mencionado.

A terceira etapa consistiu, assim, na realização de *grupos de discussão com trabalhadores*. Foram realizadas cinco reuniões, nos dias 17, 18 e 19 de dezembro de 2003 e 5 e 6 de fevereiro de 2004, numa sala do escritório central da empresa. Os grupos, formados por

¹⁶ Entre os quais a autora desta investigação também se incluía.

diversos trabalhadores contratados por aquela e por empreitados, tinham em torno de uma hora e meia de duração, e os temas discutidos estavam relacionados às condições de trabalho e às visões sobre a atividade laboral na construção civil. O intuito dessas reuniões foi o de começar a identificar, a partir das evidências obtidas pelos outros instrumentos, possíveis relações entre o trabalho no setor da construção civil e o consumo prejudicial de bebidas alcoólicas. Dessa forma, alguns mediadores entre as condições de trabalho na construção civil e o alcoolismo foram identificados.

Também foram realizadas duas *entrevistas*, uma com a responsável pelo departamento de RH da empresa X e outra com o presidente do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil de Belo Horizonte. Essas informações adicionais foram articuladas aos dados provenientes das demais fases da investigação. Durante uma assembléia nesse sindicato, a empresa X foi citada e reconhecida espontaneamente, pelos trabalhadores e lideranças, como a que oferecia melhores condições de trabalho e melhor tratamento aos seus empregados. Essas condições diferenciadas já haviam sido constatadas também nos trabalhos de campo. Isto suscitou uma nova pergunta: se mesmo diante de condições/organização de trabalho mais favoráveis a prevalência do alcoolismo ainda é um dado, quais seriam as especificidades do trabalho dessa categoria profissional que concorrem para o problema?

Ainda foram realizados, no início de 2005, com empregados efetivos e empreitados da empresa, três novos grupos de discussão, com o objetivo de aprofundar algumas questões que emergiram a respeito de aspectos do cotidiano dos trabalhadores dessa categoria. Dois desses grupos foram realizados com serventes (os dois com os mesmos serventes), função que se mostrou bastante vulnerável ao adoecimento por alcoolismo; e um com pedreiros. Em cada grupo estavam presentes três participantes.

Logo após os primeiros cinco grupos de discussão, alguns trabalhadores, incluindo os empreiteiros, foram convidados para as entrevistas individuais em profundidade,

as quais foram realizadas no escritório central da empresa, sempre no início (07h00) e no final do expediente das sextas-feiras (16h00). É importante ressaltar que a empresa fez questão de que as entrevistas fossem realizadas durante a jornada de trabalho, para que não se gerassem horas extras. Além disso, colaborou, através da profissional responsável pelo setor de RH, o máximo possível para que todas as etapas da pesquisa fossem realizadas. Alguns trabalhadores foram convidados para as entrevistas através de A., que estava na empresa, trabalhando nos canteiros de obra como encarregado do escritório, havia 14 anos e, por isso, tinha trânsito fácil entre os trabalhadores.

Também foram realizadas entrevistas individuais em profundidade com trabalhadores da empresa Z, com o objetivo de resgatar a trajetória dos sujeitos, incluindo um histórico ocupacional detalhado, e de analisar os significados que atribuem ao seu trabalho, às relações interpessoais (entre os pares, hierarquia e clientes), as pressões psicológicas que sofrem no exercício de suas atividades e as defesas que desenvolvem para lidar com elas.

A partir dos estudos de casos individuais, produtos dessa quarta etapa, outros mediadores entre trabalho e alcoolismo foram identificados.

Para efetivar esses estudos de casos, utilizamos o método biográfico proposto por Le Guillant (2006c). Segundo esse autor, as declarações do sujeito fornecem preciosas indicações sobre sua personalidade, e esta, por sua vez, só pode ser compreendida em função da história familiar daquele e da educação recebeu. Na sua análise do caso Marie L., Le Guillant (2006c, p.343) constata: “ficamos impressionados como o estreito paralelismo entre os sintomas — bastante banais —, por um lado, e, por outro, os acontecimentos vivenciados e os sentimentos apresentados”. Afirmo que, até a época da publicação desse caso (década de 1950), os estudos sobre o papel de situações patogênicas prolongadas nos quadros clínicos, em especial sobre aqueles que dizem respeito ao considerável aumento dos distúrbios funcionais em determinadas populações e grupos humanos que se encontram sob a influência

de determinadas situações e condições de trabalho, eram raros. Além disso, considera que a ênfase das explicações recaía, até então, sobretudo no papel do sistema nervoso, ou se incorria em afirmações absolutizantes e igualmente insatisfatórias sobre as causas sociais ou psicológicas que levavam às manifestações da patologia funcional. Esses tipos de reducionismo são encontrados até hoje.

Assim, o método biográfico proposto por Le Guillant (2006c) visa fazer aparecer, no plano do conhecimento prático do homem, através da história dos doentes e de suas condições concretas de existência, novas possibilidades de compreensão e de intervenção que ultrapassem os simplismos anteriormente relacionados. Le Guillant se fundamenta no fato de que as condições de vida, sejam quais forem os aspectos considerados, integram-se em um contexto psicológico que é o reflexo, no espírito do paciente, das condições sociais e educativas, econômicas e ideológicas, a um só tempo, bem reais e específicas, vivenciadas por ele desde a infância. Para o autor, é esse contexto que dá acuidade peculiar às condições de existência dos sujeitos, conferindo-lhes ou não um caráter patogênico. Deve-se atentar para a sua ressalva de que não se trata desta ou daquela condição de vida, mais ou menos arbitrariamente valorizada, mas da sucessão e da totalidade de tais condições.

A conclusão do caso Marie L. permite esclarecer melhor a função do método biográfico, justificando a sua escolha nesta investigação:

Assim, a plena apreensão do caráter patogênico de seu trabalho só será possível, parece-me, ao ser estabelecida a relação das condições de tal atividade com toda história da paciente, com suas maneiras de julgar e de comportar-se, e com a representação do mundo, forjado por esta história. Uma vez mais, não pretendo reduzir a doença de Marie L. a tais mecanismos psicológicos e sociais; no entanto, pelo que vimos, ou entrevistamos a seu respeito, tais mecanismos fornecem-nos, em meu entender, relativamente a uma clínica tradicional ou mistificada, uma maior número de possibilidades para sua compreensão, assim como para seu tratamento. (LE GUILLANT, 2006c, p.348)

Dessa forma, realizamos estudos de casos individuais semelhantes ao proposto por Le Guillant (2006c) para alcançar uma compreensão mais real da relação trabalho X

alcooolismo e, sobretudo, identificar mediadores que permitissem estabelecer um nexos mais concreto entre eles¹⁷.

A exposição dos resultados desta investigação está organizada da seguinte forma: o primeiro capítulo compreende um “mergulho” no dia-a-dia dos trabalhadores da construção civil para apreender, na medida do possível, seu cotidiano. Esse “mergulho” permitiu dar início à verificação da pertinência dos indicadores que deram origem a esta pesquisa, já que o uso do álcool emergiu como um importante elemento da realidade dessa categoria profissional.

O segundo capítulo traz o estudo de caso de dois trabalhadores, através dos quais foi possível perceber como as condições de vida e trabalho, tratadas de forma genérica no primeiro capítulo, se integram num contexto psicológico particular, podendo vir ou não a ganhar um caráter patogênico. Analisamos os casos buscando compreender o lugar que a bebida ocupa na vida desses sujeitos e identificando os mediadores da relação entre sua atividade e o álcool. Essa análise apontou para existência de um nexos entre o trabalho na construção civil e o uso intenso de álcool como recurso para o enfrentamento das atividades cotidianas e das dificuldades da vida extratrabalho.

O terceiro capítulo trata do conjunto de mediadores, isto é, os elementos identificados nesta investigação — vivências, sentimentos, percepções, sensações fisiológicas — que contribuem, direta ou indiretamente, para que os trabalhadores recorram ao álcool, permitindo alcançar uma melhor compreensão de como se dá a passagem entre o trabalho na construção civil e o desenvolvimento do alcoolismo.

¹⁷ Os resultados obtidos nesta pesquisa durante os trabalhos de campo, ocorridos entre 2003 e outubro de 2004, estão compilados em dois relatórios, Lima *et al.* (2004) e Lima *et al.* (2005, p.76-103), e, juntamente com outros dados, coletados posteriormente, serviram como matéria-prima para a análise que será exposta mais adiante.

O quarto capítulo traz um resgate das teorias explicativas sobre alcoolismo e uma problematização do conceito, destacando-se alguns pontos que foram iluminados pela empiria.

Por fim, as considerações finais trarão sistematizados os resultados desta investigação.

CAPÍTULO I

O COTIDIANO DO TRABALHADOR DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Neste capítulo abordaremos o *drama* vivido pelos trabalhadores da construção civil a partir de suas vivências no canteiro de obra e também fora dele, no seio familiar, nos seus momentos de lazer, na sociedade¹. Iniciamos o relato do cotidiano do trabalhador da construção civil pela “ida ao trabalho”. Conforme reconhecido pela legislação trabalhista, o trajeto até o trabalho, assim como o da volta deste para casa, são considerados “partes do trabalho”². Além disso, e independentemente da legislação trabalhista, sabe-se que a vida extratrabalho é, em grande medida, regida pelas exigências impostas nos contextos laborais.

1.1 INDO PARA O TRABALHO

[...] Eu levantava era três horas da manhã, todo dia [...] eu tive que acostumar, né? [...] Pra chegar aqui eu pegava três ônibus. [...] mas eu pegava era dois, porque um eu vinha a pé. (servente)

Os trabalhadores da construção civil acordam por volta das 04h00 ou 05h00. Enquanto muitos recorrem ao café ou ao banho frio para ajudar a despertar, outros “já se acostumaram”, como dizem. O trajeto longo, algumas vezes feito a pé para economizar a passagem e/ou evitar as dificuldades com o transporte coletivo, como ônibus lotados e atrasos, obriga muitos a acordarem ainda mais cedo. Costumam gastar, em média, entre uma hora e meia e duas horas no deslocamento de casa até o trabalho.

¹ Adotamos, aqui, o “drama” no sentido politzeriano, isto é, *drama* humano ou vida dramática são fatos da vida, aqueles que compõem a tessitura da existência de qualquer um de nós. Portanto, para entendê-lo devemos fazer abstração de quaisquer ressonâncias românticas ou emotivas relativas a essa palavra (POLITZER, 2004).

² Por exemplo, para efeito de emissão de comunicação de acidente de trabalho (CAT), nos chamados “acidentes de trajeto”.

Os que podem acordar um pouco antes das 06h00, porque moram mais perto do trabalho ou “tomam” uma única condução, consideram-se “privilegiados”. Para a maioria destes, residir mais perto do trabalho foi um conquista obtida após anos de profissão.

1.2 CHEGANDO AO CANTEIRO DE OBRA

A maioria chega antes das 07h00, e muitos se sentem cansados devido ao longo trajeto percorrido: “Oê vai pegar serviço às sete horas da manhã. Já vem a carga horária de levantar, que oê fica mais na rua e na obra que dentro de casa. **Todo dia da construção civil oê chega de casa cansado**” (pedreiro).

Muitos falaram que consideram o local de trabalho como suas “casas”, já que passam mais tempo com os colegas do que com suas famílias, e mencionaram as brincadeiras entre os colegas como um meio importante de “fazer passar o dia”, aliviando o clima tenso da obra e permitindo aproximação entre eles, que acabam fazendo amizades. Alguns disseram estar tão acostumados ao ambiente da obra que preferem estar no trabalho, movimentando-se e distraíndo-se com os colegas — apesar do reconhecimento do caráter penoso desse trabalho — do que estar em casa, onde, muitas vezes, são confrontados pelas famílias com sua difícil realidade e têm mais tempo para refletir sobre suas vidas.

A rotina começa 07h00. No setor, é comum que os operários recebam o café da manhã em fila, para garantir que seja distribuído para todos e também para que seja breve. Na empresa X foi implantado o café *self-service*, por iniciativa de um dos mestres-de-obras, que contou ter obtido ganhos no relacionamento com o pessoal desde então e que os trabalhadores se sentem mais dignos, por serem “tratados como gente”. Na empresa Y, alguns dos trabalhadores afirmaram que já estão acostumados com a fila e que funciona bem assim.

Nas duas empresas, a maioria dos trabalhadores declarou estar satisfeita com a qualidade do café da manhã, e dizem que esta foi conquistada. Em ambas, como parte do escopo de programas de QVT, que incluía a participação de representantes dos trabalhadores nos comitês que planejavam as ações, a serem aprovadas pela diretoria, a melhoria do café da manhã constava como reivindicação primordial. Segundo um trabalhador da empresa X, “Demorou, mas, agora, tem dia que tem bolo e até pão com queijo e presunto ou mortadela” (pedreiro).

Após o desjejum, eles se reúnem para o Minuto da Segurança e para a Ginástica na Empresa³.

1.3 PRIMEIRAS ATIVIDADES DO DIA-A-DIA

1.3.1 O Minuto da Segurança

O Minuto da Segurança, reunião conduzida pelos técnicos de segurança e mestres-de-obras, tem como objetivo alertar os trabalhadores para questões de segurança e motivá-los para a realização de suas tarefas. São utilizados argumentos relativos à importância do resultado final da obra e à contribuição de cada um para a consecução do mesmo.

Para incentivar a autoproteção contra os riscos relacionados ao trabalho — como uso de equipamentos de proteção individuais (EPIs), por exemplo —, ressalta-se o valor que o trabalhador tem para seus familiares, utilizando-se o argumento de que devem se cuidar porque são importantes para suas mulheres e seus filhos. Entre os supervisores, é prática

³ Minuto da Segurança e Ginástica na Empresa são práticas da organização do trabalho na empresa X, estudada em profundidade. Na empresa Y, a ginástica foi implantada em janeiro de 2005, e, segundo o coordenador de RH, foi bem recebida pelos trabalhadores. Porém, no âmbito desta investigação não foram feitas observações dessas práticas nem houve conversas com os trabalhadores dessa empresa após a sua implantação.

comum valer-se desses “incentivos psicológicos” — segundo eles — para tentar compensar o “peso” das atividades realizadas em termos de esforço e desgaste físicos.

Segundo declarou um mestre-de-obras, esse programa é fundamental para o bom andamento do trabalho porque possibilita que as informações sejam dadas e reforçadas em doses pequenas, todos os dias: “O Minuto da Segurança funciona bem porque, se for fazer uma lista de tudo o que tem que falar pro pessoal, dá até briga! É muito detalhe!”.

De acordo com Lima *et al.* (2004, p.24):

Numa visão geral dos dados obtidos através dos questionários, quase 95% dos operários julgaram necessário o Minuto de Segurança, chegando inclusive a salientar que esta ação foi de fundamental importância para a redução do número de acidentes relatado nos últimos anos. Inclusive, na opinião de 80% dos trabalhadores, tanto da empresa X quanto das empreiteiras, o número de acidentes diminuiu consideravelmente nos últimos anos.

Nos relatos, o Minuto da Segurança apareceu também como um espaço privilegiado de tratamento de uma série de questões relativas ao trabalho e à comunicação entre os trabalhadores dos diversos níveis hierárquicos. Um exemplo interessante é o tratamento dispensado às situações de “furtos triviais”. Segundo um carpinteiro,

Isso sempre acontece, o pessoal sabe [referindo-se aos técnicos de segurança e mestres-de-obras]. Então é falado no Minuto para dar oportunidade da coisa aparecer em algum lugar, sem que precise aparecer quem fez. E, na maioria das vezes, aparece.

No entanto, no que diz respeito à segurança propriamente dita, é possível questionar a eficácia dessas reuniões, uma vez que, além de serem muito curtas, enfocam o problema por um viés psychologizante e depositam em cada trabalhador, individualmente, a responsabilidade pela prevenção de acidentes.

1.3.2 A Ginástica na Empresa

Na empresa X, em todas as obras que estão no início da primeira laje, após o Minuto da Segurança os trabalhadores têm a Ginástica na Empresa. Esta é uma atividade em grupo, com dez minutos de duração (em média), conduzida por um professor ou estagiário do curso de Educação Física, na qual os trabalhadores praticam séries de alongamentos e exercícios compensatórios. Segundo o técnico do Programa SESI Ginástica na Empresa, os exercícios são planejados para os trabalhadores realizarem as tarefas diárias com o menor desgaste possível e também têm o objetivo de integrá-los.

Conforme Lima *et al.* (2004), alguns trabalhadores relataram extrair, de sua participação nessa ginástica, benefícios reais para a saúde, como a diminuição de dores no corpo e maior disposição para o trabalho; contudo, outros repetiam esse discurso de forma aparentemente adestrada, sugerindo adesão passiva e acrítica, ainda que, às vezes, com tom de convicção sobre a realidade dos benefícios.

A importância de esmiuçar essas duas práticas da organização do trabalho da empresa X está em desvelar a existência de um alto grau de submissão a elas a fim de manter o emprego. Além disso, elas exigem a implicação direta da subjetividade dos trabalhadores, pois, para “garantir” o bom funcionamento do trabalho (evitar acidentes e elevar a produtividade), eles são confrontados, cotidianamente, com apelos extra-econômicos que invocam valores morais (LIMA, F.P.A. 2002)⁴.

⁴ Lima, F.P.A. (2002, p.71) sustenta a tese de que o interesse demonstrado pelas empresas a respeito de valores extra-econômicos, mesmo contendo um caráter contraditório e, às vezes, reducionista e manipulador, responde a necessidades reais oriundas das transformações dos processos de produção e de consumo. O autor faz uma distinção entre *moral do trabalho* e *ética no trabalho*: a primeira, entendida como ideologia de dominação e a segunda, como forma positiva de construção de uma sociabilidade efetivamente humana no interior da própria produção material, sendo que ambas existem como expressão da dupla existência da formação ideal relacionada aos valores.

1.4 COLOCANDO “A MÃO NA MASSA”

1.4.1 Enfrentando os perigos

Acabada a ginástica, os trabalhadores assumem seus postos para “colocar a mão na massa”: ferramentas em punho, máquinas acionadas, caminhões de materiais sendo descarregados, materiais sendo levados para as lajes superiores, produtos químicos preparados — ácido muriático, verniz, gás, massa plástica. Vozes de comando, outras vozes...

Há variações, de acordo com a fase da obra, mas, em geral, a poeira sobe, o barulho aumenta... Sob sol ou chuva, é agora que o “pau quebra”, que “a caloria sobe”— expressões utilizadas pelos trabalhadores para se referirem ao clima frenético que se instala no canteiro de obras quando começa o trabalho propriamente dito. É também quando começa a ficar evidente o porquê de os adjetivos “perigoso” e “pesado” terem sido os mais utilizados para caracterizar o trabalho⁵ na construção civil. Em relação aos riscos, segundo um empreiteiro

[...] a construção civil é uma das indústrias que ocorre mais acidentes. Apesar de, hoje, a [...] [empresa X], por exemplo, é uma empresa que gasta muito em cima de segurança. [...] são muitas as opções de acontecer acidente [...] são inúmeras as condições de risco de acidente.

Esse entrevistado enumerou os riscos: “pregos, tábuas, áreas de periferia”⁶, mencionando a desforma da estrutura⁷ como a fase em que mais ocorrem acidentes.

A atividade de servente (também chamado de ajudante) é tida pela categoria como a mais “pesada”. Como disse um bombeiro sobre a época em que foi servente:

⁵ Esses adjetivos apareceram quase na totalidade do material de campo desta investigação como definidores do trabalho.

⁶ “Áreas de periferia” são paredes construídas em torno de toda a obra ao largo da alvenaria, em cada pavimento, para evitar queda de trabalhadores.

⁷ Os acidentes mais comuns nas construções são quedas das pesadas placas de madeira (que são retiradas nessa fase) sobre os trabalhadores.

[...] eu pegava muito pesado. Eu tinha que dar conta de uns quatro, três pedreiros. [...] meu trabalho era pegar peso e fazer massa. [...] Era uma vida sofrida. Era problema nas costas, problema na coluna, você pegava muito peso porque tinha que pegar um saco de cimento sozinho. (...) Era doloroso (carregar peso). Você ia dormir, mas sabendo que, no outro dia, você tinha que pegar, fazer aquela força, né? Não tinha muita opção. Você tinha que fazer. Não tinha jeito. Você tinha que medir massa o dia todo. Não parava não. (*apud* TENAGLIA, 2004, p.75; 77)

Enquanto as de carpinteiro e de armadores são percebidas como as mais “perigosas”. Segundo um pedreiro — filho de um carpinteiro que exerceu a profissão durante 25 anos e morreu num acidente de trabalho (queda do 12º andar de um edifício em construção) — que já trabalhou como montador de andaime:

[...] Porque eu achava o serviço muito perigoso; a parte de carpintaria é um serviço de muito perigo, porque o sujeito tem que ter muita atenção. A pessoa tem que ser bem atenciosa, no serviço dele, né? Porque faz a parte de estrutura. Então, se não tem atenção mesmo, é perigo.

Embora não exerça essas duas funções, ele ressaltou que o perigo está presente em qualquer atividade na construção civil: “Por mais que a gente tem de tempo de serviço, de tempo na função, aí que a gente tem que se cuidar mais”.

Fica evidente o risco iminente de acidentes, além da sugestão de que a prática na profissão, o “acostumar-se com o serviço”, pode levar a um certo descuido com a segurança. No setor, há a tendência a atribuir os acidentes exclusivamente aos “vacilos” dos próprios trabalhadores, não se levando em consideração o risco real, devido às características da própria atividade, como a utilização de materiais pesados e perfurocortantes e a necessidade de trabalhar em lugares altos. Menos considerados ainda são os fatores relacionados à organização do trabalho: metas elevadas e prazos curtos, que também podem concorrer para esses ditos “vacilos”, por exemplo.

A atribuição das questões de segurança à “consciência” do trabalhador é um aspecto bastante comum entre profissionais de RH, médicos do trabalho, técnicos de segurança e outros que trabalham com saúde e segurança nas empresas, como se o não uso

dos EPIs pudesse ser creditado à simples negligência. No entanto, sabe-se, e a ergonomia oferece diversos exemplos disso, que esse uso pode ser preterido em favor da execução da tarefa com melhor qualidade e no prazo previsto — Ricaldoni (1992) afirma que os EPIs são o último recurso a ser utilizado para a proteção do trabalhador, e seu uso é justificado quando todos os demais recursos para a eliminação de riscos que comprometem a segurança e a saúde do daquele foram esgotados. Além disso, os estudos nessa área concluem que o problema da segurança não é individual, e sim coletivo, não podendo limitar-se, portanto, à consciência de cada trabalhador.

De qualquer forma, mesmo quando se zela pela segurança, como disse um trabalhador de empreiteira, “são inúmeras as condições de risco de acidente”.

Podemos acrescentar que a exigência da empresa X pelo cumprimento das normas de segurança e sua ênfase em programas que visam melhorá-la também confirmam o perigo “inerente” ao trabalho na construção civil. Contudo, é importante ressaltar que a palavra “inerente” pode suscitar interpretações equivocadas, notadamente uma pretensa “impossibilidade” de mudanças ou uma “naturalização” desses riscos. É sempre pertinente interrogar sobre as possibilidades de redução drástica dos riscos, desde que haja real interesse em investir na segurança. Assim, fica difícil estabelecer os limites entre a impossibilidade de controlar riscos e as restrições econômicas para implementação de medidas de proteção mais eficazes.

Essa percepção (e conhecimento) dos trabalhadores de que a construção civil figura entre as categorias profissionais expostas ao maior número de acidentes é confirmada pelos dados estatísticos do Ministério do Trabalho e Emprego: ela ocupa o primeiro lugar em número de acidentes por ano em dez estados brasileiros, entre eles Minas Gerais (MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO, 2005).

É válido ressaltar que os dados oficiais são obtidos através das comunicações de acidente de trabalho (CATs), mas o exercício desse procedimento, que asseguraria direitos ao trabalhador, é algo que ainda está longe de ser totalmente respeitado. Assim, embora os dados existentes apontem grande quantidade de acidentes na construção civil, as estatísticas são incompletas devido à subnotificação, que ocorre não apenas entre os trabalhadores subcontratados, sem registro formal, como também entre os que têm contrato legal pela CLT⁸.

Para os trabalhadores, a consciência dos riscos de sua atividade tem impacto direto sobre a sua integridade física e psíquica. Por exemplo, o trabalho nas alturas pode gerar ansiedade, conforme depoimento de um entrevistado:

O medo quando você vai, ainda mais na altura, né? A pressão da gente dá aquele baque, e é donde pula o medo, né? As pernas começam a tremer, você começa a raciocinar a altura que você está, como é lá embaixo. O pessoal ainda passa e fica olhando, ainda, aí você fica meio amedrontado. (*apud* CARVALHO, 2004, p.9).

Lima *et al.* (2004) observaram que, curiosamente, alguns negam sentir medo ao desenvolver as tarefas, mesmo admitindo o risco: “Você nem percebe. Eu não tenho medo do prédio, de altura. Você põe o cinto e anda a pé ali, normal; fica pendurado pelo cinto” (*apud* LIMA *et al.*, 2004, p.25). Os autores concluíram que o medo pode estar sendo negado, ou seja, a negação seria a defesa psicológica mais observada entre esses trabalhadores, que necessitam dela para fazer frente aos riscos⁹. É importante ressaltar que Dejours (2005) já havia identificado esse tipo de defesa entre trabalhadores da construção civil, denominando-a de “ideologia defensiva ocupacional”.

⁸ Num dos casos estudados em profundidade nesta investigação, ficou claro que a subnotificação de acidentes de trabalho ocorre também quando o trabalhador tem carteira assinada. Um servente relatou que, quando caiu num buraco no início do expediente, recebeu instruções para não revelar o acidente: “Queria que falasse que eu tinha machucado aqui, não; queria que eu falasse que tinha machucado em casa”.

⁹ Segundo Laplanche e Pontalis (1992, p.293), negação é o processo pelo qual o sujeito, embora formulando um dos seus desejos, pensamentos ou sentimentos até então recalçados, continua a defender-se dele, negando que lhe pertença.

A propósito, é compreensível que o mecanismo de negação possa levar à inconstância no uso dos EPIs (na medida em que aceitar seu uso reforçaria o reconhecimento da realidade do risco).

Além disso, muitas vezes os operários deixam de fazer uso de EPIs, como botas de couro ou borracha, óculos de proteção, luvas, tampões de ouvido, máscaras contra poeira e cintos de segurança, porque eles dificultam ou até impedem o exercício de suas atividades, já que não é incomum oferecerem equipamentos incompatíveis com as características físicas do trabalhador.

Tenaglia (2004) cita o exemplo de um bombeiro que não usava luvas na soldagem de tubos de cobre, em que se usa pasta corrosiva, porque aquelas eram grandes. Dessa forma, suas unhas ficaram corroídas, resultando em deformação na ponta dos dedos. Algumas vezes, os tampões de ouvido são descartados por impedirem a comunicação com os colegas e a chefia; em outras, para que o operário se locomova sobre o andaime, é necessário que solte o cinto e ande completamente livre até poder prendê-lo em outro lugar. Sobre esse intervalo de tempo em que o trabalhador fica impossibilitado de se proteger de uma queda, é interessante o comentário de um mestre-de-obras: “Nessa hora, é Deus que toma conta”.

1.4.2 “Pegando no pesado”

Além do enfrentamento do perigo, o “peso” do trabalho deixa sua marca no dia-a-dia: mesmo considerando as melhoras trazidas pela tecnologia, o trabalho na construção civil continua a ser muito pesado. Os trabalhadores mais experientes contaram que, há 20 anos atrás, não havia betoneira e o concreto era “virado” manualmente; e, mesmo tempos depois de essa tecnologia estar disponível, algumas construtoras não compravam concreto usinado porque era mais caro:

O pessoal virava aí uns 200 sacos de cimento no dia em que tinha que bater uma laje. Agora, você imagina: uma pessoa pegar 200 sacos de cimento, que é de 50 quilos, pra virar dentro de uma betoneira; virar, colocar mais brita e mais areia, pra virar aquele concreto e bater laje. Chega o final da tarde, só quer comer e dormir, uai. (almoxarife)

O trabalho nos canteiros é referido como extenuante:

[...] quando a gente tá na fundação... concreto, ferragem, montagem de ferro [...]. Eu não sei por que, geralmente a construção civil só começa fundação em tempo de chuva, só barro, tá certo?, é só barro. [...] tudo isso o pessoal tem que enfrentar. (almoxarife)

Algumas atividades são tidas como leves — assentar azulejo e alguns tipos de limpeza fina, por exemplo —, provavelmente porque são comparadas com as outras, bem mais pesadas: “Serviço bom é azulejar uma parede [risos], que é serviço mais leve [...] ocê trabalha mais sossegado, mais limpo, né?” (servente).

Apesar disso, o serviço na construção civil é tido como *serviço ruim*, de modo geral:

Na construção não tem serviço bom, todo serviço é ruim. Vamos supor: uma fundação de um prédio começa da terra, aquilo dá... tem lugar que dá água, é barro, é aquilo, quer dizer, é um serviço pesado pra fazer, né? Não é serviço leve, né? O serviço é ruim mesmo. Esse tipo de serviço é um serviço ruim pra gente mexer, né? (servente)

Os carpinteiros e armadores, ao lado dos serventes, são tidos pelos colegas como aqueles que “mais dão duro”. Os serventes carregam vários baldes de concreto por dia, os armadores montam as ferragens e os carpinteiros constroem as fôrmas de madeira que são acopladas às ferragens e depois enchidas com concreto para formar a estrutura do edifício:

A gente força muito a coluna, né? [...]. Trabalha, muito, agachado; tem vez que a gente trabalha assim curvado demais. Eu creio que a ferragem, ela prejudica bastante a coluna também. Vou te falar: é difícil, eu não sei... quem conversa com um armador, que ele não sente um pouco de coluna... geralmente são quase todos. (armador)

A expressão *trabalho pesado* sugere que o peso é tanto em sentido literal, por realizarem tarefas que exigem muita força física, quanto no sentido figurado, revelando o

caráter penoso, intenso, cansativo, árduo e carregado de tensões: “É meio bravo! É meio estressante esse negócio!” (servente).

Sob o rótulo de “estressante”, foi possível observar situações de trabalho que envolvem desconforto e esforço físicos intensos, aliados à interferência de fatores relacionados à organização do trabalho, o que dificulta a conclusão da tarefa. São atividades que os trabalhadores nomeiam como “pepinos”: há meses em que não ocorrem e há outros em que “só dá pepino”. Eis um exemplo de “pepino”:

Rebocar um bequinho¹⁰ de 30 centímetros que não tem como você virar lá dentro, entendeu? [...] aí você tá fazendo, ele [o mestre-de-obras] te tira e te leva pra outro lugar. Aí, cê não acaba nenhum dos dois [serviços]. Aí, cê vai ficando estressado dos dois lados. (pedreiro)

Outro “pepino” é fazer quinas de vigas de sustentação, tarefa reconhecida como ruim e irritante: “Cê chapa a massa, daqui a pouco cê abaixa, a massa cai, cai no olho da gente. Dá vontade... dá vontade de xingar, ué!” (pedreiro).

Em relação às conseqüências do peso do trabalho, um armador relatou que sente muitas dores na coluna, após anos de profissão. Ele contou sobre o dia em que a dor o fez ir ao ortopedista:

[...] nesse dia eu tava armando uma piscinazinha pequena; trabalhei, com 24 horas eu armei ela, fiz a ferragenzinha. Ela [a coluna] já tava doendo, e foi piorando mais. No outro dia, eu sentia ela estalar e ficar ringindo. Esse dia eu tava ruim mesmo.

O médico lhe concedeu três dias de licença. Mostrando-lhe o Raio-X e explicando que sua coluna estava com um centímetro e meio de desgaste, além de um desgaste na cervical, receitou 35 sessões de fisioterapia e recomendou que não pegasse peso. Recomendação “incabível”, evidenciada pela reação imediata desse trabalhador: “Ô, doutor!, mas não tem jeito, não, o serviço que eu trabalho tem que pegar peso”.

¹⁰ “Bequinho” é um corredor com 30 centímetros de largura, no qual cabe praticamente só o corpo do trabalhador, de forma apertada. A altura é variável.

Segundo ele, o médico lhe respondeu que teria “que fazer de tudo pra não pegar”, ao que replicou: “Uai, enquanto eu tiver agüentando aí, tem que pegar, porque eu trabalho fichado, não tem jeito, meu serviço é pesado mesmo”.

Uma das maneiras de os trabalhadores se adaptarem ao “peso inerente” às suas atividades consiste em tentar incorporar a dor e o desgaste a sua vida, como parte do cotidiano: “Enquanto tá agüentando, a gente vai teimando assim mesmo. Eu já acostumei com a dor na coluna, até aquela altura que ela dói. Agora, tem vez que aí dói demais, aí tem que tomar remédio pra aliviar a dor, né?” (armador).

Fica patente, nessa fala, que o trabalho pesado vai gerando, ao longo dos anos, um desgaste físico sobre o qual eles quase não têm controle. As características aqui chamadas de “inerentes” à atividade impõem que continuem submetidos a situações que ampliam o desgaste. O limite parece ser um desgaste que inviabilize o trabalho.

Esse “acostumar-se” com o trabalho pesado pode acabar se tornando uma forma de manter-se ocupado, evitando as preocupações: “É, é bem cansativo, né? Mas, vai indo, acostuma também. Eu já não agüento é ficar parado mais, se ficar parado eu sinto mal; o máximo é um dia mesmo, pra descansar” (servente)¹¹.

Para aumentar o excedente econômico, o processo de construção habitacional tem se valido, prioritariamente, de estratégias como o estabelecimento de salários não condizentes com a subsistência operária, o aumento da jornada de trabalho e o uso intensivo da força de trabalho sob condições laborais bastante precárias. A fixação do salário-hora em níveis incompatíveis com a manutenção e reprodução da força de trabalho obriga os operários a aumentarem a jornada de trabalho até níveis que parecem absurdos. No “serão” eles trabalham durante a noite e dormem no alojamento. A “virada”, considerada ainda mais

¹¹ Mais adiante discutiremos, de forma mais aprofundada, esse “sentir-se mal por ficar parado”. Esse mal se relaciona à possibilidade de “pensar na vida”: dívidas, sustento próprio e da família, ameaça de desemprego, o que parece gerar um grau elevadíssimo de angústia e ansiedade, que, em alguns casos, é aliviado pela ingestão de álcool (seja nos bares, geralmente dos bairros onde moram, em companhia de colegas ou nas próprias residências).

estafante, acontece mais na fase de concretagem ou quando se quer apressar a entrega da obra. Nesse regime, os trabalhadores emendam um dia de trabalho no outro, quase sem descanso, e, muitas vezes, são submetidos a isso por vários dias na semana (LIMA *et al.*, 2005). Como disseram os pedreiros de um dos grupos de discussão: “Fica o couro, mas leva o ouro!”; “Ruim pra nós, ruim pro patrão; bom pra nós, melhor pro patrão”.

1.4.3 O trabalho “sujo”

Aqui suja, não adianta, não resolve. A gente veste uma roupa limpinha de manhã, quando é hora de almoço já tá suja. É poeira demais da conta, tudo dá poeira: é maquita, é tinta, é tudo. Então, não tem condições de ficar limpo [...]. Se for trabalhar limpinho, não consegue fazer nada, não. Se for ter medo de sujar a roupa, aí não faz é nada. (servente)

Nesse tipo de trabalho, é inevitável sujar a roupa, o que pode provocar grande desconforto físico na maior parte do dia: “Roupa suja é um incômodo, parece que é um encosto que tá na gente” (armador) — além de repercutir na imagem que a sociedade constrói desse trabalhador. Em relação ao uso do transporte público quando voltam para casa, um deles manifestou seu desconforto: “É desagradável, e a gente fica até sem graça” (servente).

Um pintor relatou sentir muita vergonha diante das pessoas enquanto trabalha, e se sente constrangido quando tem que pintar apartamento habitado ou estabelecimentos comerciais em funcionamento, como foi o caso de uma confecção, de um restaurante e do próprio escritório da empresa X, onde já conhece quase todo mundo. Nessas situações, ele diz que sua pressão arterial aumenta e que fica trêmulo, além de não conseguir se alimentar direito na frente de pessoas que têm condição social superior:

[...] Cê acredita que eu nem consegui colocar comida no prato de tanta vergonha! Eu fui pegar o marmitex, lá é self-service, quando eu peguei a fila lá, aquele tanto de gente bem vestida e eu todo sujo de tinta, eu nem pus comida no prato direito (...) Não tem jeito não, eu vou ter que ir embora. Deixei o ticket lá (...) Pus só um tiquinho de comida. Depois à tarde me deu uma fome!!! Você tá vendo o que a vergonha faz? Que vergonha da minha

sujeira! É, eu tenho vergonha mais é do corpo. Esses shoppings, essa coisa, eu tenho vergonha de entrar. É uma coisa boba, mas a gente tem vergonha. (...) Por exemplo, esse ônibus que vai em classe alta eu fico com vergonha. Agora, de classe pobre, igual a minha eu não fico com vergonha não. (*apud* GONÇALVES, 2004, p.7)

Essa característica da atividade concorre para sedimentar o estereótipo do “peão de obras”, gerando desconfiança da população em geral, que confunde esses trabalhadores com mendigos ou até mesmo com bandidos.

Um mestre-de-obras, que estava na construção civil havia 31 anos e 22 na empresa X, contou que já foi ameaçado quando parou para admirar um dos prédios de luxo que ajudou a construir na avenida Álvares Cabral, em Belo Horizonte: “Quando o cara pára, assim admirado com o que fez, mas tá mal vestido, assim, ó [fez gesto apontando para si mesmo com roupa de trabalho], os porteiros olham torto mesmo, e são até capaz de chamar a viatura procê”¹².

1.5 A HORA DO ALMOÇO

Após descrever as principais atividades desenvolvidas até por volta das 11h00, podemos voltar ao canteiro: cinco minutos antes das 11h00 o barulho vai diminuindo e a movimentação fica concentrada nas escadas, por onde os trabalhadores descem, correndo, para o almoço.

Muitos fazem a refeição à mesa, no refeitório da área de convivência¹³; outros, preferem comer em locais “mais sossegados”. Em geral, alimentam-se rápido e, após a refeição, alguns ficam fora do canteiro, encostados na calçada, outros jogam truco e outros

¹² Esse depoimento remete à letra da música “Cidadão”, composta por Lúcio Barbosa:

Tá vendo aquele edifício moço/ Ajudei a levantar/ Foi um tempo de aflição/Eram quatro condução/ Duas pra ir duas pra voltar/ Hoje depois dele pronto/ olho pra cima e fico tonto/ Mas me chega um cidadão/ e me diz desconfiado/ Tu tá aí admirado/ ou tá querendo roubar/ Meu domingo tá perdido/ vou pra casa entristecido/ Dá vontade de beber/ E pra aumentar o meu tédio/ eu nem posso olhar pro prédio/ que eu ajudei a fazer.

¹³ As áreas de convivência são construídas em todos os canteiros da empresa X (e também da Y), e compreendem refeitório, banheiros e vestiário. Em alguns canteiros, é onde funciona a “escola”, programa de alfabetização oferecido aos empregados que quiserem estudar.

cochilam nas primeiras lajes. Os que gostam de cochilar queixam-se da algazarra feita pelos jogadores de truco.

O almoço é a principal refeição da construção civil: “Se ocê num traz, tem que comprar; ficar sem comida na construção civil, ninguém agüenta. O serviço já é pesado, cê já imaginou ocê ficar o dia todo só com o café da manhã?” (servente).

A grande maioria traz marmita; seu preparo faz parte da rotina diária, em casa. Às vezes, a tarefa de “tirar a marmita” é realizada pela esposa ou companheira. Utilizar a marmita, de modo a garantir que as refeições não estejam estragadas na hora do consumo, exige certa experiência. Um exemplo: “Eu tenho duas marmita. Se uma tá comigo pro serviço, a outra tá lá, porque aí ela faz a janta e põe na marmita. Marmita ocê tem que ter muito cuidado com ela, porque si ocê bate o feijão e colocou ele batido lá dentro [...] pode acontecer de azedar” (servente).

Segundo os trabalhadores, o controle do horário é rígido. Esse é um dos pontos que fazem com que se queixem da disparidade entre o que oferecem para a empresa e o que ela lhes dá em troca. Alguns chegam mais cedo para descer mais cedo para preparar o almoço: “A gente chega até [as] seis e meia; mas, se é na hora do almoço, ocê num pode descer lá pra baixo [...] se cinco pra 11 ocê tiver lá embaixo, Nossa Senhora!, já fala que tá almoçando mais cedo [...] falam que tem peão encostado, morcegando” (servente).

Eles justificam a necessidade desses minutos de antecedência: “Se 11 horas ocê vai no bebedouro, a água tá como se ocê tirasse da torneira; num tá fria mais, entendeu? Porque num dá tempo de gelar com um bebedor pra cento e tantas pessoas. [...] fazer suco com água quente é desagradável” (servente).

Durante as observações, foi possível perceber que alguns trabalhadores tomavam água nos capacetes, em lajes mais altas, distantes da chamada “área de convivência”. Essa prática é justificada por eles pela dificuldade em descer e buscar copos. Assim, usam o

capacete para beber água das garrafas térmicas que são levadas para os pavimentos superiores. E outros, que também ficam distantes de onde estão instalados os bebedouros e filtros, costumam beber água da mangueira que é utilizada para lavagem de materiais e na fabricação de concreto.

Segundo Lima *et al.* (2005), essa precariedade de condições de higiene e conforto se estende para além dos canteiros de obras. Os autores citam o exemplo de um servente que disse estar acostumado porque nem na sua casa tinha água filtrada.

A partir das observações e dos dados obtidos por outros instrumentos, não foi difícil concluir que a qualidade da alimentação dos trabalhadores da construção civil, cujo esforço físico é condição para a execução das tarefas diárias, está aquém do que necessitam para a reposição da sua força de trabalho. De acordo com Tenaglia (2004), eles consideram a alimentação no dia-a-dia insuficiente — café da manhã às 06h30 e almoço às 11h00 —, sendo que, para a maioria, a próxima alimentação só ocorrerá à noite, quando chegar em casa, porque, em geral, não tem dinheiro disponível para lanches. Ainda segundo a autora, alguns trabalhadores disseram sentir muita fome por volta das 14h30, e que esse é o momento em que mais acontecem acidentes, os quais atribuem ao estado de fraqueza em que se encontram.

Na empresa X, como parte do “programa de qualidade de vida”, já foi estudada a possibilidade de oferecer um café, à tarde; contudo, chegou-se à conclusão de que era incompatível com as exigências da produção, pois reduziria o ritmo de trabalho. Ou seja, a produtividade é prioritária, suplantando o investimento em bem-estar e, conseqüentemente, em segurança.

É na “hora do almoço” que começa a aparecer, no discurso dos trabalhadores, a menção ao uso de álcool pela categoria:

[...] o peão, em si, geralmente ele toma na hora do almoço. [...] não é de uma forma exagerada. Só aqueles que são assim mais viciados que dá pra você perceber. [...] Igual aqui: tem alguns que não trazem marmitta, aí vai no

restaurante próximo que tem, e ali vende pinga; aí, ele toma uma pinga antes do almoço — isso é sagrado, é real, existe mesmo e eu sou testemunha [...] eu tomo aquilo, aquela sagradinha, como se diz, antes do almoço; aquilo é habitual. Aí, cê toma **uma dosinha só pra abrir o apetite** — essa aí é pra abrir o apetite mesmo. [...] **se eu tomar a pinguinha, eu vou ter mais ímpeto pra almoçar, vou sentir mais o apetite.** [...] eu acho que abre o apetite. (empreiteiro)¹⁴

“Tomar uma para abrir o apetite” é senso comum entre os operários da construção civil. A maioria deles mostra conhecer esse hábito que, se não é prática própria, é de colegas próximos. Há quem afirme que a bebida antes das refeições (almoço e também jantar) ajuda a “abrir o apetite”, a deixar a refeição “mais saborosa”: “Nesse restaurante que eu vou, às vezes, não tem pinga. Cê alimenta bem, come a porção que você põe; mas se eu tomar a pinguinha, cara, ê, o pau quebra! Se for possível, eu até repito” (empreiteiro). Alguns disseram, num tom moralizante, que isso é “desculpa para beber”, estabelecendo uma polêmica que será tratada mais adiante.

Ao meio-dia, pontualmente, as atividades são retomadas. Em poucos minutos, tudo recomeça, e “o bicho pega”, “a pressão sobe”...

1.6 O FINAL DO EXPEDIENTE

De segunda a quinta-feira, se não há horas extras, as atividades são encerradas pontualmente às 17h00. Às sextas-feiras, o expediente acaba às 16h00.

O desconforto físico relatado pela roupa usada o dia inteiro e o constrangimento social de andar sujo e malcheiroso nos ônibus ou ir estudar sem ter tomado banho após o trabalho torna o banho no final do expediente bastante valorizado.

¹⁴ Foi entrevistado um empreiteiro que trabalha nos canteiros da empresa X. Ele iniciou a carreira na construção civil, em 1976, trabalhando durante uns cinco meses como servente junto com seu tio, que logo se tornou um empreiteiro. Assim, ele passou para a empresa do tio, assumindo funções mais administrativas, como encarregado de almoxarifado e almoxarife. Hoje, assumiu a liderança da empreiteira. O interessante é que, mesmo ele sendo de um nível hierárquico superior, seu depoimento revela proximidade com os dos outros operários e, por isso, os dados dessa entrevista serão relatados junto com os dos demais trabalhadores.

Conforme Lima *et al.* (2005), em relação às condições de higiene, como quantidade de instalações sanitárias e chuveiros para banho, a empresa X foi avaliada de forma positiva pelos trabalhadores: 62% dos trabalhadores que responderam ao questionário consideravam as instalações sanitárias boas e 59% entendiam que eram em quantidade suficiente para atender ao efetivo do canteiro. Isso leva a pensar acerca das condições de higiene em outras construtoras, pois, ainda que considerem as da empresa X como boas, nas observações e nos grupos de discussão ficou evidenciado que havia certo “congestionamento” nos banheiros no final da tarde.

Depois de terminada a jornada de trabalho, alguns poucos trabalhadores ainda vão estudar, uns na escola oferecida pela empresa X (alfabetização) e outros em outros locais, porque estão em níveis de ensino diferentes¹⁵. Os motivos relatados para não estudarem foram, além do cansaço, a inutilidade do estudo, seja para a execução do próprio trabalho, seja pelas perspectivas limitadas de progredir na carreira ou mudar de setor de trabalho. Aqueles que têm filhos tendem a ocupar-se da instrução destes, em detrimento da própria. Contudo, mostram preocupação com a tendência do mercado da construção civil de exigir o ensino médio completo.

Foi possível perceber que, apesar do incentivo da empresa ao estudo, com escola no canteiro, havia alguns limites para a adesão dos empregados, devido às características “inerentes” à própria atividade na construção civil. Ilustrativo desse limite é o depoimento de um almoxarife, de outra construtora — a qual já teve escolas de alfabetização nos canteiros e as extinguiu —, que expressou bem as dificuldades:

Veja bem: tinha lanche; ou muçarela, pão e refrigerante ou salame; pão e refrigerante; apresuntado, pão e refrigerante. Mas tinha dia que você chegava na sala de aula, o professor tava dando aula pra um, os outros... o pessoal tinha lanchado e tinha ido embora. E aí? Desinteresse do próprio pessoal. [pausa longa] Fazer o quê? Acabar.

¹⁵ Ver, no Anexo II, quadro relativo ao grau de estudo dos empregados dessa empresa em 2001.

Vale frisar que esse trabalhador atribuiu o final do benefício ao desinteresse dos colegas. No entanto, outros determinantes, como o cansaço e a falta de perspectiva de crescimento profissional, podem ter levado à desmotivação desses trabalhadores.

Um hábito bastante comum na categoria é, ao final do expediente, reunirem-se em bares — mais tradicionalmente em dias próximos ao final de semana — ou ir parando neles, ao longo do trajeto para a casa, “tomando uma” para o corpo “voltar ao normal”, para “relaxar”:

[...] cê salta do ônibus, aí já salta de frente [pro bar], aí tem os amigos e ‘Ô, Baiano, vem cá’. Aí não tem jeito, cê tem... Então o seguinte [...] aí tem aquela música do Reginaldo Rossi, que diz: ‘num bar todo mundo é igual’, né? Cê tá num bar, não é diferente de ninguém; se você tá ali, você se torna igual a todos ali, por isso você nivela dentro duma... Aí você faz uma classe ali dentro. [...] Cê vai mais por uma questão de amizade. [...] Mas ali é bom: cê fala de futebol, fala de mulher, fala de política — enfim, ali se resume tudo. Se você não sabe de uma notícia, cê chega ali, cê fica sabendo, né? Se você não sabe que fulano tá traindo alguém [...] é no bar que você sabe das coisas. Muito melhor do que assistir o jornal, porque ali você sabe de futebol, quem ganhou ontem. Todo esse papo é regado a cerveja, é lógico, né? [...] você vai pelo... principalmente a cerveja. [...] essas conversas que surgem é uma consequência de você tá ali. (empreiteiro)

[...] o beber no capricho é isso aí. Beber sozinho, aí cê começa a ficar pensando, sua cabeça enche de problema, aí cê começa a ficar triste e tal. Agora, cê tando com alguém, cê tá bebendo pra ficar alegre; cê fala uma mentira, outro fala outra mentira. [...] futebol, política, mulher... Ficou chapado, aí vai falando mentira, tá todo mundo na lona, não tá acontecendo nada [no caso, sobre mulher] e o cara tá ali, balangando o beijo à toa [risos]. (pedreiro)

1.7 CHEGANDO EM CASA

[...] quando eu chego, tomo umas duas [pingas] ali, fico sossegado, assistindo uma novelinha. [...] Tipo assim: vou tomar uma aqui pra **relaxar o corpo** e jantar, né? [...] Relaxa, com certeza! [...] cê **fica bem mais leve, mais alegre**. (pedreiro)

Muitos falaram que, após o jantar, ficam vendo televisão, mas, durante a maior parte do tempo, cochilam diante da TV. Outros, casados ou que têm companheiras, disseram

que estas costumam reclamar que eles dão pouca atenção a elas e aos filhos. A alegação mais referida para a pouca atenção dada à família foi o cansaço, sendo que alguns tentam compensar essa “presença ausente” nos finais de semana.

1.8 OS FINS DE SEMANA

Alguns disseram fazer questão de ficar com os filhos e esposas/companheiras, visitar a sogra ou ir à igreja com a família. Mas nem sempre se sentem bem realizando essas atividades: “Gosto de ficar quietinho, sem fazer nada, de tão cansado” (pedreiro). Alguns disseram que gostariam de dar mais atenção à família, mas que ficam tão cansados que acabam “quietos no seu canto”.

Outros aproveitam os fins de semana para trabalhar mais: fazendo “bicos”, ajudando amigos a construírem suas casas (esses eventos geralmente são acompanhados de reuniões de confraternização) ou ocupando-se da construção de suas casas próprias.

Alguns disseram adorar jogar futebol. Outros, que gostam de freqüentar bares no próprio bairro. E outros, que unem as duas coisas: “Domingo, a gente sai do campo e já sabe: é, é gole mesmo. Pra chegar em casa ruim” (*apud* LIMA, *et al.*, 2005, p.103).

Para alguns, as formas de divertimento que incluem bebidas acabam gerando desavenças em casa. Disseram que as esposas/companheiras “não entendem”: “Se eu for no boteco tomar uma pinga... Todas as mulher não gosta que homem bebe, todas as mulher num gosta que o marido bebe” (servente).

Contaram que elas se queixam — ainda mais do que durante a semana — da sua falta de atenção para com elas e com os filhos, e que costumam ficar apreensivas quanto ao dinheiro gasto nesse divertimento. Disseram que essa já é uma preocupação constante entre eles e que, por isso, a cobrança em relação ao dinheiro os deixa muito irritados:

[...] normalmente, o cara que tem família, ele trabalha com o dinheiro dele já sabendo, já entra o mês dele sabendo que que ocê tem que fazer com o seu dinheiro, uai. Porque... igual, se ocê gastar aí, vamo supor, igual eu, ele, ele [aponta alguns colegas], nós sempre toma uma cerveja, aquele dinheiro daquela cerveja ali você tem que saber o que tem que fazer em casa, pra aquele dinheiro ali sobrar e num faltar dentro da sua casa. (servente)

Nem sempre a preocupação mútua com a manutenção do lar é suficiente para que o casal consiga se entender:

É por isso que tem hora é que dá o estresse na gente, porque a gente faz, trabalha o mês inteirinho já pensando o que tem que fazer; aquele dinheiro que sobra ali, é lógico que ocê tem sua liberdade, tem o seu direito, aí cê vai e toma uma cerveja com aquele dinheiro que tá sobrando, você já fez o que tem que fazer em casa. Aí a mulher chega, cê tá lá, a mulher chega e já começa a jogar na sua cara, lá, que cê tá gastando dinheiro à toa. (servente)

Em alguns casos, o dinheiro insuficiente e a falta de perspectiva de mudança do padrão de vida acabam por intensificar o problema, formando um ciclo vicioso:

[...] aí é... bom, aí o que que dá? A pessoa, se ela já trabalhou, já cuidou da casa, já pagou as conta e sobrou um dinheirinho, cê foi lá e tomou uma cerveja, a mulher chega e quer impor aquele troço ali também, aí o homem estressa e fica nervoso, aí vai lá, igual ele falou mesmo [refere-se ao que havia dito um colega], e caba de tomar um restante, lá, pra poder... (servente)

Segundo eles, algumas esposas “têm até crise de ciúmes”, achando que o fato de demorarem muito no bar está relacionado ao interesse por outras mulheres:

Vamo supor: cê sai, ‘Vô ali no bar, daqui dez minutos eu volto!’; cê vai, toma uma, chega um colega, bate papo, toma outra, toma outra, aí vai, horas, horas, horas... E a mulher: ‘Cê falou que ia gastar uma meia hora e tá chegando aí agora?’. Mas ela num sabe; aí, no caso, ela vai pensar assim: ‘Essas mulherada que ocê arrumou na rua’. Sempre é assim — quer dizer, no meu caso é assim, né?

Ao que parece, todos esses conflitos são compensados pelo prazer de estar no bar. Ali “é só alegria” e, por isso, “esquecem da vida”. Além disso, para beber muito não é preciso ter dinheiro, porque cada um que chega paga mais uma cerveja — ou, às vezes, deixam a conta “pendurada”, o que pode gerar dívidas.

Entre todos, apenas um operário disse que, durante os fins de semana ocupa-se com uma criação de pássaros; e apenas um disse que vai pescar.

Muitos deles disseram que não agüentam ficar parados, porque se ficam sem fazer nada são invadidos pelas preocupações com a vida e com o trabalho. Um operário falou que, no domingo, “só descansa, mas mesmo assim não é suficiente [...], pois a cabeça só...” — e fez um gesto dando a entender que a cabeça trabalha o tempo inteiro e que, portanto, esse dia de folga não é suficiente para descansar.

1.9 A SEGUNDA-FEIRA

A segunda-feira é, no senso comum da construção civil, o dia da ressaca, o dia da semana em que mais acontecem faltas ao trabalho. É também o dia relatado como o mais difícil de “entrar no ritmo”.

Dos 111 empregados da empresa X que responderam ao questionário, 23% disseram que os colegas faltam na segunda-feira devido à ressaca, por terem bebido em excesso no fim de semana. No entanto, se isso se aplica para explicar alguns (ou vários) casos, certamente não serve para explicar todos. Um pedreiro estava indignado com a generalização feita por um mestre-de-obras, que

[...] falou que podia ser claramente de eu ter faltado por causa de cachaça [...] não só pra mim, mas falou com nós no Minuto, lá, que se eu tinha faltado, a carapuça serviu pra mim. [...] ele falou [...] porque se ele adoeceu na segunda, na terça ele tem que tá doente; se faltou na segunda-feira, é cachaça, é doença de cachaça. [...] ele não sabia que eu tinha faltado pra levar minha mulher no médico.

O que há de problemático, aqui, é que essa generalização foi feita durante o Minuto da Segurança, e, segundo os trabalhadores — pois outros confirmaram o relato desse pedreiro —, em tom de repressão. De qualquer forma, segundo os mestres-de-obras há uma

dificuldade ímpar em promover a adesão dos operários ao trabalho na segunda-feira, em função do contingente de mão-de-obra diminuído e do ritmo de trabalho reconhecidamente (pelos próprios operários) mais lento nesse dia da semana.

Por outro lado, havia operários que consideravam a segunda-feira como o “melhor dia do Minuto”, o “dia mais importante da semana”, seja porque ficavam sabendo da programação da semana, seja porque reviam os colegas de trabalho.

A segunda-feira é ou não um dia de muitas faltas? As faltas são ou não são causadas pela bebida?

Os dados desta investigação apenas permitem dizer que, considerando-se o discurso dos trabalhadores e de outros profissionais da construção civil, como engenheiros e profissionais de RH, a segunda-feira é um dia de muitas faltas ao trabalho e de ritmo mais lento, ambos atribuídos ao uso excessivo de bebida alcoólica nos fins de semana. Porém, não existe, no setor, tradição de levantamento da taxa de absenteísmo¹⁶, sobretudo por dia da semana, o que impede uma conclusão definitiva sobre a questão, apesar de significativos indícios de que o problema efetivamente exista.

Excepcionalmente, na empresa Y, por ocasião da implantação do PUDE (já mencionado), o gerente de RH fez um acompanhamento das faltas de janeiro a dezembro de 2003 e colheu depoimento dos sete encarregados e dos sete mestres-de-obras contratados pela empresa¹⁷. Assim, verificou que a maior frequência de faltas ocorria nas segundas-feiras e que todos os entrevistados foram unânimes em afirmar que elas tinham acontecido por causa do consumo de bebida no fim de semana. Esse gerente faz parte de um grupo de profissionais de RH das 14 maiores construtoras de Belo Horizonte e disse que só a partir de 2005, quando

¹⁶ Encontra-se em Vaissman (2004, p.30) uma síntese do conceito de absenteísmo, sendo este “representado pelas faltas não autorizadas, licenças por doenças, faltas de curta duração, com ou sem comprovação médica, faltas freqüentes nas segundas, sextas-feiras e nos dias que antecedem ou sucedem feriados, dias de trabalho extra para compensar faltas; faltas por doenças vagas como resfriados, gripes e enxaquecas (Kurtz, Googins; Howarde et al., 1984; Araújo, 1986; Jenkins, 1986; Casswell et al., 1988)”.

¹⁷ Em janeiro de 2004 o SESI apresentou uma proposta de implantação do PUDE para a empresa Y, que a aceitou prontamente. A empresa reconheceu, assim como a empresa X, que o uso de álcool entre seus trabalhadores era motivo de preocupação.

levou a idéia para o grupo, essas empresas começaram a fazer levantamentos da taxa de absenteísmo mensal, já que o levantamento por dia é extremamente trabalhoso.

Do fato de a segunda-feira ser o dia da semana em que mais ocorrem faltas, as quais geralmente são associadas ao uso de álcool, resultam prejuízos (supostamente) causados pelo uso dessa substância, os quais são amplamente divulgados na mídia e também no meio empresarial (em geral, por instituições adeptas do “discurso antidrogas”), gerando demanda por intervenções que “ajudem as empresas a lidarem com esse problema”. No entanto, conforme já foi dito, os dados coletados nesta investigação são insuficientes para chegarmos a uma conclusão a respeito.

1.10 OUTROS ASPECTOS QUE FAZEM PARTE DA CONDIÇÃO DE TRABALHADOR DA CONSTRUÇÃO CIVIL

1.10.1 A entrada no mercado de trabalho pela porta da construção civil

Conforme Lima *et al.* (2005, p.93), “a maioria das pessoas que chegam de outros estados ou cidades do interior procurando emprego (no questionário, vimos que 86% dos sujeitos eram nascidos no interior) acabam se instalando na construção civil, não por escolha, mas porque é o primeiro trabalho que conseguem”. Isso acontece sobretudo porque a construção civil é tida, por quem não tem qualificação nem escolaridade, como a melhor opção no mercado formal de trabalho. Segundo o depoimento do presidente do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil:

98% vem do Vale do Jequitinhonha, do Vale do Aço, do nordeste — Bahia, principalmente da cidade de Paulo Afonso. O trabalhador do sul de Minas vai para São Paulo. O de Juiz de Fora, para o Rio de Janeiro. De Monlevade pra lá, vem pra cá: Açucena, Valadares... (*apud* LIMA *et al.*, 2005, p.93)

Apesar de a construção civil ser referida como “porta de entrada” no mercado de trabalho, foi digna de nota a dificuldade relatada para entrar nesse mercado na época atual, como mostra o depoimento de um trabalhador:

[...] Agora nem na construção civil não tá achando mais, é raridade. (...). Eles vêm à procura de um emprego, só que tem que quando eles chegam, eles não acham a função que eles exercem. Aí, eles têm que procurar... Vou passar fome? Eu não vou. Cada um pega a primeira coisa que vê na frente. (*apud* Lima *et al.*, 2005, p.92)

Outra dificuldade comum é expressa naquilo que chamam de “sujar a carteira”, que significa uma carteira de trabalho com vários registros em um período menor que um ano. Um servente contou que “Eles tão pedindo carteira de um ano pra cima”, o que foi confirmado por outros trabalhadores:

Um ano, a carteira fica mais ou menos — não, de um ano pra cima, já fica bem boa. [...] eles costumam pedir experiência [...] na carteira, até de dois anos. [...] eu mostrei essa e eles falaram: ‘Não, mas aqui tá pedindo carteira de um ano pra cima; pedindo carteira de um ano pra cima e primeiro grau completo’. Primeiro grau! [...] Eu falei: ‘Gente, pra que isso? Pra mexer concreto? Se eu tivesse primeiro grau eu não ia procurar obra pra trabalhar com concreto, não, uai, eu ia procurar ao menos um... qualquer outro serviço mais leve, mas não ia procurar isso não, uai. Quem tem primeiro grau não olha pra aqui não, cês tão querendo gente pra trabalhar no escritório. [...] Pra mexer com isso aí não precisa estudar não, qualquer um sabe mexer com isso’. (servente)

Esse servente observou outra dificuldade da categoria em relação ao primeiro emprego na construção civil, na época atual: a “carteira boa”, que o *mercado* está exigindo:

[...] a pessoa vem do interior, a primeira vez, pra trabalhar aqui. Como que a carteira dele pode ter um ano de ficha de construção civil? [...] Ele trabalhava na roça, lá, sem fichar, que na roça não existe esse negócio de fichar. Como que a carteira dele pode tá boa? A carteira dele tá branca de tudo, nunca foi assinada. [...] Se a pessoa chega com a carteira branca, eles voltam pra trás. Vai ficar à toa? De que que ele vai aprender? Não tem jeito de aprender nada não, uai. Então, é muito difícil.

Assim, as exigências das empresas vêm mudando, principalmente em função das normas de certificação, as ISOs:

Era mais fácil antigamente. Hoje em dia, tá bem mais difícil. Hoje em dia, você tem que saber ler, escrever... Pra você ter uma profissão, hoje em dia, você tem que ter... o nada é uma sexta série hoje em dia. Não dá logo pra um cara que não sabe fazer nem o nome dele. (*apud* LIMA *et al.*, 2005, p.94)

Apesar disso, a construção civil ainda aparece como a melhor opção para quem perdeu o emprego em outros setores:

[...] Há uns anos atrás, eu oferecia [restos de ferragens] pra esses catadores de papel, e o cara não queria: ‘Eu não quero isso não, pra [não] carregar peso; eu quero é papelão’. Hoje eles ficam brigando por causa de uma folha de papel, por causa de uma lata velha. E, hoje, o que você mais vê é catador de papel na rua, porque, hoje, 30 anos pra um metalúrgico, é velho; pra conseguir trabalhar de ajudante [de metalúrgico] você tem que ser novo e tem que ter segundo grau. Se você não tem, você vai pra onde? Pra onde você vai? Construção Civil. [...] a pessoa trabalhou numa metalúrgica por 15 anos, foi mandado embora, tem mais de 40 anos; ele era um ajudante, ele não vai arrumar mais serviço, ele tem que trabalhar. Pra onde ele vai? Construção civil. Não tem como! Não tem emprego pra todo mundo! (almoxarife)

Depois de terem ingressado no mercado de trabalho formal pela “porta” da construção civil, as poucas perspectivas de progressão na carreira, de melhoria de vida, fazem com que, na maioria dos casos, desejem sair do setor.

1.10.2 A instabilidade no trabalho e o desemprego

Segundo Lima *et al.* (2004), 39% dos trabalhadores, independentemente de serem contratados pela empresa X ou empreitados, declararam não ter estabilidade no emprego, o que indica que o tipo de contrato (formal ou não) não influi no sentimento de insegurança, que parece ser geral:

O branquinho tá vindo por aí. [...] É o aviso, né? [...] Logo a gente pensa, assim calado, né?, às vezes comenta com o colegas, né? [...] ‘Mandou fulano [embora], então o nosso também deve tá vindo por aí’. [...] a gente fica meio no ar. Desempregado é... para depois correr atrás de outro não é fácil, né? (armador)

Essa fala expressa bem o sentimento de insegurança que faz parte do cotidiano desses trabalhadores. A instabilidade no trabalho e a ameaça de desemprego apareceram nos grupos de discussão e em todas as entrevistas. Vários trabalhadores disseram que não passam um dia sem ter em mente a preocupação relativa à possibilidade de ficarem desempregados.

A alta “rotatividade” da mão-de-obra é outra característica do setor que contribui para o sentimento de insegurança, fortemente rejeitado por eles: “o bom é acordar e saber pra onde vai” (*apud* LIMA *et al.*, 2004, p.26).

Os empreitados que prestam serviço para a empresa X são obrigados a ir de uma obra a outra, desde que elas sejam na região metropolitana de Belo Horizonte. No questionário, 24% dos contratados dessa empresa e 21% dos empreitados relataram haver muitas transferências de canteiros.

Na empresa Z, os operários regulavam sua permanência no emprego e também o local onde estariam no dia seguinte (caso ainda estivessem trabalhando) em função da quantidade e do valor dos vales-transporte que recebiam ao final da jornada de trabalho.

As dificuldades para se manter empregados ou conseguir bons empregos levam alguns a adotar a prática de “puxar o saco e tentar pisar em alguém” (empreiteiro). Emergiu no discurso dos trabalhadores a figura incômoda do “traíra”. Contaram que as “trairagens” são muito comentadas, “regadas à cervejinha” no final do expediente:

Existe o traíra: o cara se sente inseguro ali e aparece um cara que, às vezes, tá tendo um rendimento bom, e, muitas vezes, os encarregados, a chefia, tá gostando mais daquele cara, então o cara procura derrubar aquele cara [...] aí se torna a traíragem: ‘Pô, vou ter que arrumar uma forma de foder aquele cara pra que ele vá embora, e eu fico aqui, eu tenho meu emprego garantido’. Isso aí existe muito, existe muito. [...] Tem alguns que leva até presentinho pro encarregado. Você sabe que o peão da construção civil gosta de tomar uma cachacinha. [...] Muitas vezes, o cara vai lá pro interior e então, pra puxar o saco do cara, aí traz um litro de pinga, um queijo, um requeijão. Então assim, dessa forma, pra segurar a estabilidade. E, de uma certa forma, consegue. Existe muito. (empreiteiro)

Vê-se, nesse relato, que o ato de presentear os superiores com álcool representa uma estratégia valorizada e reconhecida como fortalecedora de vínculos interpessoais e, talvez, seja um dos diferenciais para a manutenção do emprego.

Esse relato é representativo de muitos outros, feitos nos grupos de discussão. Apesar disso, nesses grupos os trabalhadores ressaltaram a importância do companheirismo e da boa convivência para o desenvolvimento das tarefas, já que estas são interligadas e cada trabalhador depende e/ou completa a realizada por outro, além de comentarem sobre o clima “alegre” e amistoso presente entre os colegas de trabalho no dia-a-dia.

Alguns disseram que, para entrar em uma “boa empresa”, como a X, as dificuldades estão aumentando, uma vez que, comumente, as contratações são feitas por indicação de alguém “de dentro da empresa”: “Igual o rapaz aqui falou e o outro aí falou, eles entram na X aí através de um parente. Hoje em dia, está assim. Na firma que eu trabalho também está assim. Se não tiver parente dentro dela, não tem serviço, talvez pode ter a vaga” (*apud* LIMA *et al.*, 2004, p.36-37).

Segundo um almoxarife entrevistado,

[...] um servente de pedreiro ganha 300, 400 reais por mês, tem mais uma cesta básica. [...] agora, com esse desemprego aí, ah, o cara fica aí de porta em porta, procurando serviço, não acha. [...] Se você perder o emprego, você tem outros meios de viver, de tentar um outro lado. Agora, um servente, ele não tem não. [...] Ele não tem como fazer isso, ele só sabe carregar, fazer massa, coitado, carregar. Muitas vezes, ele é analfabeto, escreve o nome mal. Como que ele vai fazer?

Uma das formas referidas por eles para sobreviver fora do emprego até empregarem-se novamente é viver com o seguro desemprego, fazendo “bicos” enquanto não conseguem “fichar”, isto é, terem carteira de trabalho assinada de novo:

Tô trabalhando lá sem fichar. Eu tô pegando seguro desemprego. [...] se for pra mim ir fichado, eu não vou não. Se for fichado eu não vou porque vou perder o seguro desemprego, e, se fosse serviço pra muito tempo, até eu não importava de perder o seguro, não, mas é serviço pra uns dois ou três meses

só, aí eu vou sujar minha carteira, o serviço vai acabar, aí eu não vou conseguir emprego noutra lugar porque minha carteira tá ruim. (servente)

A dificuldade de ter acesso e de manter o emprego na construção civil é atribuída a vários fatores, entre eles a crise no mercado de edificações e o aumento das exigências para contratação, como ensino médio completo, experiência de pelo menos um ano registrada em carteira e o fato de as contratações serem feitas por indicação. Ao que parece, os laços “de conhecimento” aumentam as chances para a obtenção e a manutenção do emprego. A idade também foi relatada como um dos dificultadores: “Na verdade, está assim mesmo. Se você tem 20 anos e não tem experiência, ninguém pega. Mas se você já tem 40 anos, tem experiência, ‘tá velho’. Ninguém quer” (*apud* LIMA *et al.*, 2004, p.37).

Assim, percebe-se que nem mesmo esse setor está sendo capaz de manter ou incorporar o grande contingente de mão-de-obra desqualificada disponível.

1.10.3 As perspectivas (não) oferecidas pelo trabalho

As características do trabalho (perigoso, pesado, ruim, sujo, estressante e instável), os salários baixos e as dificuldades de obtenção de promoções parecem ser os fatores que concorrem para a desmotivação em relação à atividade que se observa na maioria dos operários da construção civil. Essa falta de perspectivas parece alimentar o desejo de “sair da construção civil”.

Os dados constantes em Lima *et al.* (2005, p.90) corroboram a dificuldade de obter promoções: “42% dos trabalhadores declararam ser difícil subir de cargo e 22% acham que promoções só são possíveis ‘com peixadas’. Portanto, para 64% dos trabalhadores da empresa X e das empreiteiras, ser promovido é algo muito difícil e distante”.

Depreende-se que a instabilidade no emprego e a baixa perspectiva de promoção fomentam o desenvolvimento de um clima de desconfiança, medo e trapaças, e os boicotes

entre os pares (as “traíragens”). Isso faz com que grande parte dos trabalhadores deseje sair do setor, apesar de muitos deles terem relatado sentir uma espécie de “aprisionamento” na construção civil, pois consideram que é muito difícil conseguir emprego em outro ramo:

Eles têm um ditado: que quem bebe água no capacete não sai da construção civil. [...] Pode perguntar aí, deve ter umas 100 pessoas aí. Pergunta aí se quer continuar trabalhando na construção civil. Ninguém fala que quer. Ninguém. Todos só pensa em sair. (carpinteiro)

Eu, pra mim sair da construção civil, só não topo matar e roubar; o resto eu faço qualquer coisa. (servente)

Isso ocorre porque a maioria começou jovem nesse tipo de trabalho, sem escolaridade e sem qualificação. Com as dificuldades de progressão na carreira, as atividades que começaram exercendo continuam sendo as únicas que sabem fazer, o que torna improvável a absorção desses trabalhadores por outros setores da economia.

Outra dificuldade relatada foi a falta de tempo para procurar outro serviço: “Tenho que trabalhar e, do jeito que é, não dá tempo de procurar outro serviço” (servente).

Eles sabem que são remotas as chances de sair da construção civil e, por isso, concluíram que uma das maneiras de lidar com essa realidade é aprender a gostar dela:

[...] igual eu falei: cê entra... seria um recurso imediato para você entrar [porque precisa trabalhar para ajudar a família e é a primeira opção que costumava aparecer sem exigir estudo e qualificação], mas uma coisa parece que te cativa. [...] já pensei várias vezes: ‘Pô, vou sair da construção civil; pô, eu vou sair’ — mas cê não vê outra saída, parece que tem um ímã lá, que te prende, e cê tenta. Aí, cinco anos atrás, eu falei: ‘Vou sair disso aí, procurar outra coisa; vou largar’. Mas tô aí até hoje [risos]. [...] a construção civil... cê aprende a gostar também, e cê faz muita amizade, entendeu? Deixa muitos amigos, faz muitos amigos. [...] **A gente sai, vai tomar uma cervejinha — que ninguém é de ferro, né? —, aí consolida essa amizade assim, vai concretizando [...].** (empreiteiro)

Parece que muitos operários vêm com clareza a exploração de sua força de trabalho até o esgotamento e têm consciência do fato de serem mão-de-obra descartável: “Mas

eles não têm dó de ninguém, não. Vale muito é quando tá trabalhando, né? Parou de trabalhar, não tá agüentando mais, não vale mais nada pra eles, não” (servente).

Eles percebem que os trabalhadores mais comprometidos e dedicados ao trabalho são também os mais explorados e os menos reconhecidos:

[...] em construção civil, menina, eu vou falar a verdade: tem valor é quem não trabalha. Os bons de serviço não têm valor não. [...] Puxação de saco, nossa! E quem trabalha mesmo, não tem valor, não. Morre de trabalhar e pra eles vale nada. E quem não faz nada, tem valor pra eles. Acho que eles não enxerga; eles não enxerga, não. O ruim tem tudo com eles, o bom, não. [...] se tem um serviço mais ruim ali, difícil, ele vai e chama aquele que é bom de serviço. Então aquele rabo de foguete vai sobrar todo pra aquele bom de serviço. [...] Todo lugar que eu trabalho, quando tem uma coisa enjeitada ali, eles costumam tirar o cara que tá ali e me leva pra lá. [...] Porque sabe que eu chego e, rapidinho, dou conta do serviço pra eles [...] e aquele ruim de serviço vai ficar dois, três dias ali. [...] Então tiram o ruim de serviço e põe ele numa moleza pra lá. (servente)

Essa consciência da exploração, da falta de reconhecimento social e financeiro pelo trabalho que realizam, apareceu como fonte de conflitos intrapsíquicos e como alimento para os sentimentos de menos-valia e a estima rebaixada.

1.10.4 “Agüentando humilhação”

O funcionário da construção civil sofre muito, sofre muito; sofre muita humilhação. É muita humilhação, na construção civil. A pessoa trabalha porque precisa mesmo. [...] Ah!, me sinto muito humilhado, só no domínio deles... (servente)

“Agüentar humilhações” parece ser parte importante do cotidiano do profissional da construção civil. As humilhações referidas vão desde “maus-tratos” de superiores, com mais freqüência de encarregados e mestres-de-obras, até, como já evidenciado anteriormente, aquelas relativas aos preconceitos que a sociedade tem a seu respeito.

Um exemplo desses “maus-tratos” de superiores, inclusive envolvendo risco de morte para o trabalhador, foi dado por um servente:

Ah, encarregado... costuma encontrar uns encarregado que não vale nada. [...] eu saí duma empresa com 13 dias, por causa do mestre. O mestre mandou eu e meu irmão subir num andaime que tava condenado. [...] Eu não subi, aí ele ficou de má vontade [...] e mandou eu descarregar um caminhão de madeira, peça de 15, sozinho — serviço que gastava uns quatro pra descarregar.

Nesse caso, o trabalhador demitiu-se porque uma empresa, que tinha um canteiro próximo, o convidou para trabalhar. Segundo ele, após 15 dias na nova empresa, teve notícia de que o tal andaime havia caído:

[...] eu falei: ‘Não vou trocar minha vida por uma mixaria, não. Eu não vou subir; se amarrar eu subo’. Aí, o andaime caiu mesmo. [...] **Na construção civil a gente sofre bastante. É muita humilhação porque esses que é mais se acha maior que a gente; eles quer fazer sapato da gente. A gente agüenta muita humilhação deles.**

Alguns disseram ser comum o encarregado falar que “Está ali é pra mandar mesmo; chega e manda, e fala que tá é mandando [...] Tem uns que sabe chegar perto de você e conversar com ocê. Agora, tem outros que não serve pra tratar nem com cachorro” (servente).

Em relação à visão que a sociedade criou a respeito dos trabalhadores da construção civil, em um estudo de caso individual realizado por Carvalho (2004) na empresa X o trabalhador afirmou que sua categoria profissional é marginalizada e muito discriminada e que não há reconhecimento do seu trabalho, o que faz com que a maioria se sinta constrangida diante de outras pessoas:

Hoje é que a construção civil está sendo vista, pela sociedade. Existe também hoje, os próprios clientes. Se ele chegou na obra, e vai visitar o apartamento dele, se tiver um ou dois funcionários dentro do elevador, ele não entra. Por quê? Porque é orgulho. **Então a pessoa se sente rejeitada na construção civil. Eu estou fedendo e tal? Fica pensando. (apud CARVALHO, 2004, p.21)**

Esse mesmo trabalhador comparou sua profissão com a de outros profissionais cujos salários são baixos mas que não sofrem esse tipo de rejeição:

Igual, vamos supor, uma recepcionista. Eu creio que o salário não é assim, tão alto. Se ela ganhar uns dois salários e meio, deve ser a base. Eu não sei mas deve ser. **Ela é mais bem vista na sociedade. Mas um funcionário, dentro da construção civil, que é muito desleixado. Ele trabalha todo rasgado, todo sujo...** (*apud* CARVALHO, 2004, p.21)

Ele também fez comparação entre aqueles que trabalham no escritório da construtora e os que trabalham na obra, dizendo que estes últimos, além de serem evitados pela maioria das pessoas, enfrentam dificuldades peculiares de interação social porque, geralmente, se sentem envergonhados diante de pessoas de classe social superior a sua.

Outro motivo para o sentimento de humilhação vem do descrédito em torno de sua palavra e da forma desrespeitosa com que são tratados (em algumas construtoras mais que em outras).

[...] até doença, que a gente falhar, eles acham ruim com a gente, quer mandar embora, parece que eles não acreditam, não. [...] Fala assim: ‘Não, gente doente não pode trabalhar, não’. Nunca vi... a pessoa tá empregada, todo mundo, ninguém é de ferro, não, uai, um dia adocece. Falhou, perde cesta básica, perde tudo. Levou atestado, perde cesta básica. (servente)

Além dessas situações, há diversos relatos sobre outras experiências vistas por eles como humilhantes. Contaram que, ao fazerem compras a crédito, por exemplo, o vendedor, quando constata na carteira de trabalho que são empregados da construção civil, só autoriza o crediário se tiverem avalista. A alta rotatividade no setor da construção civil e os salários baixos que oferece parecem ser os determinantes dessa prática comercial discriminatória e humilhante.

Os apelidos que geralmente são atribuídos a esses trabalhadores também servem para ilustrar as condições humilhantes às quais são submetidos: *peão, oreia, baiano, chifrudo*. Embora tenham dito que essas brincadeiras fazem parte do trabalho, como meio de lidar com “encheções” e “aborrecimentos”, servindo para “descontrair o clima”, não é possível deixar de perceber sua conotação pejorativa.

Soma-se a isso a atitude de alguns clientes, que contribui para que se sintam rejeitados e humilhados:

Já pensou, se você chega aí e faz um prédio, que nós constrói, aquele trem lindo, e chega um proprietário que se você está ali dentro, tem que sair para ele entrar. Porque tem aquele receio de entrar junto com o peão. Nós que fizemos! Só que a pessoa está deixada na vida, acabou. (*apud* CARVALHO, 2004, p.21)

Outro exemplo:

E também, ainda tem certas madames que chegam no prédio para visitar apartamento, elas põem até a mão no nariz. Isso humilha, é uma humilhação tremenda. Tem madames que, se elas vão olhar um apartamento, tem que ir uma pessoa acompanhar ela. Não vai sozinha de jeito nenhum. É o medo de alguém que estiver dentro e tal. Tem umas que é bem orgulhosa, viu? (*apud* CARVALHO, 2004, p.22)

Veremos, mais adiante, que a introjeção dessa condição de “peão”, reforçada pela dificuldade de deixar de sê-lo, saindo do setor da construção civil, somada às humilhações impostas por essa condição, é um fator que contribui para o alcoolismo na categoria.

1.10.5 A preocupação com as dívidas

Além das preocupações relacionadas à instabilidade no emprego, a falta de perspectiva de melhoria significativa na carreira e, conseqüentemente, de vida, as dívidas foram mencionadas, com maior ou menor ênfase, em todos os grupos de discussão e em todas as entrevistas. Eis dois depoimentos que relacionam esse problema ao uso de álcool:

[...] Fugindo da responsabilidade [...] aí recorre ao álcool. Na maioria dos casos é isso [...] problema de dívida, ué. (servente)

[...] aí que eu tava com umas dívidas atrasada [...] aí eu tomei umas duas cerveja, parei, fumei um cigarro, fiquei pensando o que que eu tinha que fazer, aí cheguei à conclusão de vim cá, conversei com eles aqui, fiz um empréstimo, paguei as minhas dívida. [...] Eu acho que a maioria das vezes que a pessoa leva a beber mais, assim, vai dum estresse, dum nervosismo. (servente)

No primeiro caso, o álcool aparece como “fuga da responsabilidade”; no segundo (junto com a nicotina), como auxílio no seu enfrentamento e no processo de tomada de decisão.

A existência de dívidas pareceu ser mais regra do que exceção, sendo que o fato de estarem endividados parece contribuir para o uso do álcool:

Ali, se ele está devendo dez, ele paga e já faz outra dívida. Aí, a vida dele só vai assim... ao invés de desembolar, vai embolando mais ainda. E até chega num ponto de perder a família, né? Às vezes, a mulher começa: ‘o dinheiro não deu para comprar isso, para comprar aquilo, e como para beber deu?’ Talvez ele não bebeu nem com o próprio dinheiro dele. Porque um alcoólatra se chegar num boteco, e ele ficou ali, ele não precisa nem levantar da cadeira para beber. Toda hora que vem, ele está bebendo, e sai de lá carregado, sem ter dinheiro. (*apud* CARVALHO, 2004, p.20)

CAPÍTULO II

OS ESTUDOS DE CASOS INDIVIDUAIS

Neste capítulo abordaremos as trajetórias de vida e de trabalho de dois sujeitos da pesquisa visando identificar mediadores que permitam compreender melhor como se deu (e se dá) a passagem entre as condições de vida e trabalho e os quadros clínicos de alcoolismo.

As histórias dos indivíduos foram reconstruídas a partir de seus próprios relatos, os quais foram cotejados com as informações sobre as condições de vida e de trabalho na construção civil obtidas na demais etapas desta pesquisa.

Na construção dos casos que se seguem, sempre que possível utilizamos os próprios discursos dos trabalhadores, pois, como diz Le Guillant (*apud* LIMA *et al.*, 2002a, p.215), “esta linguagem popular, fruto de uma experiência individual e coletiva direta” parece mais capaz de tornar perceptíveis os aspectos sensíveis das situações do que qualquer “descrição” — ‘do exterior’ — que se (possa) fazer a seu respeito”.

2.1 CASO 1: A HISTÓRIA DE JOÃO

Ao ser entrevistado, João estava com 49 anos e exercia a função de servente em um canteiro de obra da empresa Z. Sua história pessoal se confunde com a história de seu trabalho, sobretudo com seu trabalho na construção civil: “[Trabalho] desde novinho. Na época que eu tava na escola, eu já trabalhava”.

Ele iniciou seu depoimento dizendo estar preocupado, porque a empresa Z, com a alegação de que não iniciará novas obras por tempo indeterminado e em razão da dificuldade de vender os apartamentos prontos, iria dispensá-lo em breve. Apesar disso, considera que, em comparação ao seu passado, as preocupações referentes ao sustento da família

melhoraram, embora permaneçam, uma vez que na construção civil a pessoa pode ficar sem emprego a qualquer momento. Além disso, ele está ficando “velho”, o que torna mais difícil a inserção no mercado de trabalho.

João vive com uma companheira que já tinha dois filhos, os quais já são independentes. Disse que “fez o casamento” da enteada com um sobrinho dele e que o enteado já estava namorando uma sobrinha sua. É responsável por todas as despesas da casa, pelo aluguel e pela construção da sua segunda casa própria, pois a esposa não trabalha fora, segundo ele porque toma remédio controlado para pressão alta.

Relatou, com pesar, um desentendimento recente com o irmão mais novo, agravado pelo relacionamento difícil com a cunhada: “Somo parente e não dão certo. Eu morei com eles e ela me humilhava muito na casa deles”.

João viveu com esse irmão e a cunhada durante muito tempo, na cidade de Pedro Leopoldo, enquanto pagava um lote que ele e o irmão haviam comprado juntos, ao mesmo tempo em que construía, “devagarinho”, a sua casa. O desentendimento com o irmão teve como pivô essa casa e, como pano de fundo, o trabalho: João queria alugar a casa de Pedro Leopoldo e, com o dinheiro do aluguel, pagar aluguel de uma casa em Ribeirão das Neves, porque a passagem para Pedro Leopoldo é muito cara e as empresas da construção civil se recusam a pagá-la. Ponderou que, apesar de Ribeirão das Neves ser muito longe, é melhor morar lá porque as empresas ainda pagam a passagem. O irmão não aceitou a proposta, o que tornou necessário fazer um acordo na Justiça: João vendeu sua parte na propriedade para o irmão, que acabou alugando-a para um cunhado da esposa. Disse ter aderido logo ao acordo proposto pelo advogado, para evitar confusões, “porque nunca, nós nunca tinha discutido, nunca tinha confusão para nada, então, por causa de um porcaria de coisa à toa, perder a amizade, perder tudo, inclusive [...] arriscado acontecer até uma coisa pior”.

Assim, o irmão está lhe pagando “devagarinho, do jeito que quer”, em 50 prestações de 150 reais. Com esse dinheiro, paga um aluguel de 150 reais em Ribeirão das Neves, enquanto constrói, “devagarinho”, outra casa, dessa vez sozinho.

Para que isso seja possível, trabalha como vigia aos sábados à noite, porque é um trabalho em que pagam em dobro a hora extra: “É meio perigoso e tudo, mas... [...] não dorme nada, porque não tem jeito de dormir, não. [...] descanso domingo e volto na segunda-feira de novo. É, é bem cansativo, mas, vai indo, acostuma. Eu já não agüento é ficar parado mais, o máximo é um dia mesmo pra descansar”.

Ainda assim, João valoriza o fato de que, após ter se mudado para Ribeirão das Neves, está acordando às 04h00, pois quando morava em Pedro Leopoldo, durante sete anos, acordava, religiosamente, às 03h00.

2.1.2 Os primeiros anos de vida

João nasceu em 1956, em Governador Valadares, Minas Gerais, e, quando tinha um mês, a família mudou-se para Sabinópolis, também no interior desse estado, onde residiu até mudar-se para Belo Horizonte, há aproximadamente 29 anos. Seus pais tiveram sete filhos, dos quais os dois primeiros (um menino e uma menina) morreram ainda crianças. Ele é o quinto filho: “Na escadinha [depois dos irmãos falecidos] tem um irmão mais velho, tem a outra mais velha do que eu, tem eu, e tem outro — um outro abaixo de mim — e o caçula. Os dois irmãos mais novos também foram companheiros de trabalho na construção civil e de golo”¹, como costuma dizer.

Ele demonstrou sentir grande afeto pelos pais, e disse que foi difícil deixá-los quando veio morar em Belo Horizonte. Em sua fala, aqueles apareceram como alvo de

¹ Na época da entrevista, um deles continuava a trabalhar de carpinteiro na construção civil, na cidade de Barão de Cocais, Minas Gerais. Segundo João, esse irmão foi obrigado a parar de beber depois que passou mal e vomitou sangue, enquanto trabalhavam juntos em Monte Carmelo (MG). O outro irmão estava “encostado” pelo INSS porque tem bronquite.

preocupação e saudade até falecerem. Dois primos, filhos de uma tia materna, também são figuras presentes na sua história, especialmente no início de sua vida laboral, como companheiros de busca por emprego na construção civil e de “golo”. Devido às dificuldades que encontraram, esses primos não conseguiram ficar muito tempo em Belo Horizonte e voltaram a trabalhar na roça. Hoje, eles e um irmão de João são falecidos, e, segundo este, foi “bebida [que os] matou”².

João estudou até a quarta série do ensino fundamental, e fez questão de evidenciar seu empenho: “Na roça era muito difícil, né? Mesmo assim, estudei até a quarta série. Maior dificuldade: saía andando duas léguas de manhã pra ir estudar”. Desde pequenino as andanças têm sido uma constante na sua vida, uma vez que, na vida adulta, também andou muito, procurando por trabalho. Ele ainda caminha muito, mesmo quando está trabalhando, por causa da necessária economia de vales-transporte: diariamente, faz “bem mais de seis quilômetros” a pé, de manhã e à noite, na ida e na volta do trabalho, o que o leva a sentir-se extremamente cansado.

Ainda criança, em face das necessidades de sobrevivência da família, foi introduzido de forma “natural” no mundo do trabalho, já que se encontrava em uma época e em um lugar nos quais era normal o trabalho infantil. Cresceu esforçando-se para estudar e trabalhando para ajudar em casa. Foi nesse contexto que seus valores morais foram formados, e desenvolveu, desde cedo, um acurado senso de responsabilidade e uma forte noção da importância do esforço pessoal, através do trabalho, na luta pela sobrevivência. Esses traços de personalidade ficam cada vez mais evidentes ao longo de sua história, tornando-se pontos de apoio, mas também de conflito, durante o período de uso mais intenso de álcool, como exemplificado neste relato: **“Eu sempre bebia, mas sempre minhas coisas sempre tinha que andar em dias.** Sempre gostei dela em dias porque... Eu falava sempre: ‘Ainda, além de

² Na pesquisa realizada em Barbacena, embora não tenha apresentado significância estatística ao serem confrontados com as outras categorias, os trabalhadores rurais foram a segunda categoria mais numerosa para o diagnóstico de transtornos mentais ligados ao uso do álcool (LIMA *et al.*, 2002b).

ser pobre, mas tem que ser ao menos direito — pobre, bebedor de gole, mas tem que ser ao menos direito, uai””.

Outros trechos do seu depoimento evidenciam esses traços de personalidade:

[...] **Enquanto eu ingeri o álcool, eu não quis arrumar ninguém pra minha companhia.** [...] Eu não tinha pais. Enquanto eu tinha pai e mãe, tudo bem, eu pensava neles. [...] aí Deus levou, eu falei assim: ‘Agora é eu só’. [...] Eu bebia devera, mas sempre eu falava em parar, sempre eu tinha... **minha tensão era só falar em parar**, direto. Falava, mas não sustentava de jeito nenhum. Fazia aposta com meus primo pra nós parar. [...] quando assustava, nós... eles tava bebendo escondido, lá, e eu bebendo escondido cá, também.

Provavelmente, foi esse senso de responsabilidade que lhe permitiu usar o álcool durante anos sem que isso prejudicasse sua vida profissional. Ao contrário, conforme veremos, o uso do álcool auxiliou-o frente a diversas situações difíceis impostas pelo trabalho.

Quando se viu “dominado pela bebida”, esse senso de responsabilidade intensificou seu sofrimento, mas foi, ao mesmo tempo, um importante recurso psicológico, que o ajudou a reorganizar-se sem o uso do álcool e a manter-se abstinente até o momento da entrevista (por aproximadamente dez anos).

Ao que parece, João foi um adolescente “comum”, salvo a peculiaridade de sentir muito medo: “Na roça não tinha luz, não tinha nada. Eu não tinha coragem de sair de casa para ir nem uma distancinha de noite sozinho”.

Foi o interesse pelas mulheres e pela diversão com amigos que o impeliu a enfrentar esse medo: “Era coisa de idade mesmo. Eu tava com uns 17 anos, quase 18, já tinha feito alistamento... acompanhando moça pela rua, depois tinha que voltar sozinho, com medo. Arrumava as moça, mas tinha que levar companheiro comigo... com medo de andar de noite”. Seu impulso para divertir-se era balizado pelo compromisso com o trabalho, sendo que, na

época, já era significativa sua experiência com o álcool, o que lhe permitiu conhecer seus efeitos³:

Na época que eu não tinha coragem, eu fui com um colega... com dois primo meu [...] duas horas de distância, pra cidade. [...] Aí, quando deu meia-noite, tava muito escuro, pra chover, ninguém enxergava nada, não, de tão escura a noite. [...] Meus dois companheiro: ‘Eu não vou embora hoje, não, vou ficar por aqui mesmo’. Eu falei: ‘**Pois eu vou, eu tenho que trabalhar amanhã, eu vou**’. ‘Ah, não, rapaz, por que não vamo amanhã cedo?’. ‘Não, eu vou é hoje’. [...] No outro dia, inclusive, eu ia prantar roça pro meu tio. E tinha muito trabalhador lá, tinha a prantadeira lá, e eu não podia deixar de ir. [...] Eu falei: ‘**Pois eu tenho responsabilidade, eu vou embora — e eu não tinha coragem de andar de noite, não —, eu vou, se Deus quiser, eu vou**’. **Fui num bar, lá, e bebi uma pinga; bebi uma pinga grandona assim** [mostra com os dedos o tamanho da dose], e falei: ‘**Agora eu vou embora**’. Deixei eles na rua e rachei, fui embora. **Acabou o medo!** Vim embora, uma noite tão escura, não enxergava nada, não. Quando chegou no meio da estrada, no meio da viagem, veio uma tempestade ainda [...] A tempestade passou e... ainda, perto de uma cruz, ainda, de um moço que tinha morrido [risos]. [...] eles falava que ele aparecia, aparecia lá, aparecia assombração lá. E eu tive que parar mesmo em frente, lá, nessa cruz de Zezé de Alfrido, o tal Zezé de Alfrido.. [...] Não fiquei com medo, não. Deus ajudou, não apareceu é nada. Aí eu vim embora. [...] Quando eu assustei, eu já tinha passado a porteira pra baixo, tava lá embaixo. Aí relampeou, eu falei: ‘Tô passando pra baixo, então eu tenho que voltar’.[...] **Pra mim, que tinha medo demais da conta, eu falei: ‘Já tá bem bom, eu tô quase chegando já’.** A pinga dando coragem, mais coragem, né? **Mas a pinga sarou na estrada: n’eu tomar chuva, ela sarou.** Aí eu subi pra grota acima, chegou lá, nessa porteira do córrego, eu falei: ‘Agora é a porteira do córrego, meu Deus, passar lá...’. Aí, já tava ficando, **já tava bem com medo, porque a pinga já tinha sarado.** Falei: ‘Ai, meu Deus! Deus ajuda que eu chegue bem’. Eu chego nessa porteira do córrego, falei assim: ‘Se Deus quiser, eu passo bem’. Não quis nem abrir a porteira, **porque eu já tava com medo.** Eu falei: ‘Vou passar por baixo da porteira mesmo, pra não fazer zoeira’. Mas não podia, não dava pra abrir a porteira, não, tinha que passar por cima da porteira, porque tinha chovido tanto que tinha um córrego [...]. O córrego tava cheio, que de cá eu via a água passando lá do lado de lá, cheio. [...]. Eu sabia nadar [...] Aí eu entrei. Eu falei: ‘Pior é se vier garrancheira lá de cima, na enchente’. Aí eu entrei nesse trem, nadei, saí lá do outro lado, com a roupa e tudo [...] aí o sapato ficou agarrado lá dentro da enchente, lá na beirada, lá onde tava tudo cheio. Aí fui embora, e cheguei em casa. Cheguei em casa duas horas da manhã, e minha mãe: ‘Nó, mas cê chegando uma hora dessa? É, uma hora dessa!’. Todo molhado, tremendo.

João lembra que a mãe o acolheu com carinho, dizendo não ter dormido até aquela hora porque estava preocupada com ele; recomendou-lhe um banho quente e, enquanto ele o

³ João disse que seu primeiro contato com bebida (cachaça) foi aos 15 anos e que, na roça, isso é muito comum. Isso foi confirmado por vários depoimentos de outros trabalhadores de origem rural que participaram desta investigação.

tomava, preparou-lhe um café. No dia seguinte, ele acordou com “calombos” nas costas devido às pedras que o atingiram durante a tempestade. Disse ter contado à irmã, ao cunhado e aos colegas a façanha que tinha empreendido sozinho e “com Deus”.

Especialmente interessante foi o comentário do cunhado sobre essa noite: “Uai, então agora cê virou homem, né?, aprendeu a andar de noite”. João confirmou a percepção do cunhado — o que sugere que aquela noite teve, para ele, uma conotação de “ritual de passagem” da adolescência para o mundo adulto, além de ter lhe permitido aprender que o álcool ajuda a combater o medo:

Só que, dali pra cá, eu aprendi a andar de noite também. **Mas animei vir porque eu bebi a pinga lá [na cidade], ela me deu coragem. Se eu não bebo lá, na hora, pra mim ter coragem, eu não vinha, não.** Não vinha, não, porque eu ia ficar pensando, porque tinha que passar perto de um matadouro [...] que tinha uns cachorro que, eu vou falar a verdade, muito bravo; e eu passei lá bem, graças a Deus. Tinha um outro, lá, que... passava no meio da estrada, tinha umas onça que atravessava lá; costumava gente achar umas onça no meio da estrada, lá; e eu passei e não vi nada. **Se eu não tivesse bebido, eu ia lembrar disso tudo e não ia... não descia mesmo, deixava pra mim descer no outro dia cedo e pegar serviço mais tarde, mas não descia, não, não tinha coragem. Aí que eu falo: a bebida dá coragem, muita coragem! A pessoa, se tiver bebido, se não tem coragem de fazer alguma coisa, só enquanto ele tomar um gole ele já tem coragem de fazer aquilo.**

Seu relato revela como o álcool, naquele momento, teve um papel fundamental para lhe conferir *coragem* e enfrentar o medo de andar sozinho à noite. É importante ressaltar também que o motivador para o enfrentamento do medo foi sua responsabilidade para com o trabalho, pois recorreu à bebida para honrar seu compromisso no dia seguinte.

2.1.3 A vinda para Belo Horizonte

Em 1976, quando João tinha por volta de 21 anos, seu cunhado veio de Sabinópolis tentar a vida em Belo Horizonte, pois havia se desentendido com o patrão, na

roça, e acabou conseguindo emprego como ajudante na construção civil⁴. Depois de alguns meses trabalhando longe da família, buscou a esposa e vieram residir em Pedro Leopoldo, na região metropolitana de Belo Horizonte, trazendo João. Este marca a cronologia das fases de sua vida através das datas que constam em sua carteira de trabalho: “Quando eu vim pr’aqui eu já tinha idade pra trabalhar fichado”.

Sua entrada no mercado formal de trabalho⁵ foi bem fácil, já que a empresa na qual o cunhado trabalhava precisou de mão-de-obra e ele indicou João, que foi logo admitido. Contudo, relatou ter trabalhado apenas 90 dias nesse lugar:

Saí porque... [foi] a primeira vez que eu vim lá do interior, e deixei meus pais tudo pra trás, né? Aí, eu trabalhei uns três meses... Serviço muito ruim, pra rua afora, esse serviço de rede de telefone, mexer com essas valeta, essas tubulação pra rua afora. Aí, no fim dos três meses, eu resolvi ir lá em casa ver meus pais. Aí, eu fui lá, fiquei uns dias e voltei. Quando eu voltei, eles me passaram pra trabalhar à noite, nesse trem aí, de noite; mexer com essas coisa de noite. Eu falei: ‘Tá tudo bem, uai’. Pegava serviço sete horas da noite e largava sete horas da manhã. **Escalou eu e meu primo pra trabalhar à noite, tudo bem, só porque nós viajamos, né?** Não tem importância, pra mim não tem disso não, a noite e o dia, pra mim é a mesma coisa. Mas só que nós começamos a trabalhar à noite, mas, na época, tava chovendo demais. Tudo bem. Eu, tinha noite que eu trabalhava muito, porque eu queria, porque eu pegava sempre a tarefa com eles... **um encarregado muito legal que dava tarefa à noite pro pessoal.**

Não se pode concluir que a percepção de João, sobre sua viagem ter causado a mudança de turno, corresponda à realidade dos fatos. Contudo, seu relato revela a forma como ele os interpretou e reagiu à mudança de turno. Ele demonstrou uma disposição especial para o trabalho ao relatar que costumava concluir, por livre e espontânea vontade, tarefas de duas ou três noites numa noite só:

[...] pegava e me dava dois metro de vala pra mim furar. Na hora que eu furasse, minha noite tava ganha e eu podia até ir embora, se quisesse. Então, na noite, eu costumava pegar a tarefa, sete horas da noite, de uma vala pra

⁴ Através da história de João é possível identificar cinco jovens que vieram da zona rural para a capital (Belo Horizonte) e empregaram-se na construção civil (o cunhado, dois irmãos e dois primos), reforçando a tese de que a maior parte do contingente dessa categoria iniciou suas atividades laborais no campo.

⁵ Na roça, João trabalhava sem contrato formal de trabalho. Foi possível perceber que valoriza muito o vínculo empregatício formal.

furar, quando era nove horas, mais ou menos, eu tinha terminado ela. [...] Se eu terminasse nove horas, mais ou menos, achava muito cedo pra ir embora. Tinha carro e tudo pra ir pra lá, mas eu achava muito cedo, costumava pegar outra; pegava outra, quando era pra umas 11 horas, meia-noite, eu terminava.

Disse que trabalhava “muito, e correndo”, para terminar rápido, pois assim, se não quisesse, nem precisava ir no dia seguinte. Isso era possível porque o contrato era por empreitada: “Tarefa é uma empreitada que a gente toma. **Inclusive, nenhum encarregado ficava olhando a gente trabalhar. Entregou aquilo pra gente, tava na responsabilidade da gente.** Enquanto a gente não terminar não pode largar aquele serviço, né?”.

Parece que essa relativa autonomia e a responsabilidade envolvida no trabalho lhe proporcionavam certo prazer e certa sensação de realização. Mas esses sentimentos eram possibilitados também pelo resultado que ele mesmo percebia na realização de suas tarefas, pois o encarregado, tido por João como “muito legal”, costumava atribuir a eficiência deste somente à sorte:

Falava assim: ‘Ah, tá muito cedo pra mim ir embora’. Aí, procurava o encarregado e falava com ele: ‘Eu terminei, olha lá se tá bom’. Ele ia lá: ‘Ah, beleza, terminou. Cê deu sorte de pegar um lugar bom, né?’. ‘Bom, não, uai, é porque eu trabalhei muito’. Aí eu costumava pegar outra, ele falava assim: ‘Cê vai embora agora?’. Eu falei assim: ‘Não [...], não vou embora agora, não, eu quero que cê me dá outra tarefa. Daí, nem que se eu gastar o resto da noite nela, não tem importância, nós não vêm amanhã de tarde’. ‘Cê que sabe’. Ele dava outra tarefa, lá pra meia-noite, mais ou menos, quando não achava muita tubulação, terminava cedo. Quando achava tubulação, aí falava assim: ‘Agora o bicho pegou’.

Apesar das dificuldades, João revelou-se dedicado e persistente, e parecia ter noção disso, sobretudo quando enfrentava alguma tarefa que achava “muito ruim”⁶: “Muitos ficavam a noite inteira na deles e costumava nem acabar, costumava nem terminar até sete horas da manhã do outro dia; precisava ficar até mais tarde terminando. **Mas eu, sempre que eu pegava, eu sempre terminava. Terminava e costumava pegar outra, ainda**”.

⁶ A tarefa “muito ruim” acontecia quando, na escavação da vala na rua, encontravam tubulações. Isso era imprevisível e não possibilitava escolha por parte dos trabalhadores, que não tinham como saber, previamente, onde elas passavam. A tubulação fazia com que a vala, de dois metros de profundidade por dois de comprimento, ficasse apertada para a escavação, que era feita com picareta e pá por um só trabalhador.

Geralmente, terminava a segunda tarefa por volta da meia-noite, quando já não havia mais ônibus para Pedro Leopoldo, onde morava. Ficava, então, o resto da noite, debaixo de um viaduto próximo à rodoviária, deitado em cima de um saco de cimento, num quartinho no qual a empresa guardava os materiais. Às 05h00, quando seu ônibus chegava, ia embora. Essa era sua rotina, que estava indo bem, segundo ele, até que a empresa o colocou para trabalhar com um outro encarregado:

[...] eles foram e me tiraram desse encarregado e me pôs com outro encarregado. **O encarregado era ruim demais.** Ah, ele era muito covarde, ele era ruim. Ele era muito ruim porque... nós fomos pegar serviço sete horas — dava tarefa ainda —, nesse dia tava chovendo demais! Deu uma tempestade e, ali na Afonso Pena, na Praça Sete, ali, tinha uma caixa ali, que... de quatro metro e tanto de fundura, uma caixona enorme, quase do tamanho desse cômodo aqui. Mas os carpinteiro escorou ela mais ou menos, mas não deu pra escorar direito porque tava cheia d'água. E aí, tava tirando... fazia andaime no meio dela pra tirar as coisa de baixo, pra jogar em cima do andaime e, do andaime, jogar pra fora. Aí, nós chegamos lá e ninguém quis entrar lá dentro, nem os carpinteiro quis entrar pra escorar lá, porque tava cheio d'água e... enxurrada caindo... 'Não, não tem jeito de entrar aí hoje, não'. **O encarregado foi e mandou, insistiu comigo mais meu primo, pra nós entrar lá, dentro do negócio lá.** Eu falei assim com ele: 'Ah, não, rapaz, o negócio é esse: ninguém quer entrar, cê acha que nós vamos entrar aí?'. 'O que eu ganho aqui não paga minha vida, não, sô. Não entro de jeito nenhum. Eu vou embora mas não entro aí, uai. Entrar nisso aí, não. Ninguém quer entrar porque tá perigoso: cê escorar, e enxurrada caindo aí, e barranco só caindo aí. Não vou entrar aí, não. O que eu ganho aqui não paga nossas vidas, não. Não vou entrar mesmo'. **Ele danou a insistir, e eu falei: 'Cê quer saber de uma coisa, rapaz?, eu não vou é trabalhar, pronto!'**

João relata que ele e o primo recusaram-se a cumprir a tarefa e foram para a sede da empresa falar com o mestre geral. Este perguntou a razão de não quererem trabalhar e eles explicaram o perigo envolvido na tarefa solicitada pelo encarregado. Assim, retornaram ao local do serviço com o mestre:

Quando chegou lá, não tinha mais nada, só tinha barro que... barro espalhado pelo asfalto afora, que o barranco fechou, a caixa fechou. Fechou, o barranco caiu de um lado e do outro, assim, bateu naquele barro mole embaixo e subiu barro pra todo... até nas paredes das casas foi barro, entupiu tudo a coisa lá dentro. Nós chegamo lá e falamo assim: '**É aqui que ele queria que nós entrasse. Se nós tivesse entrado, nós tava aí debaixo, ó**'.

Diante dos fatos, o mestre repreendeu com severidade o encarregado e ofereceu outra tarefa aos dois. Mas João já tinha tomado a decisão de deixar o emprego:

‘Não, agora eu não vou pegar mais, não’. Não deu pra pegar tarefa: ‘Uma hora dessa, não vou pegar serviço, nós não vamo trabalhar mais, não, o pessoal não quer trabalhar com cê, não; nós não vamo trabalhar aqui mais, não; nós vamo fazer um acordo aqui hoje e vamo sair da empresa, não vamo trabalhar aqui mais. E, também, trabalhar à noite também vai acabar com a saúde da gente. Com essa chuva aí, esse barro aí a noite toda, mais tarde esfria muito, e a saúde da gente vale mais’.

No dia seguinte, quando foram ao escritório fazer o acerto, encontraram o tal encarregado, que estava sendo demitido por justa causa. João assim definiu a irresponsabilidade desse encarregado: “Se nós quisésse descer, era pra ele não deixar nós descer. Ele tava é mandando nós descer lá”.

Ele admite que só entrou nesse emprego porque foi o primeiro que encontrou, e que decidiu sair porque reconheceu que o trabalho ameaçava sua saúde, por ser muito penoso e perigoso. Apesar de “não correr de serviço” e achar que devia pegar o que encontrasse até se acostumar, tinha um desejo: “Quero procurar é construção civil; vou procurar é prédio, não quero trabalhar pra rua afora, não’. Aí, dessa feita, eu procurei prédio e fui trabalhar em prédio”.

João trabalhou em dois prédios, por oito meses. Disse que gostou, mas que o serviço “durou pouco”.

A partir dessa experiência na construção de edificações, teve início uma história de incansável procura por empregos, que parece ter gerado nele um grande desgaste e, possivelmente, contribuiu para o desenvolvimento do seu alcoolismo, conforme poderá ser visto a seguir.

João relata que procurou trabalho em Belo Horizonte, indo de obra em obra e perguntando se estavam precisando de empregados, mas sem ter tido êxito. A dificuldade

levou-o a tentar algo fora: “Tava ruim aqui em Belo Horizonte pra caramba. **Esquentei a cabeça**, e falei assim: ‘Não, quer saber de uma coisa? Eu vou pra Ouro Branco’”.

Ele viu anúncios em jornal sobre emprego em Ouro Branco. A contragosto da irmã, que, segundo ele, fez até promessa para que não fosse sozinho, partiu para um lugar desconhecido e que tinha fama de perigoso:

[...] era difícil passar um dia que eles não matava gente lá. Era gente demais lá; lá tinha gente demais! Na época, lá dentro da área tinha 70... só dentro da área da Açominas tinha 72 empresas fazendo serviço. Tinha gente demais! [...] Matança; era morte de todo jeito, era gente de toda parte do mundo que trabalhava lá, né? Gente boa, gente ruim; gente do mundo inteiro trabalhava lá. Setenta e duas empresa, uai! Cada empresa... tinha empresa lá até com mais de seis mil pessoas.

Na rodoviária, juntou-se a uma turma de “peão que já ia pra lá também”:

Eu fiquei lá o dia inteiro e não consegui arrumar serviço. Com essa quantidade de empresa, lá, eu não consegui, não dei sorte. Deu seis horas e eu falei assim: ‘Agora não resolve mais eu procurar serviço aqui mais, não, porque seis horas fecha tudo, então, não tem mais nada aqui, não; e eu não tenho pra onde ir, eu vou ter que voltar mesmo’. Peguei minha mala outra vez e voltei cá pro trevo. Quando foi na base de sete horas, mais ou menos, Deus ajudou que o ônibus passou. Eu com um medo, lá, no trevo, sozinho. Eles já tinham feito medo em mim. Deus ajudou que o ônibus veio e eu vim embora. Aí, cheguei em casa duas horas da manhã, e minha irmã falou: ‘É, graças a Deus não ficou, não. Eu não dormi até agora pensando nocê sozinho pra lá’. Eu falei assim: ‘É, ocê pegou foi com o santo aí e fez promessa pra mim não ficar. Eu não quero saber disso, não. Deixa eu ir. Pega com Deus pra mim ir e ficar, não voltar’.

A necessidade e o desejo de conseguir um emprego eram prementes:

Aí, cheguei duas horas da manhã, dormi um pouquinho. Quando foi negócio de cinco horas da manhã, eu tornei a sair de novo. Aí, vim pro centro aqui. **Procurar serviço. É, uai. Sofria pra procurar serviço. Desempregado, procurar serviço é ruim demais, difícil demais!** Aí eu vim, andei esse Belo Horizonte pra todo canto, pra todo lado aqui. Quando eu cheguei lá no Santo Antônio, Deus ajudou que eu fichei na firma, lá. **Mas fichei na firma pra trabalhar pouquinho tempo**, porque tava terminando, tava terminando mesmo. **Só trabalhei lá dois meses.**

Nesses 60 dias, João sofreu o seu primeiro acidente de trabalho:

[...] eu acidentei um dedo lá, mas Deus ajudou que não valeu nada, não, melhorou.[...] Bati a marreta aqui. Pretiei daqui pra lá tudo, fez um calo de sangue daqui pra lá tudo, mas não valeu nada, não, continuei trabalhando. [...] queria me mandar pro seguro, nem pro seguro eu não fui. Aí, trabalhei esses dois meses e desempreguei de novo. Falei: ‘É, devera, tô desempregado de novo!’.

Assim, decidi voltar a Ouro Branco e, dessa vez, foi com o irmão e os dois primos com os quais veio para Belo Horizonte. Lá, foram para a área de uma empreiteira, a mesma na qual João trabalhara por oito meses. Segundo ele, de novo não deram sorte:

[...] empreiteira é difícil... trabalhar e não receber [...]. Nós fazia fundação de quatro casa num dia, trabalhava só de camisa molhada. Tudo bem. Dentro desse mês, esse empreiteiro só fez um vale pra nós. [...] eu tava com mais 330 cruzeiro, que eu tinha trago no bolso, **tava reservado, guardado, porque, se desempregasse, eu não ficava sem nada.**

Porém, um dia seu dinheiro foi roubado. Segundo ele, foi um colega que roubou todo o dinheiro, que estava no bolso da camisa que havia retirado logo que começou a trabalhar, às 07h00, por causa do calor provocado pelo trabalho intenso.

Fiquei sem nem um tostão! [...] [o colega] gastou esse dinheiro, fez farra a noite toda, bebendo cerveja. Foi lá no alojamento, pegou mais quatro calças dum pedreiro e pegou o ônibus e rachou pra Mariana. Foi embora. Nunca mais vi ele. Fiquei sem nada, sem nem um tostão. [...] fiquei invocado demais, viu! Aí, continuamo trabalhando assim mesmo, mas o empreiteiro não pagava, não pagava.

No final do mês, quando o pessoal não recebeu, teve início uma greve, da qual João não quis participar porque acha greve perigosa, por causa de “quebradeiras” e por considerar que há risco de morte: “Eu nunca gostei de entrar, participar de greve, não. Se o pessoal da construção civil fazer greve aqui, eu fico bem quieto em casa; não venho, não, não participo de greve, não. Dá muita bagunça, não gosto de misturar, não”.

No entanto, teve de participar dessa primeira, mesmo de longe, porque foi coagido pelos colegas a ir até a porta do escritório da firma, onde estavam fazendo a manifestação. A chegada de oito radiopatrulhas com policiais armados de fuzis e o fato de o rapaz da empresa

dizer que ia até a portaria ligar para o dono da empreiteira, para que trouxesse o dinheiro, foi o desfecho da greve. O rapaz fugiu.

Nesse dia, pensou que ficaria sem comida, mas o irmão, ao contrário dos primos, que se esconderam para almoçar, foi solidário e dividiu com ele a sua refeição. Então, João se lembrou de procurar o escritório de uma empresa na qual já havia trabalhado em Belo Horizonte e cujo chefe de escritório ele conhecia, para tentar “fichar” (conseguir trabalhar com registro em carteira). Entretanto, havia uma regra na área da Açominas segundo a qual nenhuma empresa poderia contratar trabalhadores que já tivessem trabalhado na área. Com isso, João inventou que estava chegando do interior com o irmão e os primos, e conseguiu emprego para os quatro. Trabalhou três meses nessa empresa — saiu porque trabalhava todos os sábado e domingos e não recebia os dias extras no final do mês. Disse que reclamava os seus direitos em vão. Decidiram, então, voltar para Belo Horizonte. No dia em que assinou o aviso, encontrou-se com seu conhecido do escritório, o qual propôs que rasgasse o aviso e voltasse a trabalhar porque, justamente naquele dia, tinha mandado o apontador procurar por ele para ensiná-lo a trabalhar no escritório, pois consideravam-no muito esforçado. João recusou, pois estava indignado:

Eu tava nervoso demais! Tava muito nervoso; tava nervoso demais da conta! Se fosse hoje, fosse hoje era capaz que eu rasgava esse aviso e voltava. Se eu tivesse feito isso, talvez eu tinha aprendido alguma coisa, né? Mas eu esquentei a cabeça. Perdi a cabeça, tava nervoso, tomando prejuízo direto. Já tinha tomado prejuízo do cara que tinha roubado meu dinheiro todo lá dentro, depois ainda trabalhava... já três meses trabalhando todo domingo e todo sábado, e não recebendo nada. Pra mim não tava tendo dia de descanso, não, uai, tava indo direto, sem parar. Só à noite mesmo [descansava], e não recebendo! Eu fiquei nervoso demais da conta. Tava cansado já de trabalhar sem receber. Falei: ‘Não, eu vou embora’.

Retornaram todos, e, na volta, passaram pelo centro de Belo Horizonte, já procurando emprego, mas sem conseguir. Foi então que João teve a idéia de irem ao campus da UFMG, na Pampulha, onde encontraram um vigia que os avisou que as obras daquele começariam no dia seguinte. Os quatro conseguiram emprego. Contou que foram os primeiros

trabalhadores da construção do campus. Logo depois, a firma responsável por essa obra o levou para trabalhar em outra, no bairro Calafate. O mestre dessa obra, sensibilizado com a distância dali até Pedro Leopoldo, onde João e o irmão moravam, decidiu transferi-los para Ribeirão das Neves. Como a empresa não fornecia vales-transporte, ele e o irmão faziam horas-extras para poder pagar as passagens de ônibus. Assim, ficavam no canteiro até as 21h00, chegavam em casa “meia-noite e tanto” e, no outro dia, 04h00 saíam para a nova jornada de trabalho. Portanto, ele dormia quatro horas por noite, em média. Nessa época, já estava com 30 e poucos anos⁷.

2.1.4. O desenvolvimento do alcoolismo

Durante esse período de procura por empregos, o álcool esteve presente na sua vida e na de duas pessoas próximas que passavam pela mesma situação: um colega e um dos irmãos:

Tinha gole, na época tinha gole, mas, aí era mais... gole, mesmo, era mais aqui no centro, quando nós vinha procurar aqui no centro. Que, às vezes, nós ficava até tarde demais, procurava, procurava e perdia a paciência, aí costumava entrar num lugar e tomava... ainda arrumamo um colega pra procurar serviço ainda... ele falava: ‘Ah, **vamo entrar ali e tomar uma coragem**’. [...] **dizia que o gole era coragem pra andar mais**. [...] ‘Vamo descansar um pouco que as perna tá doendo demais da conta’. Só andava a pé porque... até pra economizar o dinheirinho pra continuar vindo, né? Não arrumava... vinha num dia e não arrumava, tinha que vir no outro. **Então, cansava demais da conta. O rapazinho falava: ‘É, tá danado, viu?, é melhor nós tomar uma coragem ali pra nós andar mais**’. A coragem dele era o gole.

Foi nesse período que adquiriu o hábito de beber cachaça todos os dias. Foi uma época de caminhadas exaustivas em busca frustrada por emprego, e o álcool proporcionava certo alívio para o sentimento de revolta por estar aquela situação:

⁷ Quando inquirido sobre a sua idade na época, João respondeu: “Só olhando nas carteira pra saber” — o que ilustra, mais uma vez, a centralidade do trabalho na sua história de vida.

Gole era só quando a gente tava muito meio revoltado... muito revoltado, a gente bebia, mas não era direto que bebia assim pra procurar serviço, não. É assim: nós bebia mais é quando nós já tava mais desistindo e indo embora pra casa, porque pra chegar na obra alcoolizado era ruim, né? Que já era difícil achar o serviço, se chegasse bêbado, acabou, não arrumava de jeito nenhum. Nesse ponto aí... bebia, mas sempre tinha responsabilidade, pensava primeiro nas coisa que fazia...

João ressalta que, hoje em dia, o rigor das empresas em relação ao uso do álcool é ainda maior do que naquela época; diz que davam sorte porque bebiam e não pareciam ser muito afetados; pelo contrário, para ele, assim como para os colegas e para o irmão, o efeito do álcool aparecia como “coragem” e alívio do cansaço. Além disso, era visto como um alento para o sentimento de revolta:

[...] engraçado: a pessoa, ficando meio de fogo, tudo pra ele tá bom. Então, às vez, a pessoa tá meio invocado, meio pensativo, então ele parava de pensar um bocado nas coisas, parece que as coisa ficava mais fácil. A pessoa, tando bêbada, não importa, não. Eles fala que todo bêbado é mentiroso, né?

Ao que tudo indica, quando se sentia revoltado por não conseguir emprego, João bebia e se sentia melhor, porque parava de pensar momentaneamente na precariedade de sua situação:

A pessoa, quando tá são, não tem nada, mas, quando tá bêbado, é fazendeiro, tem profissão boa, tem tudo, né?. Mas só enquanto tá bêbado. Então, o bêbado é muito divertido. É distração, né; esquecer um bocado das preocupação. A pessoa bêbada esquece um bocado da preocupação com as coisa.

Sua maior preocupação era o desemprego: “O desemprego é triste... morar na casa dos outro pagando pensão...”. Ele e o irmão moravam na casa da irmã e pagavam pensão a ela e ao cunhado. Disse que era terrível quando as dívidas acumulavam: “Tinha meses que a gente tava lá sem pagar, porque não tava trabalhando. Ia multiplicando. Depois que começava trabalhar, **a gente trabalhava só pra pagar**. Então, era difícil”. Ele fala sobre a utilidade do álcool para lidar com essa situação:

Esquecia [um pouco, daquilo] — **ao menos enquanto tivesse de fogo, né?** —, esquecia as preocupações. **Toda vida eu fui muito preocupado**, qualquer coisa eu preocupo demais. Principalmente estando desempregado. Eu, tando empregado, não preocupo com nada. É eu ficar desempregado... agora mesmo eu já tô, já tô preocupado, já; tô pegando seguro desemprego e já tô preocupado, já... depois, faltar emprego, **porque a coisa pior do mundo é procurar emprego.**

Na época dos primeiros desempregos, João costumava sair de casa à meia-noite, para chegar cedo na porta das empresas e ser um dos primeiros da fila, porque quando elas abriam iam “pegando os que estavam na frente da fila; quando chegava no tanto que ela precisava, o resto tinha que ir embora” e voltar no dia seguinte. Ele ficava o dia todo procurando trabalho e costumava levar marmita e comer no Parque Municipal, indo embora para casa só depois que as empresas encerravam o expediente. Chegava em casa por volta das 18h00 e tinha dificuldade para dormir. Nessa volta, parava no boteco, “lá, pertinho de casa” e, “na hora que eu ia embora, gole, já ia... Até na hora d’eu ir dormir, eu bebia”.

Em 1981, João (que estava com aproximadamente 25 anos) e o irmão conseguiram um novo emprego. Nessa época, continuou tomando cachaça à noite e nos finais de semana, e se abstinha nos horários de trabalho. Mas, quando saía do serviço, ia direto para o “boteco” e “já mandava colocar a cachaça mesmo. Colocava, eu bebia e pronto. E não ficava só naquela, não, continuava bebendo até na hora de ir embora”. Segundo ele, “tinha aquela vontade mesmo, igual vontade de alimentar, tinha vontade mesmo. [...] Eu não agüentava ficar sem ela, não. Procurava ela longe; onde tivesse eu procurava. Já tava sendo dominado por ela”.

Nessa época, preocupava-se

[...] com negócio de moradia, de viver na casa dos outro [...] principalmente porque tava pagando prestação do lote. Preocupava com meu pessoal lá no interior, meu pai e minha mãe. Então, eu falava assim: ‘Eu vou beber pra ver se esqueço meu pai e minha mãe um pouquinho’. [...] porque eles tava sozinho lá, dois velho sozinho lá em casa [...]. **‘Eu vou beber para esquecer da vida um pouco’.**

No entanto, a estratégia de beber para esquecer não funcionava; pelo contrário, aguçava as preocupações, e ele “ficava amuado pros canto, mais é pensando. [...] Vou falar a verdade: só chorar que eu nunca chorava. Acho que não sei chorar, não. Acho que eu nunca chorei”.

Depois de vários anos de trabalho, João conseguiu comprar um lote junto com um dos irmãos e, enquanto o pagavam, morou com esse irmão e a cunhada, de quem disse ter sofrido muita humilhação, inclusive porque tinha passado a beber mais. Quando começou a construção da sua casa com as próprias mãos e a ajuda de amigos, conseguiu ficar abstinente. Fez questão de reforçar que realizavam satisfatoriamente suas tarefas: “Nunca faltemo de serviço, só bebia assim nas hora vaga mesmo, pra não atrapalhar o trabalho”. Apesar disso, ponderou: “Mas, mesmo assim, descontrola, né? A bebida”.

2.1.5 “Sendo dominado pela bebida”

João considera que, com o tempo, acabou sendo “dominado pela bebida”, apesar de estar trabalhando: “Quando [...] bebia mesmo, eu trabalhava. E trabalhava muito, nossa! Trabalhava em serviço perigoso, ainda. Na época que eu bebia mesmo [...] nós bebia mesmo [ele e o irmão], trabalhava de montador, trabalhava só em lugar alto [...] montando torre”.

A atividade que realizava, numa fábrica de cimento, consistia em montar as estruturas metálicas da torre onde subiam as gaiolas içadas por guinchos que transportavam pessoas e materiais. Além de responsável pela montagem das torres, também era responsável pela sua operação. Contou que chegou a montar uma torre dentro de uma “chaminé de 134 metros de altura” e que, na desmontagem dessa estrutura⁸, sofreu um acidente de trabalho:

⁸ Esse acidente sofrido por João reforça a informação de que essa é a fase mais crítica para a ocorrência de acidentes, conforme descrito no segundo capítulo.

[...] quando foi pra desmontar essa torre por dentro, nós trabaíemo em quatro turma pra desmontar ela: quatro [pessoas] lá em cima, quatro mais pra baixo, quatro mais pra baixo, e quatro lá embaixo, pegando. Então, eu fiquei no meio. Na hora de largar serviço, seis horas da tarde, os que tava lá em cima foram mudar a tábua e [...] descontrolaram e deixaram o macete cair. Nós preso lá dentro da chaminé, ali na torre, aquele macete desceu lá de cima. [...] Um macetão pesado, de pau, de bater na torre pra arrancar a torre, eles deixaram o macete cair lá de cima com nós lá dentro. Não tinha jeito de correr pra canto nenhum, lá preso. Aí, encostamo todo mundo. Os outros encostaram e eu encostei também, mas, eu, eu ainda tomei o macete... bateu pra aqui afora. Só que ele veio batendo lá e não deu pra machucar demais, né? Se eu tomo na cabeça! Ele veio descendo, eu vendo ele descendo, mas não tinha jeito, encostei junto com os outro. Mas eu ainda tomei o macete assim, no lombo ainda.

Fica claro — e vale ressaltar, devido às associações corriqueiras entre uso de álcool e acidentes de trabalho — que, nesse acidente específico, o fato de João beber não teve qualquer influência. Pelo contrário: contou que ele e o irmão eram tidos em alta conta pelo encarregado, pois “também, é claro, nós ajudava ele demais da conta. A turma lá enrolava pra caramba, e eu mais esse meu irmão, tudo era com nós”, o que sugere que eram reconhecidos pela competência e capacidade de trabalho. E concluiu: “Então, nessa época, era serviço perigoso. E eu bebia assim mesmo [...] eu bebia mas era forte, não ficava ruim, não. Mas, depois, fui enfraquecendo também”.

Apesar de ter afirmado que não bebia no horário de trabalho, tudo indica que isso mudou:

Nós [ele e o irmão] trabalhava bêbado, e não importava, não. Não usava nem cinto de segurança; subia pra aqui afora, não tinha perigo nem nada, não importava, não. [...] é, acho que tava mais seguro ainda, eu tinha mais cuidado, segurava mais, né, não confiava muito. E, são, a gente confia mais; são, a gente confia muito.

Fica caracterizada uma importante ambigüidade na fala de João: ao mesmo tempo em que se percebia como mais cuidadoso com sua segurança quando estava sob efeito da bebida, abria mão do cinto de segurança — e, como veremos adiante, ele próprio admitiu que “uma coisa perigosa, eu achava que tava é fácil. [...] coisa difícil, eu achava fácil”.

Ele deixou claro também que o álcool o ajudava a enfrentar as exigências do trabalho: **“A pessoa, às vezes, lugar que ocê não tem coragem de ir são, de fogo cê vai”** — relacionando essa coragem com a primeira experiência significativa que teve com o álcool, por volta dos 18 anos, anteriormente descrita. Contou que um dia estava embriagado e teimava em subir para desmontar uma torre, e seu encarregado o impediu e ainda permitiu que ficasse à toa o dia inteiro: “de fogo, com a cabeça doida já, aí não fiz nada nesse dia, e ele ainda pôs meu nome na relação para ficar até nove horas da noite”. No dia seguinte, o encarregado ofereceu-lhe duas torres para desmontar, revelando que sabia avaliar bem a condição de trabalho de seus subordinados.

A bebida preferida de João era a cachaça, e, o maior inconveniente de beber, antes de começar a exagerar no uso da bebida, era a ressaca: “Às vezes, segunda-feira amanhecia meio ruim [...] a ressaca, pra mim, era uma doença!”.

Em 1982, ficou internado 12 dias devido à anemia, e relacionou o adoecimento à cachaça, explicando que ela reduzia seu apetite e, como não se alimentava, “o sangue enfraqueceu”: “Eu tomei 33 saquinho de sangue e 32 de soro, pra ver se eu melhorava, senão ia morrer, tava fraco [...] meu sangue tava virando água”.

Após essa internação, diz que ficou bom e começou a tomar jurubeba, outro tipo de bebida alcoólica, porque o médico lhe havia dito que era bom para a saúde, especialmente para abrir o apetite:

Aí peguei tomar jurubeba. Mas tava tomando pouco, depois foi aumentando, aumentando, peguei tomando muito, pegou a fazer mal também. [...] É porque a gente começa com pouco e vai só ladroando, vai só crescendo. Toma uma vez... toma uma dose hoje, amanhã uma dose, a pessoa já acha pouco, tem que tomar duas. [...] tomava uma, uma não satisfazia, não, dava vontade de tomar mais. [...] Eu não sei a emoção que era de tomar. Eu sei que era bom na hora de tomar. [...] Era bom, nó, era bom! [...] é bom o paladar... quando ela começava a subir... aquela tonteira. A tonteira pouquinho era bom... **dá animação na gente pra tudo. [...] fica animado pra qualquer coisa. Se tiver fazendo frio, a gente não sente frio, não sente nada.**

Aos poucos, foi se “acostumando com ela, ela foi fazendo menos efeito”, e passou a tomar tanta jurubeba que, em Ribeirão das Neves, “o povo lá só me chama de jurubeba [...] eu mais meus irmãos, eles fala que nós somos os irmãos Metralha, os home da jurubeba”.

Houve uma segunda internação, em 1986, e o médico lhe disse que havia recomendado uma “dosinha” de jurubeba, não uma garrafa inteira, e, por isso, “o sangue engrossou [...] porque a jurubeba faz engrossar o sangue, que agora não está correndo direito”. Por isso, ele decidiu parar com a jurubeba e substituí-la por cerveja, da qual nem gostava:

[...] [na época, decidi] ‘Vou beber cerveja agora’. Pensei: ‘Cerveja eu não agüento beber, então, eu bebendo uma cerveja, eu tô satisfeito’. Comecei a beber uma cerveja só. **Largava o serviço**, passava e bebia uma cerveja, ia embora. [...] aí, de uma cerveja, passei pra duas. Passei pra duas e comecei a acostumar com ela, achei ela boa, falei assim: ‘Vou tomar duas’. De duas, fui aumentando, aumentando, quando assustei: eu tava tomando sete cervejas todo dia. [...] Falei assim: ‘Não, ué, que isso? Não, **meu salário não dá pra pagar** esse trem todo dia. Sete cervejas todo dia! [...] Eu vou parar com isso’.

João define o que entendia por ser “dominado” pela bebida:

[...] **acostumar é tomar ela direto e não agüentar ficar sem ela, ter vontade mesmo, igual vontade de alimentar**. Dá aquela hora da gente alimentar, não tem que alimentar? Então, dava a hora d’eu tomar ela, eu tinha que tomar. Mas só tinha o costume... só que o costume que eu fazia de tomar era à noite e fim de semana, durante o dia, não. Durante o dia tava distraído com o serviço, não mexia, mas, se tivesse à toa, tomava também.

Contou que, ao ficar sem fazer nada, o desejo da bebida reaparecia:

Ah, passando vontade de beber, falando: ‘Se tivesse uma pinga aqui, se tivesse um gole aqui pra mim, ia ser bom’. Na hora de alimentar, principalmente na hora de almoço, falava assim: ‘Se tivesse uma pinga pra tomar aqui agora, pra mim almoçar, ia almoçar outro tanto!’.

Lembra que a bebida fazia com que se sentisse alegre, e apresentou uma “teoria” sobre o que chama de “natureza da bebida”: a pessoa, sob efeito do álcool, pode ser tomada por três espíritos: o de porco, o de onça ou o de macaco, os quais influenciam o comportamento. O espírito de porco pode ser reconhecido naqueles que bebem e caem; o de

onça, naqueles que ficam agressivos; e o de macaco, nos que ficam alegres, descontraídos, que riem e conversam com facilidade.

Conta que era acometido pelo “espírito do macaco”, porque “eu falava muito, diz que eu batia papo demais, nossa! Diz que eu tinha assunto demais pra conversar”. Os assuntos eram, muitas vezes, casos da roça, e, se tivesse gente para conversar, conversava a noite inteira. Interessante é que relatou ser bastante introvertido e ter dificuldades de expressar seus sentimentos. Assim, quando não encontrava companheiros para conversar, costumava ficar amuado pelos cantos, e a bebida, ao que parece, era usada também como meio de *expressão*.

Ele descreveu como tentava administrar o uso do álcool:

‘Vou parar com essa cerveja e vou comprar é pinga e vou levar pra casa, não vou tomar em boteco, não. Vou tomar só na hora que eu chegar do serviço, pra mim jantar, um golinho’. Fiz isso: comprei uma garrafa e essa garrafa deu pra tomar só um golinho pra mais duns 20 dias. [...] Aí, perdi o sono de noite, aí voltava nela e bebia, tomava. De uma dosinha, passei pra duas, aí fui tomando ela [...] até de madrugada eu tomava. [...] Aí, tornei a voltar a beber do mesmo jeito, beber trabalhando. Aí, onde eu trabalhava, o moço foi e me deu férias.

Com o passar dos anos, começou a ficar doente com mais frequência, e relaciona os adoecimentos à falta de alimentação decorrente do uso do álcool. Quando intensificou o hábito de beber, por volta dos 38 anos, chegou até a “ganhar” férias do trabalho por esse motivo.

Ele disse que começou a ter “muito vômito, e, aí, se eu tomasse uma só [...] só aquela só, parava de fazer vômito. E, aí, com um espaço de tempo eu já agüentava alimentar um pouco. Se eu não tomasse nada, eu costumava ficar o dia inteiro ruim”. Na hora do almoço, “não precisava nem pegar na marmitta”. Continuava trabalhando: “E trabalhava muito assim mesmo. Trabalhava muito, mas sempre fraco, porque sem alimentar, né? Suava demais!”.

Sobre o trabalho nessa época, admitiu que a bebida lhe dava mais coragem e o induzia a se expor a riscos maiores:

[...] a atenção é menos, né? A gente tem coragem de mexer em coisa perigosa; às vez, coisa que não é pra gente ir, a gente quer ir. Dá muita coragem pra gente, dá muita força pra gente, a bebida. Às vez, tem um lugar perigoso aí e ninguém quer ir lá; a pessoa, tando meio de fogo, fala assim: ‘Eu vou lá, sim, dá pra ir’. [...] Pra mim, uma **coisa perigosa, eu achava que tava é fácil. [...] coisa difícil, eu achava fácil.**

E acrescentou:

Antigamente, eu falava assim: ‘Isso é perto, é só tomar uma que vai bem’. Andava e não cansava, não importava com nada [...] dava animação enquanto tivesse de fogo. [...] E, quando desse a ressaca, também acabou... o desânimo vinha na ressaca, amolecia o corpo [...] dor de cabeça, estômago, vômito demais.

Isso fazia com que bebesse novamente, pois, com a bebida, “a pessoa não sentia, parece que tava anestesiado, mas, de acordo com que ia melhorando a tonteira, a ressaca ia vindo e as dores voltando com mais frequência”.

Considera que, desde

[...] uns 25 anos em diante, eu já dependia dela [da bebida] mesmo. [...], mas só que ela me dominou mesmo foi já de 88 até 92, por aí. [...] ela tava me dominando de doença, me adoecendo demais da conta, não me deixava ir no serviço [...] porque eu adoecia mesmo [...] não agüentava, tinha que ir pro médico quase sempre; não alimentava, perdia emprego por conta disso.

E descreve como configurava o ciclo vicioso em torno do álcool:

Ih!, depois, na ressaca, eu ficava arrependido demais! Ficava arrependido e ia beber. Aí, arrependido com aquilo, de ter perdido emprego por conta daquilo, e ia beber pra esquecer aquilo, complicando mais, uai. Ela tinha feito eu perder o emprego e eu procurando ela pra beber, pra esquecer aquilo. É o vício, eu tava dominado por ela mesmo. [...] O bêbado não acha saída pra nada. Ele bebe e fala: ‘É aquilo’ — e tem que ser aquilo, mas não tem saída.

É importante destacar que foi quando o uso do álcool começou a impedi-lo de trabalhar que ele decidiu parar de beber: “Se eu tivesse continuado bebendo, já tinha morrido

há muito tempo. [...] Precisei chegar... precisei ficar internado, ficava delirando, tendo delírio, câimbra em tempo de matar”.

No entanto, em relação ao exercício de sua função pouco antes dessa época em que começou a adoecer e a faltar ao serviço, relata que não havia tanto prejuízo, ao contrário, parecia trabalhar melhor: “No trabalho eu trabalhava normal, acho que trabalhava até melhor. Eu trabalhava muito e agüentava trabalhar mais que hoje, trabalhava bem”. O único problema é que ficava irritadiço e com baixa tolerância para os conflitos cotidianos: se algum encarregado “ficasse no pé”, por “qualquer coisinha” ameaçava abandonar a tarefa e ir embora. Disse que, então, “eles me largava pra lá, e, no final, eles achava que nós era bom demais, que nós ajudava eles demais da conta, nós dava muita força pros encarregado”.

2.1.6 A recuperação através dos Alcoólicos Anônimos (AA)

Chegou lá, eu gostei, gostei. [...] ‘Eu não falei nada com ninguém, como é que eles tão contando meu caso aí direitinho, o da bebida?’. [...] Falei: ‘Ô, Joaquim, cê falou com esse pessoal alguma coisa de mim?’. ‘Não, sô, isso aí que eles tão contando é o que passou com eles. [...] Nós somos retrato um do outro — nós que bebemos, nós que somo alcoólatra — nós somos retrato um do outro’. [...] [eles estavam contando] o que tinham passado na bebida, que tinha perdido família, perdido tudo por conta da bebida.

Foi grande a identificação de João com o grupo dos Alcoólicos Anônimos (AA) já na primeira reunião, a ponto de ficar achando que seu amigo tinha relatado seu caso para os outros membros. Decidiu ingressar no grupo naquele mesmo dia: “‘Eu quero é hoje, tô precisando parar de beber demais’. [...] Precisava e precisava de ajuda, que sozinho eu tava achado difícil conseguir. Talvez até conseguisse, se tentasse. Eu já tinha parado seis meses, um ano, e **tornava a voltar a beber, né?**”.

O amigo lhe arrumou um “padrinho” — um veterano do grupo que fica responsável por dar apoio ao novato —, e ele ingressou no mesmo dia, sendo advertido de que sofreria durante os três primeiros meses, mas que Deus ajudaria a passar o sofrimento: “Ah,

Deus me ajudou que nem os três primeiros meses eu não senti falta dela, não. [...] Falei assim: ‘Uai, achava a coisa mais difícil — todo mundo achava e eu também achava — era eu parar de beber’. Deus deu que eu não senti falta, não”.

No início, João freqüentava as reuniões às terças, aos sábados e aos domingos:

No início, eu ia sempre, direto, pra não cair, não deslizar, né? Então eu ia sempre, direto, sempre freqüentando, pra reforçar. Mas, hoje em dia, eu vou pouquinho, quase não vou, não, eu não tenho tempo; eu não vou, não. Tenho fé em Deus, eu não vou beber mais. Não desfaço, não, uai, sempre quando eu posso eu vou, sim. É bom, mas é muito difícil eu ir.

Na época das entrevistas, estava sem beber havia dez anos. Parecia convencido de que não sabe lidar com a bebida e, por isso, deveria se manter abstinente:

Ah, dá aquele palpito. Às vez, qualquer coisinha... às vez fico angustiado com alguma coisa... e acha que é bebida que cura — não cura, não, não leva a nada, não. E, naquilo ali, a pessoa vai e bebe um golinho. Daquele golinho... não pode nem provar, porque se começar, acabou, vai longe. Eu principalmente: se eu tomar um golinho assim, acabou, pode deixar o boteco por minha conta. **Tem gente que não sabe beber, uai, não sabe, tem uns que consegue beber só um pouco, tem outros que não.**

Ele contou, vitorioso, sobre a superação de uma “quase recaída”:

Aí, quando foi um dia, que eu tô dentro do ônibus, parece que foi tentação — dentro do ônibus, indo embora pra casa, saindo do serviço —, entrou aquele cheiro de bebida, de cachaça pura assim dentro do ônibus, e eu falei: ‘Nossa Senhora, que é isso? Eu vou passar no boteco e vou beber uma cachaça agora!’. Me deu vontade demais [...] Desci do ônibus e subi, fui embora pra casa. Passei lá em frente o barzinho que eu tenho costume, tinha uma turma de colega lá, ainda bebendo cerveja lá, do lado de fora, ainda me gritaram, me cumprimentaram de longe, e eu esqueci que eu tinha falado que eu ia beber, passei direto e fui embora pra casa. Quando foi lá pras oito da noite, eu falei: ‘Uai, eu falei que ia passar lá no bar e ia beber um gole de cachaça, e passei lá, conversei com os colega e tudo e nem lembrei que eu ia beber. Graças a Deus, não bebi, não! [...] Deus não deixou, uai. [...] então, amanhã eu vou lá no grupo dos Alcoólicos Anônimos para reforçar’.

Sobre a necessidade de se manter vigilante, disse:

Hoje em dia, eu vou falar a verdade, nem agüento: se eu colocar um golinho na boca, acho que não pára, não; fica, não. Não suporto, não, nada, nada que tenha álcool: nem vinho, nada, cerveja, nada, nem Biotônico eu não tomo.

Porque se eu esforçar e tomar um golinho assim, acabou. [...] aí eu vou tomar é todas. É toda hora e é muito, e não fica por aquela só. Então eu pego com Deus, pra mim não colocar a primeira. Se colocar a primeira, acabou.

Mas manifestou sua crença de que conseguirá se manter abstinente:

Eu acho que eu não bebo mais, não [...] porque, de vez em quando, eu sonho que eu tô bebendo. [...] Eu acordo molhadinho de suor. E vou falar a verdade: pra falar a verdade, eu quase até choro quando eu acordo. [...] Nossa Senhora, me dá uma tristeza! Eu acho que eu não bebo mais, não, eu sofri muito por conta da bebida.

O conforto e o apoio que João encontrou nos AA foram devidos a uma grande identificação com as experiências dos companheiros de grupo, sobretudo no que diz respeito a uma forte fé, pois, em vários momentos, fez menção à ajuda de Deus para conseguir parar de beber e manter-se abstinente.

2.1.7 A situação atual

Após 33 anos de vida organizada em torno do trabalho na construção civil, João, ao ser entrevistado, disse sentir-se “muito humilhado, só no domínio deles. A gente não tem direito nenhum, não, só eles mesmo”. Afirmou que o trabalho, no setor, é muito sofrido:

É muita humilhação na construção civil. A pessoa trabalha porque precisa mesmo [...] Quem tiver jeito de correr da construção civil, pode correr [...] a pessoa trabalha muito, não tem valor. [...] até um acidente que acontecer na construção civil, eles já querem saber de mandar embora. Cê tem que sair, já não tá servindo pra eles mais [...] eles não dão valor, não. Trabalha mas é difícil, muito difícil. Não tem valor, não.

Já trabalhava havia sete anos na empresa Z, às vezes como trabalhador de empreiteira e, em outras ocasiões, como contratado pela própria empresa, sendo classificado e recebendo como servente, a função mais baixa na hierarquia da construção civil. No entanto, segundo ele: “Eu trabalho de carpinteiro, o tempo todo de carpinteiro, mas sem classificação”.

Ele já exerceu várias funções, e “o pessoal da firma”, apesar de falar que ele merece outra classificação, o mantém como servente.

Essa empresa, que João considera boa, já lhe ofereceu classificação de meio-oficial de pedreiro, o que ele julgou errado, porque deveria ser pelo menos meio-oficial de carpinteiro. Mesmo assim, segundo ele, em termos de salário, meio-oficial é o mesmo que servente, e é um tipo de classificação que é mal vista pelo mercado, desvalorizando a carteira de trabalho e dificultando a obtenção de um novo emprego. A despeito de ter recusado, a empresa fez a nova classificação, mas posteriormente ele tirou outra carteira de trabalho, para não ficar com a “carteira suja”.

Ele expressava, constantemente, um acentuado sentimento de humilhação, que parecia ser decorrente de suas experiências profissionais. Por estar com 49 anos e ter passado quase toda a vida trabalhando na construção civil, percebia melhor a existência desse sentimento, além de ter mais consciência do fato de ser mão-de-obra explorada e descartável, não podendo sequer adoecer, como evidenciado neste seu relato, já transcrito: “Nunca vi... a pessoa que tá empregada, todo mundo, ninguém é de ferro, não, uai, um dia adoece. Falhou, perde cesta básica, perde tudo. Levou atestado, perde cesta básica”.

Os anos lhe trouxeram um “problema de coluna”, que provavelmente tem nexos com o próprio trabalho, e, isso, às vezes, atrapalha seu desempenho. Contudo, ele considera que lida com o problema da coluna “até bem, porque é muito difícil, eu não perco uma cesta, não, só se tiver muito ruim mesmo...”. Ao que parece, o problema o deixa envergonhado e, por isso, esforça-se para não deixar transparecer: “**é mesmo de vergonha: eu venho e trabalho assim mesmo; venho arrastando, mas venho**”. Falou, com orgulho, que é responsável e busca manter a dignidade: “não dar a eles o gosto de levar sua cesta básica” e também o de receberem dele um atestado.

Relatou um acontecimento que ilustra bem como lida com a questão da saúde no trabalho: dias antes da entrevista, cancelou uma consulta no Posto de Saúde de Ribeirão das Neves — pediu que desmarcassem apesar de ter sido difícil agendá-la. Decidiu-se por cancelar a consulta, apesar da dor que estava sentindo na coluna, porque sabia que a empresa estava com muito serviço e que, se faltasse, colocariam outro em seu lugar. Isso poderia deixá-lo vulnerável, podendo ser substituído definitivamente ou ser mandado embora.

Fica evidente uma difícil equação: o bem maior de João é sua força de trabalho e, para mantê-la e reproduzi-la, precisa trabalhar, mas o próprio trabalho que realiza é o que mais ameaça a sua saúde e, conseqüentemente, a manutenção dessa força de trabalho. Diante desse impasse, a “solução” encontrada por ele tem sido a de desgastar-se até o limite.

2.1.8 Comentários sobre o caso

Alguns pontos discutidos no capítulo anterior foram reforçados no caso de João:

a) sua entrada e a do cunhado — os dois, mão-de-obra desqualificada — no mercado formal de trabalho pela “porta da construção civil”, da qual não conseguiram sair; b) a origem rural dos operários do setor; c) a influência marcante da figura do encarregado como fator de apoio, mas, sobretudo, de aumento da “penosidade” do trabalho; d) o caráter “pesado” e perigoso das tarefas; e) o sentimento de humilhação; f) a instabilidade dos contratos de trabalho e os recorrentes períodos de desemprego como partes da própria condição de trabalhador da construção civil.

Parece claro que a vida de João é, em grande medida, determinada pelo ritmo de trabalho nesse setor, tendo sido explicitados elementos importantes que relacionam seu alcoolismo a sua condição de operário da construção civil.

O uso do álcool tornou-se diário desde a primeira situação de desemprego e intensificou-se — João acostumou-se com a bebida, acabando por ingerir um número cada

vez maior de doses, até o momento em que constatou estar “dominado” por ela a ponto de ter prejudicada a sua capacidade laboral. Isto sugere que ele desenvolveu tolerância ao álcool⁹.

Também a gradativa perda de vigor físico e a falta de apetite relatadas podem ser atribuídas à desnutrição subsequente à substituição da alimentação pelas “calorias vazias” do álcool, isto é, calorias com pouco ou nenhum valor nutritivo no que se refere a aminoácidos, vitaminas e sais minerais e que, por isso, não provêem o organismo daquilo que necessita para repor diariamente sua força de trabalho.

Nas situações de desemprego, o álcool parecia auxiliá-lo a administrar, no plano físico, o cansaço decorrente de exaustivas caminhadas, sono e alimentação insuficientes; e, no psicológico, a revolta experimentada diante das várias tentativas frustradas de empregar-se, além das preocupações decorrentes da situação de desemprego.

Durante os períodos de trabalho, seu relato sugere que o álcool o auxiliava na lida com as tarefas “pesadas” e perigosas e nas suas relações com os encarregados, as quais, ao que parece, eram permeadas por forte submissão e pela ausência de reconhecimento de seu valor profissional. Isto ocorria até mesmo quando estava sob as ordens de encarregados que considerava como bons e em empresas bem avaliadas por ele.

É importante ressaltar a ambigüidade revelada em sua fala sobre os efeitos do álcool nas questões de segurança: ao mesmo tempo em que ele se via mais cuidadoso e atento aos perigos, não usava cinto de segurança, o que o expunha ainda mais ao risco de acidentarse. Além disso, o álcool lhe dava coragem e disposição para enfrentar tarefas que, talvez, não tivesse condições físicas e psicológicas de executar sem esse recurso.

Até tornar-se abstinente, João fez várias tentativas, todas fracassadas, de parar de beber, provavelmente porque os efeitos decorrentes do uso do álcool o auxiliavam a lidar com

⁹ Segundo o *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais* (DSM-IV), a tolerância a uma substância “consiste na necessidade de crescentes quantidades da substância para atingir a intoxicação (ou o efeito desejado) ou em uma diminuição acentuada do efeito com o uso continuado da mesma quantidade da substância” (ASSOCIAÇÃO PSIQUIÁTRICA AMERICANA, 2003, p.208).

a sua difícil realidade. Reforça essa tese o fato de que um desses períodos de abstinência, antes do encontro com os AA, coincidiu com a quitação das prestações do lote que havia comprado junto com o irmão e com o início da construção de sua primeira casa, empreendida com as próprias mãos e a ajuda de amigos. Ou seja, quando se sentia mais realizado e conseguia concretizar seus projetos, parecia necessitar menos da bebida.

Portanto, tudo indica que o álcool o auxiliava a lidar com a tristeza e com o desânimo, fazendo-o esquecer-se, momentaneamente, das preocupações cotidianas, tornando-o mais sociável e mais capaz de expressar seus sentimentos.

Muito possivelmente, João não conseguiu tornar-se abstinente antes dos AA porque, como se percebe em sua história, o álcool desempenhava o papel fundamental de ajudar a suportar suas difíceis condições de vida e a falta de perspectivas de melhoria, dando-lhe disposição para trabalhar e procurar trabalho nos recorrentes períodos de desemprego, característicos da sua profissão.

Em face das dificuldades de realização pessoal e profissional evidenciadas na sua história, sobretudo por impedimentos característicos do seu cotidiano laboral (como a ameaça constante de desemprego, a falta de reconhecimento do trabalho, a não-progressão na carreira, as humilhações decorrentes das condições e das relações de trabalho com os superiores), fica a impressão de que João percebe, na superação do alcoolismo, o fato que mais confere dignidade a sua vida.

Uma pergunta parece inevitável: se ele não tivesse que tirar o seu sustento do trabalho na construção civil, teria desenvolvido essa relação patogênica e danosa com o álcool? Não temos como saber, mas, embora João já fizesse uso do álcool antes mesmo de iniciar suas atividades nesse setor, tudo indica que foram as difíceis condições que teve de enfrentar como operário da construção civil que tornaram esse uso constante e intenso, gerando uma relação de “dependência”, até então inexistente.

2.2 CASO 2: A HISTÓRIA DE MÁRIO

2.2.1 Os primeiros anos de vida

Mário nasceu em 5 de abril de 1973, na zona rural de Teófilo Otoni, Minas Gerais. O pai trabalhava em uma fazenda e a mãe era dona-de-casa, e ambos ainda estão vivos. Tiveram seis filhos, dos quais o caçula morreu; Mário é o primogênito. Ele tem três irmãs e um irmão, e há diferença aproximada de dois anos de idade entre cada um. O irmão caçula faleceu aos três anos, e sua morte deixou marcas profundas em toda a família.

Durante grande parte da infância de Mário, sua mãe esteve acometida por uma doença incapacitante (ele não sabe explicar qual), mas ficou curada após uma cirurgia que, segundo ele, teve um período de seis meses de convalescença. Recorda-se dessa época associando-a a sua precoce introdução no mundo do trabalho:

Toda vida eu nunca fiquei sem trabalhar; desde eu pequenininho, eu era 'dona-de-casa', porque mãe sempre foi doente [...]. Então, eu era o mais velho, pai saía pra trabalhar, eu tomava conta da molecada toda. Fazia de tudo, como se fosse mãe mesmo. E ainda tinha que fazer o rango e levar lá na roça, pro véio. [...] Trocava fralda dos menino, tratava de porco, galinha, se tivesse; matava também, fazia pra comer, dava mamadeira.

Emocionado, falou sobre o irmão morto: “Praticamente foi eu que criei”. Quando esse irmão nasceu, sua mãe permaneceu internada no hospital por longo tempo. Assim, uma tia cuidava do recém-nascido durante o dia para que Mário realizasse as tarefas domésticas e cuidasse dos outros irmãos. Durante a noite, ele assumia a responsabilidade por mais essa criança.

Essa foi a rotina de Mário dos seis aos 11 anos, aproximadamente. Por isso, os estudos ficaram em último plano: “De vez em quando, dava um tempinho, eu ia na escola”.

A família mudou-se para Belo Horizonte em 1984, por causa do falecimento do irmãozinho:

Ele tava com três anos para quatro anos de nascido, e era muito espertinho; ele era o motivo da felicidade de casa. E meu irmão adoeceu na sexta-feira e morreu no sábado à tarde. Aí, naquela época, meu pai desesperou, vendeu tudo o que tinha, abandonou o que não conseguiu vender e veio pra cá.

Recorda-se que seu pai embrenhou-se “no mato” e ficou desaparecido por três dias. Quando voltou para casa, disse que iriam mudar para Belo Horizonte; iriam para a casa do padrinho de Mário no dia seguinte, e ninguém da família pôde opinar a respeito.

Hoje, está convencido de que essa atitude intempestiva do pai foi motivada pelo desespero e, sobretudo, pela tentativa de deixar para trás qualquer lembrança do filho. Dois anos após o falecimento do menino, o pai retornou para a casa onde moravam, para “acertar as coisas”, e passou muito mal. Segundo Mário, ele nunca se conformou, pois até hoje não consegue falar nesse assunto sem chorar.

Mário atribuiu às dificuldades da vida na zona rural a morte do irmão, a qual nunca teve o motivo esclarecido. Assim como ao pai, as lembranças o atingem profundamente, e ele diz esforçar-se para evitá-las. Em alguns momentos, falou de forma bastante alterada, com um misto de dor e revolta:

[Na roça] não tem recurso de nada, só dependendo dos fazendeiro. [...] quem tem seu pedacinho de terra, que pode plantar e sobreviver, tudo bem; quem não tem, tem que vender hora pros outro, que não dá valor. Se um da família adoece, não tem condição, não tem médico. Tem aqueles tipo curador, que eles fala. Mas não resolve o problema; os problema não resolve. O destino da pessoa, que só a morte mesmo... Igual meu irmão: meu irmão, se tivesse, fosse no dia de hoje, fosse aqui, não sei se Deus, né? Poderia ter acontecido a mesma coisa, mas só que pelo menos sabia da causa que ele morreu. Morreu hoje, enterra amanhã, lá pros mato afora mesmo. Então, é difícil até de falar... [silêncio] não são só a minha família que passou por isso, não, muita família passando... é complicado certas horas.

Com lágrimas nos olhos, disse sentir muita tristeza quando se lembra de sua infância: “Não é tanto de eu trabalhar em casa: eu me sinto triste porque eu lutei tanto pra ver meu irmão um homem e não consegui; mais é isso — e o desespero do meu pai e da minha mãe”.

Em Belo Horizonte, o pai conseguiu emprego na fazenda de uma construtora, onde trabalha até hoje. Conseguiu também emprego para Mário, cujas tarefas consistiam em cuidar do gado. Nessa época, ele estava desobrigado das tarefas domésticas, já que a mãe estava melhor de saúde e as irmãs estavam crescidas: “Aí, eu fui trabalhar pra mim”. Além desse trabalho, teve a oportunidade de voltar a estudar numa escola do bairro onde moravam — e onde moram até hoje.

Assim, Mário começou a ganhar seu próprio dinheiro e, em um ano e meio, desinteressou-se dos estudos porque foi reprovado na quarta série do ensino fundamental. Abandonou a escola e não voltou a estudar.

Ele relatou que, entre os 13 e os 14 anos, “caiu na malandragem”: “Comecei a beber, comecei a fumar, comecei com o forró, já comecei a fazer tudo; desesperei”. Tentou influenciar o irmão para que abandonasse os estudos também, mas este, mesmo sendo reprovado, persistiu e conseguiu terminar a quarta série do ensino fundamental.

Mário teve sua primeira experiência com álcool na pré-adolescência, antes dos 12 anos, quando ainda morava na zona rural: num domingo, foi com um colega buscar toucinho e cachaça, a mando de seu pai, na casa do dono do armazém, que era amigo da família. Quando estavam voltando, foram surpreendidos por uma chuva forte: “Nós molhamo tudo! Aí, ‘Vamo tomar essa pinga!’...”. Os dois beberam o litro inteiro: “Mal agüentei chegar em casa, não vi mais nada [...] fiquei três dias na cama, lá, morre não morre! [risos]”. Lembra que sentiu muita fraqueza e dificuldade de se alimentar, por causa dos vômitos excessivos.

Ao relembrar sua infância e adolescência, Mário sente-se arrependido e culpado:

Se tivesse força de vontade, podia ter evitado. Pra que põe na boca a primeira vez? Se eu não tivesse acompanhado os colega, eu não tinha vício. [...] Lá na roça, foi intuição de colega mesmo: me convidou pra tomar uma, eu achei aquilo bonito, ele tomando também, e enfiei o garrafão na boca.

Sente-se arrependido, também, por ter abandonado os estudos e por ter se envolvido em demasia com diversões noturnas, como dançar forró e bebedeiras com os colegas — avalia que isso está na origem das suas dificuldades existenciais.

Apesar de reconhecer que era triste e temeroso em relação ao futuro, não conseguiu estabelecer relação entre seu histórico de vida e seus comportamentos daquela época. Disse que achava bonito as pessoas beberem, porque elas pareciam alegres. Ele percebia que aquele recurso funcionava, pelo menos momentaneamente, sem se dar conta de que estava buscando formas paliativas de combater seu sofrimento:

‘Todo mundo tá bebendo esse trem, eu vou tomar’. Daí pra cá, eu senti o gosto da maldita. Aí, chegava o final de semana, ia balançar o esqueleto... uma dosinha... quando pensou que não, o copo tá cheio. Aí, pronto. **Cada dia que passa se vai animando mais, vai tomando gosto.** Aí, daqui a pouco, cê já sente a primeira vontade de tomar mesmo; aí, já cresce a dose.

Entretanto, parece convencido de que poderia ter evitado envolver-se “com a colegagem que usa aquele trem, que é do ramo da bebida”. A “colegagem” era uma turma de oito pessoas: os colegas de trabalho (já no setor da construção civil) e os do bairro — três desses companheiros atualmente trabalham com ele na empresa X.

Com o passar dos anos, Mário foi perdendo o interesse pelas diversões noturnas, tanto porque alguns dos colegas se envolviam em brigas, das quais participava tentando apartar, como por constatar que as noites mal-dormidas estavam atrapalhando seu rendimento no trabalho. Isso fez com que decidisse passar a beber sozinho ou com poucos colegas, o que fazia após o expediente. Tornou-se, então, freguês do bar que fica ao lado de sua casa.

2.2.2 A entrada na construção civil

Foi em 1992, logo após sair do emprego que o pai lhe arrumara na fazenda, que Mário entrou para a construção civil, na função de ajudante. Logo no início de sua vida

laboral no setor, sofreu um desmaio durante a limpeza de um cômodo bastante estreito e empoeirado. No atendimento médico, recebeu o diagnóstico de bronquite e a informação de que tinha um desvio de septo, o que atrapalha sua respiração pela narina direita. Disse ter desmaiado outras duas vezes enquanto realizava tarefa semelhante.

Hoje, apesar de reconhecer a facilidade de ter conseguido emprego na construção civil porque o setor “aceitava pessoas sem estudo”, lamenta “ter aceitado o primeiro emprego” que encontrou pela frente. Atribui à falta de sorte o fato de terem gostado do seu trabalho e oferecido para assinarem sua carteira de trabalho, pois, desde então, só conseguiu empregar-se na construção civil. Admite que, no início, até gostava do trabalho, porque era “um serviço leve”, já que tinha sido contratado para auxiliar numa reforma. Mas constata que houve várias mudanças no setor, que tornaram o trabalho “penoso”, e aponta como exemplos desde inovações tecnológicas, como a substituição da madeira por estrutura metálica — o que torna o trabalho mais pesado — até as cobranças por produtividade.

No início da carreira no setor, tentou sair, mas não teve êxito. Os trabalhos que apareceram eram de segurança particular e cobrador de ônibus, os quais dispensou: “Sei lá, parece que a construção civil tava me chamando”. Nesse começo, ele ainda tinha admiração pela profissão e tinha sonhos a realizar, além da impressão de que ganharia mais dinheiro trabalhando em obras. Sobre isso, afirmou: “Hoje eu tenho é pesadelo!”.

Tudo se complicou quando “pegou classificação de carpinteiro”, porque aumentaram em demasia suas responsabilidades e o “peso” do trabalho, o que não correspondeu, em absoluto, a qualquer melhoria salarial significativa.

Desde então, todos os serviços que prestou, inclusive na condição de empreitado numa fábrica de cerâmicas, foram no ramo da construção civil. Considera ser dependente de seu trabalho no setor para a sobrevivência e não vê qualquer perspectiva de mudança: “Só sei

fazer isso aqui: só assentar tijolo, só cortar madeira. Eu não sei ler, não sei escrever, mas tem que ter um jeito de sobreviver”.

2.2.3 O casamento

Mário casou-se há dez anos, quando tinha 23 anos. Referiu-se à esposa várias vezes durante as entrevistas de forma bastante afetuosa. Contou que ela não se importa com o fato de ele beber, mas prefere que o faça em casa, a fim de economizar dinheiro, já que, quando se reúne com os colegas, nos bares, “esquecem da vida” e bebem mais. Além disso, houve um episódio que contribuiu para essa preferência da esposa.

Há dois anos atrás, discutiram por ciúmes, quando ela o surpreendeu tomando cerveja no costumeiro bar do bairro com uma mulher, conterrânea dele e por quem ela não tinha simpatia. No calor da discussão, ele saiu de casa e foi passar o final de semana na casa do pai, pensando em não voltar porque não sabia como lidar com a situação, além de detestar brigas. Quando chegou ao trabalho na segunda-feira, um colega o ajudou a refletir sobre o ocorrido, o que o levou a sentir-se bastante grato àquele, pois concluiu que a esposa tinha certa razão e que ele havia agido mal. Voltou para casa, fizeram as pazes e um pacto de não discutirem mais por causa desse assunto. Reconhece que o ciúme dela foi justificado, apesar de não ter intenção de traí-la, nem com aquela mulher nem com outra, pois considera casos extraconjugais humilhantes e diz respeitar sua família. Mesmo considerando a remota hipótese de traí-la, disse que jamais o faria com alguém conhecido ou nos ambientes a que ambos têm acesso, e acredita que a esposa pensa da mesma forma em relação a ele.

Mário tem um filho que é a razão da sua vida. Parece que, indiretamente, o garoto o ajuda a superar a dor da perda do irmão, que sentia como se fosse seu próprio filho. O menino está com aproximadamente sete anos e é uma alegria para toda a família: “Até hoje,

pai fala comigo que meu moleque é como se fosse o filho dele, que é a mesma coisa. É levado, esperto!”.

A esposa não quer mais filhos e, segundo ele, não é aconselhável que ela engravide, porque sofre de hipertensão arterial. Recentemente, ela conseguiu empregar-se e decidiram “bater laje” nos dois cômodos e construir outros quatro, em cima. Com o salário mínimo que a esposa recebe, planejam pagar as despesas básicas e, com o salário dele, realizar a construção que, à semelhança dos dois cômodos que já construiu, ele mesmo fará nos finais de semana.

Em função disso, está tentando “descansar do álcool”, para economizar dinheiro e alimentar-se melhor. Fez as contas:

Tomo de três a quatro pinga por dia, na rua [no trajeto do trabalho para a casa]: um e 50, dois reais. Então, durante a semana, é dez conto os cinco dias. Durante cinco semanas, 50 conto. Pois é, com 50 conto eu compro cimento demais, uai! Dá nove saco de cimento! [...] enquanto isso, tá economizando o fígado, que é o que mais estraga na gente que bebe.

A criação do filho é um motivo para planejar abster-se da bebida. Além disso, Mário estava hipertenso e com colesterol e triglicérides em níveis elevados. Ele admitiu que o uso constante e prolongado do álcool durante sua vida pode ter relação com esses problemas. Disse ter ficado impressionado quando o filho lhe falou: “Pai, cê caça jeito de enricar primeiro, depois cê vai morrer dessa cachaça, viu?!”. Assim, ponderou que deixar a responsabilidade da criação do filho apenas para sua esposa seria por demais árduo para ela:

Eu tenho menino pequeno, eu tenho que lutar por ele, né? [...] Meu filho, que é a pessoa que eu mais gosto. Eu tenho que parar, pelo menos manear, né?, dar um descanso no fígado também, na saúde, porque senão... Esse nosso serviço já não é muito leve, já não é muito dos bons. [...] É pesado, estressante.

Passou, automaticamente, a falar sobre seu trabalho, definindo-o: “É um serviço arriscoso [...] sempre é o primeiro a subir, trabalha mais pendurado, só na altura. [...] mexe

com a serra circular, mexe com a maquina, com a furadeira, todos os tipos de máquina que é perigoso”.

2.2.4 O uso do álcool relacionado ao trabalho

Durante praticamente toda a sua vida, Mário tem ingerido álcool, seja com colegas de trabalho após o expediente, seja à noite, em casa, antes do jantar, seja nos finais de semana, com amigos, no bar perto de sua casa ou em festas familiares. Ele se lembra de ter ficado alguns poucos períodos sem beber, especialmente quando estava construindo os dois cômodos onde mora há três anos, cumprindo o propósito de não mais pagar aluguel.

A primeira entrevista com ele aconteceu em uma segunda-feira. Como já colocamos, esse é o “dia da ressaca” no senso-comum da construção civil, e, talvez, isso tenha contribuído para que ele falasse de forma espontânea e direta sobre o seu uso de álcool:

Eu não bebo em serviço, mas, é só sair da portaria pra fora, geralmente o primeiro lugar que eu encontro eu bebo. Assim são vários anos, entra dia, sai dia; assim, bebo em casa, bebo final de semana, principalmente; às vezes, chega ruim segunda-feira, de ressaca, né? [...] Hoje eu não tô de ressaca, que ontem eu não tomei, não. [...] Fiz questão de ficar quieto em casa. [...] Tem dia que a gente tem que ficar um pouco com os moleque também, né?

Relatou que é costume da categoria beber uma dose às segundas-feiras, para combater a sensação de “corpo desmontado”, provocada pela ressaca devido à ingestão de álcool em excesso durante os finais de semana: “**O cara não tem ânimo pra nada, e só melhora depois que toma outra [...].** Aí, parece que o sangue **volta ao normal**; aí vira outro, parece que é outra pessoa”. Disse que é comum muitos colegas não conseguirem trabalhar direito porque se sentem mal, com tremedeiras ou dores no estômago e náuseas, às vezes gerada pelo excesso de água ingerida na tentativa de combater a ressaca. Por isso, segundo ele, a ingestão de nova dose é mais eficaz, pois faz com que o organismo, “acostumado com o álcool”, se restabeleça e fique disposto para o trabalho: “**Sai daqui, toma uma ali na frente,**

daqui a dez minutos tá normal". Também afirmou que, na hora do almoço, especialmente às segundas-feiras, a maioria bebe, inclusive encarregados e engenheiros.

A respeito de sua relação com a bebida, declarou: "Eu considero que eu tomo muito mesmo [...] acho que a pessoa tomar um litro de pinga durante a semana, ele toma muito. [...] Bom, eu sou mais de tomar em casa. [...] Eu saio aqui, tomo uma no centro ali e, aí, é só em casa". Sua bebida preferida é a cachaça, e bebe cerveja apenas em ocasiões sociais como, por exemplo, aniversário de parentes.

Fez uma espécie de auto-avaliação do uso que está fazendo do álcool nos dois últimos anos:

E acho que eu bebo muito. E ainda não soube que fez mal ainda, porque, se souber, também, eu paro. [...] **eu acho que até no momento não tá fazendo mal ainda, não.** [...] não tô sentindo sintoma nenhum, mas, se passar a sentir, a primeira coisa que eu faço é procurar um médico — que isso **também faz parte da pessoa, né?, querer viver, né?** [...] Mas são meses e mais meses, sempre bebendo, sempre trabalhando.

Ele se compara com o estereótipo do alcoólatra, e diferencia-se:

Não sou aquela pessoa que bebe pra ficar estressado [...] Porque tem pessoas que bebem e desesperam. [...] acho que fica nervoso, né?, fica brigando, discute com a família, né?, quebra as coisas em casa e depois tem que comprar de novo. [...] A pessoa que faz umas coisa dessas, pra mim não tem controle da bebida, não, né? Então, geralmente são assim as pessoas que bebe. [...] Um dia também... se chegar perto da minha esposa e ela reclamar que eu tô demais também, eu faço questão de parar. Até o dia de hoje, ela não reclamou [...] **do meu ponto de vista, até esse momento minha vida é normal.** Bebo bastante, mas sei controlar.

E continua a diferenciar seu uso de álcool daquele que considera problemático:

Sei controlar minha mente, porque tem pessoas que bebe e esquece que ele é ser humano, e esquece que o outro também é ser humano, maltrata com palavra; toda hora quer desesperar, brigando; não sabe brincar, não respeita família, né? Passa a desconsiderar a família. [...] Porque a pessoa que bebe, chega em casa, briga com um filho, batendo na esposa, quebrando trem dentro de casa, não tá considerando a família mais. [...] Tem muitos que bebe e faz vexame [...] cai pra rua afora [...] faz uns tipo de brincadeira meia feia, né? **Acho que, comigo, tá tudo no seu devido lugar.** Se acontecer isso comigo, tenho certeza que eu paro. Paro igual parei com o cigarro.

Contudo, afirmou:

Sou alcoólatra, né? Porque quem bebe é alcoólatra, não tem como falar que não é, né? Porque, se falar que não sou alcoólatra, só se eu não beber, né? Se tomou uma ou duas, ou três, é alcoólatra de qualquer jeito, de qualquer maneira. **É um tipo de alcoólatra controlado, que sabe beber.** Que tem uns que, entra semana, sai semana, esquece do serviço, esquece da obrigação. Esse aí é dominado, nós chama é de dominado.¹⁰

Segundo ele, a esposa já perguntou algumas vezes se não sente vergonha de falar que bebe, ao que responde, sempre: “Uma coisa nesse mundo que eu não tenho vergonha é esconder o que eu sou. Se eu sou assim, é assim”.

Apesar dessa aparente auto-estima, já que ele citou outras frases do gênero durante as entrevistas, não se pode deixar de notar sentimentos encobertos de menos-valia e desamparo. A fala de Mário é matizada por manifestações de vários mecanismos de defesa psicológica, como no exemplo da frase anterior, já que não ter vergonha de esconder pode ser interpretado como ter vergonha, inconsciente, de se mostrar. Na verdade, esse trecho do seu depoimento revela um lapso, pois, ao tentar falar que não tem vergonha de se revelar, ele acabou dizendo que não tem vergonha de se esconder.

Mário é ex-tabagista. Antes de parar de fumar, há três anos, já havia tentado interromper o hábito três vezes, por recomendação médica, mas sem sucesso. Está abstinente do tabaco há três anos, e interrompeu o hábito de forma brusca, o que fez com que ficasse “meio nervoso e perturbado” durante os primeiros dias. Mas sustentou sua decisão com o seguinte pensamento: “Quem gosta de mim é eu mesmo. Se eu não gostar de mim, mais ninguém vai gostar, não”.

¹⁰ Mário falou que já viu muito colega seu “morrer de pinga mesmo”, e contou o caso de um pedreiro, de mais ou menos 36 anos, que era “bom de serviço” e que “chegou um tempo que ele não agüentou trabalhar [...] começou a passar mal, dar dor, começou a perder o apetite, parou de alimentar, e só tomando; parou de trabalhar. Se entregou, né?”. Ressaltou que o colega bebia desde pequeno: “Esse pessoal que veio do interior, igual eu vim, dificilmente tem uma pessoa que não bebe desde pequeno. Dificilmente. [...] Então, eu acho que a pessoa do interior que bebe mais não é tanto que ele é viciado, não, é tanto sofrimento que ele sofre”.

Ele admite a hipótese de tornar-se abstinente do álcool, comparando com seu êxito em manter-se abstinente do tabaco: “Quero fumar mais não. A mesma coisa vai ser com a bebida o dia que eu sentir que tá fazendo meu mal”. Disse que se houver outras bebidas que não a cachaça, as quais ele possa consumir sem fazer mal a sua saúde, ele beberá, pois “**gosta de beber**”. Porém, caso não exista essa possibilidade de substituição que o mantenha tendo acesso aos efeitos do álcool, argumenta: “Como eu não gosto das outras mesmo, é só de um tipo [cachaça], é até mais fácil de eu parar. Se eu esquecer de uma, eu esqueço de todas, né?”.

No entanto, Mário começa a admitir que estão acontecendo algumas descompensações em sua saúde devido ao uso do álcool. Relatou que teve um desmaio em casa, em março de 2005, decorrente de um pico hipertensivo de 25 por 9 mmHg. Foi socorrido pela esposa e levado ao hospital em estado delirante, sendo amarrado à cama e sedado. Depois desse episódio, iniciou um tratamento para hipertensão com dois medicamentos: Captopril e um outro, do qual não lembra o nome. A prescrição médica é de dois comprimidos por dia, mas Mário os toma apenas a cada oito dias, às segundas-feiras, ou quando tem sensações que atribui a uma elevação da pressão arterial:

A hora que eu comecei arrupiar o braço, comecei a suar frio, e sentir assim um tipo de dormência no braço, posso tomar remédio. [...] quando eu como assim uma comida mais gorda ou durmo mal, também dá; ou, então, quando eu bebo sexta, sábado e domingo, na segunda-feira eu posso contar.

Ele reconheceu que está agindo de maneira incorreta em relação ao tratamento. Disse ter informado sua conduta ao seu médico, que o repreendeu: “Só não me chamou de santo, o resto...”.

Justificou sua falta de adesão ao tratamento com base em dois motivos dignos de nota. O primeiro é que “os remédio de pressão são **um tipo de vício**”, porque a esposa toma esses remédios todos os dias, três comprimidos pela manhã e três à tarde; disse que a cunhada também é viciada nesse tipo de remédio. O outro motivo é que o remédio não pode ser

tomado com álcool: **“Eu vou ter que escolher: ou o remédio ou a pinga [...] porque os dois não pode misturar. [...] o remédio de pressão não faz mal com álcool, mas também não vai valer nada”**.

Sua decisão pela manutenção do hábito de beber, a despeito da consciência de possíveis problemas de saúde futuros, decorrentes, por exemplo, do tratamento incorreto da hipertensão arterial, sugere que o álcool tem papel fundamental em sua vida.

Após sua auto-crítica sobre o seu uso de álcool, Mário concluiu, taxativo: “O álcool nunca deixa ninguém normal, isso eu tenho certeza. [...] A pessoa que falar que fica normal, normal, 100%, tá mentindo [...] o álcool sempre desvia a pessoa de alguma coisa”.

Sobre a primeira sensação provocada pelo álcool, ele diz que é uma tontura da qual pode derivar comportamentos diversos: “Uns sente sono demais; outros ficam tranqüilos; outros, inquietos; outros têm vontade de alimentar; outros já perde o apetite”.

No seu caso, considera que o problema está no excesso de apetite. Disse que há dias em que passa mal, por ter comido muito, o que já foi notado e comentado pela esposa, além de o médico da empresa também já ter recomendado que ele reduza o peso e diminua o consumo de gorduras.

Disse que cada pessoa “tem seu jeito de expressar a pinga”, e que o dele, além do apetite aumentado, é ficar “bobo”. Explicou: **“Mudo, eu não preocupo com muita coisa, de qualquer jeito pra mim tá bom**. Pode até me xingar que pra mim tá bom, não tô nem aí. **Fico na paz”**.

Tal reação contrasta com o que disse de seu comportamento quando não está sob efeito da bebida: por exemplo, incomoda-se com qualquer barulho, não gosta que o filho brinque na rua porque acha perigoso, além de inconveniente para os vizinhos quando se trata de brincadeira com bola. Além disso, tem impulsos de consertar qualquer “coisinha que vê fora do lugar”: “Eu gosto das coisa tudo certinho. Agora, depois que eu bebi, eu falo: ‘Ah, cês

se vira, não preocupo com nada mais, não”. [...] A muié fala que eu fico é besta! Se tiver almoço eu como, se não, eu mesmo vou fazer pra mim. É desse jeito!”.

Contou que, no dia anterior à primeira entrevista, domingo, havia optado por não beber porque tinha tomado cerveja com um colega na sexta-feira e quatro pingas no sábado, além de querer desfrutar da companhia do filho e render bem na segunda-feira, no trabalho.

Caso não esteja bem-disposto na segunda-feira, sente como se estivesse abandonando o serviço, pois considera esse o principal dia da semana, porque, nele, reencontra os colegas e o encarregado passa o serviço pra semana toda (no Minuto da Segurança): “É o dia em que ele conta uma novidade que a firma exigiu dele pra gente fazer”.

Por conseguir administrar o uso da bebida dessa maneira é que considera que “bebe muito, mas controlado”. Ainda assim, declarou sentir necessidade da bebida:

Se eu não tomar uma pra jantar... essa é a principal [...] Ah, depois que eu tomo uma assim, **clareia**, sabe? [...] Clareia assim, eu já como satisfeito, já como... **parece que a comida já tem outro gosto, fica mais gostosa ainda.** [...] é a mesma coisa de quando cê tá com sede e toma aquela água friinha. Cê sente aquele alívio por dentro, aquele paladar, mata aquela vontade. [...] **Quando eu chego em casa pra jantar, eu já tomei duas, três. Então, por isso que eu falo que eu bebo muito. Ainda chego em casa e ainda vou no garrafão e tomo mais uma pra jantar.**

Mário chega no trabalho antes das 07h00 e sai por volta das 17h00, 17h30. “Pego o carro [ônibus] ali, desço lá no centro; de frente do ponto de ônibus, **do lado já tem um bar. Ali eu já tomo a primeira**”. No centro, pega outro ônibus, para o seu bairro. Falou que já sai do trabalho com vontade de tomar: “É a mesma coisa da sede que eu falei [...] tomou, passou [...] a hora que eu tomo, eu sinto aquele alívio... [...] nem sei explicar”.

A vontade de ingerir álcool começa quando o final do expediente se aproxima. Por volta das 17h00, começa a sentir ansiedade, “uma coisa esquisita”, que ele comparou novamente à sede, por não conseguir explicar. Durante o trabalho, não se lembra de beber, disse que se distrai: “Aí, eu já me preocupo só com a obrigação, só com o serviço. Mas deu da

hora de ir embora, **a primeira coisa que vem: tomar uma pra ver se melhora esse corpo. O corpo tá muito cansado, né?**”.

Caso não consiga beber imediatamente após a jornada, disse sentir tanto cansaço que precisaria sentar e dormir antes de ir para casa, mas, “quando toma uma, parece que o corpo volta ao normal, volta pro lugar”. Afirmou, também, que, **“se pensar bem, na hora que eu tomo eu sinto outra pessoa mesmo, tem até mais disposição. [...] A gente sente o corpo pesado. Depois que toma: ‘Agora eu tô bom, agora eu posso ir embora tranquilo’. É assim**”.

Relatou que a região do corpo em que sente mais cansaço são as pernas:

No tipo do nosso serviço, nós sobe muito andaime, desce andaime, sobe escada, desce escada. É cansativo demais, por causa disso, muito peso¹¹; pega peso, as posição de trabalhar não é muito agradável [...] porque, às vezes, pra amarrar uma forma, às vezes tem que ficar até de cabeça pra baixo lá em cima. [...] eu não vou mentir, não, tem muitas das vezes que eu não me sinto legal, não, eu sinto assim... um pouco de medo. Antigamente, eu não tinha isso, não.

Segundo ele, quando começou na profissão, não sentia medo, mas hoje, quando olha para baixo, sente medo demais, principalmente depois que sofreu um acidente no qual destroncou o pé, em 1996: estava trabalhando num prédio de 13 andares, que considera até baixo, e o balancinho¹² no qual estava quebrou e caiu. Durante a queda, Mário pulou pela janela do banheiro do décimo andar, caiu em cima do pé e destroncou-o. Disse que, a partir desse acidente, passou a sentir medo. Porém, tenta não dar importância a esse sentimento, sendo que essa estratégia faz com que afaste a consciência do risco presente no seu trabalho.

Ele comparou as condições de segurança atuais com as do passado, avaliando que melhorou bastante, pois agora há uma grande preocupação com a segurança do trabalhador, sendo que os procedimentos de segurança e a disponibilização de EPIs costumam ser a

¹¹ Mário informou que, atualmente, a carpintaria utiliza preferencialmente estruturas metálicas e que cada peça pesa em torno de 49 quilos. Diz carregar muitas dessas peças por dia, subindo e descendo escadas.

¹² “Balancinho” é uma cadeira amarrada por uma roldana na qual o trabalhador fica sentado para trabalhar na fachada das edificações.

primeira coisa que as empresas ensinam quando são admitidos: “Subir em andaime, andar sobre ele amarrado no cinto de segurança, usar luvas e óculos — tudo eles ensina. Antigamente não ensinava, não, era Deus por todos e cada um por si”. Reconhece, também, melhorias significativas em relação às condições de higiene, valorizando os filtros de água, o que minimiza a necessidade de beber água nos capacetes, e os vestiários com banheiros e chuveiro para tomar banho. Porém, considera que essas melhorias foram acompanhadas de uma intensificação importante do ritmo do trabalho. E acrescentou, taxativo: **“Mas, no resto, o serviço ficou mais pesado”**.

Mário relatou outro acidente sofrido durante a remoção de um pilar de madeira que escorava uma laje. O pilar bateu em sua cabeça, nocauteando-o, e ele acordou no pronto-socorro. Os colegas lhe contaram que “fez um buraco que dava pra mexer lá dentro do crânio”. Concluindo essa história, falou:

[...] esse tipo de serviço não permite álcool... é porque a pessoa que toma álcool, ele não tá normal, não. [...] **Ele fica leve demais. Às vezes, perde o medo também demais.** [...] Uns perde o medo. [...] **Quando cê toma, cê esquece, esquece o acidente, esquece muita coisa, cê cria aquela... tipo de coragem.**

Está, portanto, convencido de que o álcool traz perigo para o seu tipo de atividade, já que a pessoa com medo tende a se prevenir e quem está sem medo **“vai de qualquer jeito, esquece de amarrar o cinto, esquece de conferir as cordas, ver se está bem amarrado”**, porque **“acha que ele tem condição de ir sem o equipamento de segurança dele”**. Reconhece que realiza tarefas de alto risco e responsabilidade, que exigem muito cuidado de todos, principalmente com os colegas que estão nos andares inferiores e dependem do seu trabalho, nos andares superiores. Ele disse que todos os carpinteiros e armadores sabem que, se deixarem cair alguma peça, podem provocar um acidente fatal, por exemplo.

Mário já presenciou vários acidentes, como uma queda fatal de um colega que esqueceu de amarrar o cinto de segurança no andaime enquanto trabalhava com ele na caixa

d'água de um prédio, e outros acidentes menores, como a amputação de dedos pela serra circular. Segundo ele, a maioria dos colegas que perdeu o dedo, o acidente ocorreu com esse equipamento.

Após discorrer sobre esses riscos envolvidos na sua atividade, concluiu: “Serviço não tem como o álcool tá no meio, não. [...] Bom, depois do serviço, você já cumpriu sua obrigação, já não tem mais tarefa nenhuma de risco... [...] pra tomar tem que ser normal”. E explicou que “ser normal” é não tomar para ficar bêbado, porque o bêbado corre muitos riscos, mesmo fora do trabalho, como o de ser atropelado ou o de perder o sentido da vida. Por isso, bebe de duas a quatro doses de cachaça nos bares, no trajeto de volta para casa, porque o corpo relaxa e ele chega em casa “mais tranqüilo”, “já com o corpo normal”, e, em casa, bebe mais uma dose antes do jantar.

Interessante foi o fato de Mário ter elaborado, espontaneamente, a seguinte questão, que é a mesma que motiva esta pesquisa:

Aqui dentro [daquele canteiro de obras da empresa X] são poucos que não bebem; no meio de nós tudo aqui [100 trabalhadores aproximadamente], se tiver uns 15 é muito. [...] E aquele que não bebe, já bebeu demais! [...] Agora, isso aí eu queria entender por que.

Ele levanta a hipótese de que o fato de a maioria do contingente da mão-de-obra do setor ser originária da zona rural — onde é comum o contato precoce com álcool e também é precário ou inexistente o acesso à alfabetização — concorre para que o hábito de beber seja quase natural entre eles: “**então, já é acostumado [a beber], chega aqui... eu penso assim, mas ainda quero saber mais ainda se é isso mesmo**”. Percebe-se que ele não se contentou com essa resposta, e diz que tem perguntado a opinião dos colegas. Mas concluiu: “**Ninguém sabe e todo mundo caça essa resposta**”. Assim, ele não apenas atesta a relevância desta investigação como revela que, entre seus colegas, existe a mesma interrogação que deu origem a ela.

É interessante ressaltar, a esse respeito, que Mário lembrou-se da época em que prestou serviços para uma fábrica de cerâmica; disse que os assuntos que os colegas conversavam no vestiário, no início e no final do expediente, não estavam relacionados ao uso de álcool, ao contrário do que observa na construção civil: “[Na construção civil] Bate-papo, chegando no vestiário, é a bebida [...] Geralmente é a primeira conversa, só não entendo por que”. Ao ser inquirido sobre uma possível relação entre o uso do álcool e o trabalho, respondeu: **“Pode ser também que a construção civil é mais pesado, né? Que a pessoa se sinta estressada e acha que, tomando o álcool, aí vai... vai se relaxar melhor**, mas não creio que é isso também, não”.

Apesar de, ao final, negar a segunda hipótese que formula, discorreu sobre suas atividades de um modo que reforça a correlação entre o uso do álcool e o trabalho na construção civil:

É muito estressante, é muito pesado, é muito cansativo, é muita cobrança. Nossa!, é muita cobrança! [...] Exigir um serviço bem feito, uma produção... exige uma qualidade melhor, principalmente produção. **Eles quer que a gente faz um tanto de serviço que a gente vê que não tem condição.**

Em face das cobranças por produtividade, ele relata sentir-se esgotado, e, às vezes, não consegue sequer fazer a pausa do almoço:

Tem dia, eu vou falar a verdade, tem dia que eu não tô agüentando nem descer essas escada aí, de tão cansado que eu tô. Tem dia que nós pega sete horas da manhã e vai até seis, oito da noite sem fazer hora de almoço [...] já come a malmita de pé e aí sai vazado, tem que sair correndo pra cima.

As reivindicações que os trabalhadores da construção civil fazem aos chefes imediatos são respondidas com a justificativa de que eles (chefes) também estão submetidos à cobrança e que também dependem de cumprir a meta de produção para receberem seus salários. Assim, **“Fica elas por elas. Ninguém tem resposta pra nada, o jeito é lutar pra sobreviver. É correr mesmo e pronto”**. Ao final do mês, caso a meta de produção não tenha

sido atingida, os pagamentos atrasam e as ameaças de demissão sobrevêm, mesmo quando o não cumprimento da meta é de responsabilidade de um fornecedor que atrasou para entregar o material, por exemplo.

Segundo Mário, isso não é considerado: “Eles caça jeito de mandar a gente embora porque não deu a produção que eles querem; então, pra eles não serve. Então, pra não ficar desempregado, trabalha por cima do pescoço”. Ele explica o significado dessa expressão estabelecendo relação entre o cansaço físico (devido ao trabalho excessivo), a alimentação insuficiente (arroz, feijão e, algumas vezes, frango) o desgaste mental (devido à necessidade de corresponder às metas de produção para garantir a sobrevivência) e o uso do álcool:

[...] trabalha por cima do pescoço porque, às vezes, cê não tá agüentando, mas cê faz força pra fazer aquele serviço, porque senão, quando chegar o fim do mês, se você atrasar sua conta de luz, eles vai e corta ela; se quer religar, tem que pagar multa. Então, se o patrão não te pagar, cê não tem como pagar também, não tem renda nenhuma por fora, só o serviço. [...] Aí vem o cansaço. O cara sai daqui aborrecido, cansado, cobrado, chega lá embaixo, tem 50 centavos no bolso: ‘Vou tomar uma cachaça pra ver se esqueço, acabar com esse negócio e ver se esse cansaço some’. Só que, tomando uma pinga, não vai resolver o problema, mas alivia, porque ele esquece naquele momento, né? [...] a gente ganha pouco, não tem condição nem de comer uma coisa melhor também, porque o que ganha é a conta de sustentar mal, mal. A pessoa que não tem uma mente boa, se começar a pensar muito no serviço que faz, o tanto que trabalha e o tanto que ele ganha e o tanto que ele precisa pra sobreviver, ele desespera. Ele desespera, e a primeira coisa que ele vai encontrar a solução pra esquecer é tomando uma pinga. [...] Mas esquece naquela hora, e amanhã?

Ele ainda explicou como o alívio imediato proporcionado pela ingestão do álcool acaba por se sobrepor às necessidades materiais da família: “No momento da vontade de beber mesmo, a gente esquece daquele negócio que vai comprar. Aí, cê pensa: ‘Se eu tirar 50 centavos, não vai fazer falta, não, lá na frente eu arrumo’”. Mas avalia, por sua experiência, que essa quantia, aparentemente irrisória, faz falta no final do mês, porque na maioria das vezes o salário não é suficiente para pagar as despesas básicas.

Assim, para garantir o sustento da família, repondo o que deixou de comprar porque gastou o dinheiro com a bebida, administra seu salário “comprando fiado”. Mas, além disso lhe causar sentimento de vergonha, faz com que esteja sempre fazendo novas dívidas. Tal situação deixa-o permanentemente constrangido e tenso, porque além das dívidas teme, com razão, ficar desempregado a qualquer momento (já que a instabilidade dos contratos é uma característica do setor), e está ciente de que um episódio de desemprego agravaria ainda mais sua situação. Assim, sente-se, diariamente, depois que cessa o efeito da bebida, arrependido e culpado: **“Depois que eu tomei uma, às vezes gastei o dinheiro de comprar alguma coisa em casa. Mas, naquele momento que tô bebendo, cê não tá nem aí”**.

Mário falou do profundo sentimento de humilhação que vem da condição de exploração a que é submetido enquanto trabalhador da construção civil e da distância entre o que oferece e o que recebe: “A gente ganha pouco demais pelo que faz”. E comparou-se com políticos que, segundo ele, ganham, aproximadamente, cinco mil reais, “sem fazerem força”.

Também se sente humilhado quando não consegue cumprir o prazo para a entrega de uma tarefa — atualmente, três lajes por quinzena:

[...] a gente chega até a fazer, porque a gente esforça o corpo pra dar mais [...] não tem outro jeito, a gente tem de fazer, não quer nem saber se a gente tá agüentando ou não, a gente tem de fazer [...] a gente pega com Deus e reúne as força, e acaba saindo. Só que, quando é à tarde, também tá bem cansado.

Citou um exemplo da semana anterior à entrevista, quando fizeram (segundo ele), em dois dias, um serviço que demandaria cinco para ficar pronto. Ressaltou que, dessa vez, a empresa reconheceu o esforço dos empregados e permitiu que folgassem na sexta-feira.

Na quinta-feira, ao chegar em casa, falou para a esposa: ““Ó, dona Maria, não estressa comigo, não, que eu vou tomar uma cachaça, não sei a hora que eu volto”. Tomei com os colega no boteco. Cheguei em casa ruim, tomei um banho e nem jantei, mas amanhã não ia trabalhar mesmo”. O tempo que estive no bar, parece ter compensado o mal-estar provocado

pelo excesso de álcool ingerido: **“Nessa hora, a gente fica feliz, esquece os problema, tudo pra gente tá bem; a gente não tem cansaço, a gente não sente nada, só sabe contar história, falar da vida dos outro.** Ah!, uma vez no mês, ficando tonto, não tem **problema, não”**.

Segundo ele, a empresa costuma incluir, no salário, 180 reais extras quando conseguem cumprir a meta de três lajes por quinzena. No entanto, apesar de reconhecer o ganho financeiro, importante para quem ganha salário baixo, afirmou: **“Eu não acho bom, não, porque a gente trabalha muito. Mas, de qualquer maneira, tem de fazer mesmo, né?”**.

Um fator que contribui para o seu sentimento de humilhação é o fato de seu trabalho de carpintaria ficar encoberto quando a edificação termina, somado à maneira como os superiores se referem ao produto final de todas as etapas da obra:

Na minha profissão, quando acaba a obra, a gente quase não vê nosso serviço mais. [...] a única lembrança que nós temos é assim: ‘Eu trabalhei ali’. Só isso. A gente sente assim: ‘Ali eu sofri muito, ali foi divertido...’. O prédio ficou bonito, mas quem pôs ele bonito foi os pedreiro, foi os pintor, porque o acabamento tira os defeito da estrutura. Mas aí que eu falo que **tem que ter inteligência** para o pedreiro elogiar o meu serviço.

Assim, fica feliz quando algum colega pedreiro reconhece que ele fez um trabalho de qualidade, e insatisfeito quando acha feios os acabamentos de algum edifício do qual participou da construção. Entende que o resultado final da obra é produto de um trabalho em equipe: “Quando um prédio fica bonito, é porque todo mundo trabalhou bem”.

Contudo, ressentido da falta de reconhecimento dos superiores; falou que isso nunca é admitido por aqueles que ocupam cargos de chefia: “Eles não fala que foi a gente que fez, não. Jamais fala uma coisa dessa! Eles fala: ‘Eu que fiz aquele prédio ali’”.

Tenta lidar com essa falta de reconhecimento; disse que já se acostumou, pois se sente impotente diante dessas atitudes. Acredita ser impossível que algum engenheiro, mestre-

de-obras ou mesmo encarregado reconheça o trabalho dos membros inferiores da hierarquia com um elogio. Então, conformou-se, apesar de julgar “muito errado eles falar assim. Mas é assim que eles quer, que seja”. O reconhecimento entre os pares (pedreiros, carpinteiros, armadores e os outros do mesmo nível) é o que parece ajudar a suportar essa carência de elogios por parte daqueles que fazem as exigências e cobram resultados. Mas tudo indica que a falta de reconhecimento dos superiores exacerba seu sentimento de humilhação. Ele reconheceu que isso é ainda mais grave para a condição de servente: “O servente já não fala. Ou fala: ‘O prédio que eu ajudei a fazer’. Porque o nome da profissão dele já indica: ajudante, uai. Só que eu não concordo também, não; tem que ser nós”.

Supondo que um dia esse reconhecimento fosse possível, Mário disse que ele e outras pessoas que trabalham no setor se sentiriam “um pouco melhor”, já que “um não tiraria diferença do outro”.

Argumentou que, apesar de a maioria dos trabalhadores da construção civil ser analfabeta ou semi-alfabetizada, isso não é motivo para se pensar que o trabalho deles seja isento de dificuldades e possa ser feito “de qualquer jeito, por qualquer um”: “só não exige muita leitura, mas exige só da gente aquilo... só da mente. A mente tem que estar funcionando”¹³. Ele se referiu às diversas habilidades que tem que pôr em prática, tais como: paciência para tolerar cobranças, responsabilidade e noção de interdependência entre as diversas fases da obra, humildade para aprender com os mais experientes, capacidade de aprender e praticar os procedimentos de segurança.

Assim, de segunda a sexta-feira, Mário vive submerso nesse contexto laboral. Acorda às 04h00, levanta-se às 04h20, sai de casa por volta das 04h50, anda 15 minutos a pé

¹³ É importante ressaltar que esse argumento de Mário vai de encontro ao conceito de “trabalho braçal”, comumente atribuído a esse tipo de trabalho que executa. Ele deixa claro que sua “mente” está todo o tempo funcionando. Nos depoimentos de vários outros trabalhadores esteve presente esse mesmo argumento, de que o trabalho na construção civil exige, além da força física, habilidades cognitivas. São exemplos: “para trabalhar na construção civil tem que ter cabeça”, “não exige estudo, mas precisa de inteligência”, “cada pessoa trabalha de um jeito, e antes de fazer tem que pensar muito”.

para poder pegar uma única condução na ida para o trabalho. Sua rotina, durante anos, ao sair do trabalho, é a seguinte:

Durante a semana, é daqui, passo, tomo uma, desço lá no bar, passo lá no boteco, tomo outra, chego em casa, tomo banho, tomo outra também, pra jantar, e aí é só assistir televisão com a família e dormir depois. [...] No outro dia, quatro horas da manhã, de novo...

Admitiu exagerar um pouquinho na bebida, nos finais de semana, especialmente se estiver com algum colega:

[...] aí, um, começa a conversar, ‘Vamo tomar, essa aí é por minha conta’; outro: ‘Não, hoje eu não quero sair sem pagar, não’; ‘Vamo tomar a saideira’; ‘Ah, não, essa vai ser a minha’. Se não ficar esperto, aí, pronto, esquece até do almoço. [...] Se tiver uma sinuquinha, acabou. [...] Acho que o motivo mais de eu ir no boteco é a sinuca. Eu gosto de jogar sinuca.

Entretanto, esse tipo de diversão fica restrito a poucos finais de semana, porque “pesa no bolso”. Mário expôs como é difícil administrar os gastos com essa fonte de prazer, que pareceu ser uma das poucas de que pode usufruir:

[...] a pinga, se ocê for no boteco três vezes por semana, se ocê encontrar três colega, no mínimo ocê vai deixar 20 conto lá, na semana [...]. Isso é fora o fim-de-semana. Eu sei que a bebida pesa tanto no bolso... sexta-feira mesmo, eu paguei 50 real só de pinga. [...] pra gente que é pai de família, isso faz uma falta danada. [...] dá de comprar uma roupa pro seu filho [...] dá pra pagar uma conta de luz.

O limiar entre prazer e desprazer fica tênue:

Eu gosto muito de observar esse tipo de coisa assim, principalmente quando eu tô sozinho. Quando eu tô tomando uma sozinho, fico pensando [...] ‘Se eu parasse de beber... Eu comprei um litro de pinga de três reais e 50. Esses três reais e 50 dava pra eu comprar um quilo de maçã pro moleque’. [...] Mas, pra dividir os três reais e 50, não dá pra comprar o litro de pinga nem a maçã, aí fica um jogo assim, de empurra-empurra. Então, tem de comprar ou bem a maçã ou bem a pinga. E acaba comprando a pinga.

Ele evitar desfalcocar o orçamento doméstico gastando demais com a bebida, adotando a estratégia de ir às compras com a esposa assim que recebe o salário. Dessa forma,

fazem valer o acordo entre eles: “Então, toma essa parte; essa parte daqui eu vou tomar a minha pinga”. Assim, dividem o dinheiro que sobra, após conferirem se precisam de mais alguma coisa.

Vale ressaltar que esse tipo de conflito poderia estar presente em qualquer outra fonte de diversão e prazer, inclusive naquelas que não envolvem o uso de álcool, pois se trata, sobretudo, do seu baixo poder aquisitivo. Observa-se, apenas, que, nesse caso, a diversão em bares parece ser a mais atraente e a mais acessível, em termos sociais e financeiros, sendo também a mais tradicional entre os trabalhadores dessa categoria.

Mário se considera “um cara esquisito”, porque não gosta muito de interações sociais, nem de multidões, nem de freqüentar casa de parentes. Como exemplo, citou que nunca foi à casa da sogra nesses dez anos de casado e que assistiu ao enterro do sogro a distância. Também se acha estranho quando constata que, apesar de seu pai morar a apenas “quatro casas abaixo” da sua, às vezes fica sem visitá-lo durante um ano: “Eu gosto mais de ficar no meu canto. Quem precisar da minha ajuda, me procura; se eu precisar, eu vou lá e procuro”. Raramente vai à igreja, exceto em batizados e casamentos de pessoas próximas. Já gostou bastante de futebol, mas também não freqüenta mais o campo há muito tempo, desde que destroncou o pescoço e precisou ficar afastado do trabalho por 13 dias.

2.2.5 A evolução do hábito de beber

Até há dois anos, Mário estava bebendo relativamente pouco (“uma ou duas pinguinhas” por dia) em relação à quantidade de doses que ingere atualmente. Ele notou que seu hábito de beber recrudescer quando cometeu excessos na comemoração do aniversário de um colega. A partir daí, decidiu beber somente em casa, considerando que esta seria também uma boa estratégia para economizar dinheiro, já que a companhia dos colegas estimula o consumo de maiores quantidades de bebida.

Sobre os dois últimos anos, disse: **“Parece que teve uma coisa que me dominou. Aí, eu passei a tomar todo dia”**.

Percebeu que sentia um desejo intenso de consumir álcool, especialmente na hora do almoço e ao final do expediente. Sobre a “fissura” na hora do almoço, disse: “Parece que a gente, tomando uma, o almoço fica mais gostoso; parece que a gente fica mais tranquilo, dá um alívio assim; cê come com gosto mesmo”. Contudo, afirma ter conseguido não desenvolver o hábito de beber no horário de almoço durante a semana.

Segundo ele, a vontade de beber na hora do almoço é mais intensa em dias chuvosos. Brincou com as “frases feitas” dos colegas, que dizem que isso é “tradição de quem bebe”: “tomar uma pra poder esquentar, acabar com o frio”. Porém, declarou: “Só que ajuda nada, não. Isso é ilusão da gente, só desculpa pra tomar mesmo”.

Apesar de estar convicto de tratar-se de “uma desculpa de quem é viciado”, percebe-se, em seu depoimento, algo esclarecedor a respeito da afirmação corriqueira da categoria sobre o “uso da bebida para esquentar”:

Acho que a única coisa que a pinga pode fazer é dar coragem, aí dá; jamais tira o frio. [...] Aí, a gente não vai preocupar muito com ele [...] **porque já perde o medo do frio, cria coragem [...] não tem nada na sua mente, de frio: o corpo tá padecendo lá, a mente não tá sentindo nada.**

Ele disse tolerar bem o frio nas lajes baixas, porém afirma que, nas superiores, o frio chega ao limite do insuportável devido ao vento, sobretudo em dias chuvosos, quando precisa vestir agasalho e até touca de lã. Falou que muitos colegas sentem o mesmo. Lida com o frio “dando uma de durão”, tentando suportá-lo até o limite antes de lançar mão de um agasalho, a fim de ir criando resistência a ele.

Já sobre o desejo de beber que se torna premente ao final da jornada de trabalho, declarou: “Se não tomo, eu sinto assim, aquela ansiedade de tomar. Passa um filme na cabeça:

‘Se eu tomar, eu chego em casa bom; se eu tomar uma, eu agüento esperar o ônibus chegar’”.

Quando chega em casa, antes do jantar, ainda sente necessidade de beber mais algumas doses: “Tenho que tomar duas pra jantar. **Tem que ser duas porque uma só não satisfaz mais. Fica bom, mas não dá aquela paz, aquele alívio, não; tem que ser duas”.**

Mário pareceu estar quase convencido de que não está mais sabendo controlar o hábito de beber como antigamente e, por isso, está decidindo tornar-se abstinente, uma vez que necessita manter sua saúde e sua capacidade laboral para prover a família e participar da criação do filho. Diretamente associado a essa decisão está o projeto de aumentar os cômodos de sua casa, sobretudo em função de economizar o dinheiro que gasta com a bebida para comprar os materiais de construção.

Com isso, está pensando em como fará para comprá-los, já que, na ocasião da construção dos dois primeiros cômodos, foi impedido de comprar a crédito sem avalista simplesmente porque é empregado da construção civil. Ainda não sabe como, mas pretende conseguir um cartão de crédito para não se expor novamente a essa situação constrangedora. Ele relatou ter sentido abandono e revolta com a discriminação que sofreu: “Chega de terno e gravata, pode até ser ladrão que pra eles é o melhor; mas o cara chega de chinelo de dedo, de qualquer jeito, lá, eles não quer vender mesmo. Apesar que melhorou bastante hoje, né? Tem um cartão de crédito aí que qualquer um que tiver é vapt-vupt”.

Na opinião de Mário, o cartão de crédito parece ser uma solução para a discriminação, porque “se a pessoa não pagar, a financiadora paga”. Mas reconhece que são grandes os riscos: “Mas, aí, a pessoa fica pendurada, perde os cabelo da cabeça”. Teme a responsabilidade que irá assumir e calcula precisar de aproximadamente seis mil reais: “Se eu não der conta de pagar, eles leva o barraco que eu fiz. Eu preciso fazer. Com certeza eu vou

pagar, uai, não é possível. O tanto que eu trabalho, não agüentar pagar o material da minha própria casa? É difícil, uai”.

2.2.6 O período atual de abstinência

Após as duas primeiras entrevistas, que aconteceram no mês de dezembro, havia necessidade de encontrar Mário para explorar em profundidade alguns temas, mas, na ocasião, ele estava afastado do trabalho, por sete dias, por causa de outro acidente sofrido. O reencontro foi possível no início de janeiro, quando ele relatou que estava abstinente do álcool desde o afastamento do trabalho.

Sua rotina de ingestão de álcool estava vinculada ao trajeto de volta do trabalho para casa, ficando evidente que a ruptura dessa rotina foi determinante para a abstinência, que ele decidiu manter mesmo após ter voltado a trabalhar, motivado a economizar o dinheiro que gastava com a bebida para investi-lo na construção de mais quatro cômodos em sua casa.

O acidente aconteceu quando soltavam um painel, que despencou no poço do elevador onde ele estava e ele não teve tempo de correr. O painel atingiu seu supercílio, e ele teve que levar três pontos cirúrgicos. Segundo Mário, foi um acidente de pouca importância, que o obrigou a ficar em casa, “de molho”.

Considera que a empresa X é bastante zelosa com seus empregados: “O pessoal não deixa a gente vir trabalhar por qualquer coisinha; qualquer arranhãozinho tem que ficar pelo menos uns três dias fora. [...] É uma coisa boa, porque, às vezes, por causa de um acidentezinho... não vai tratar, acaba piorando, né?”. Mas asseverou: “Só que a gente não acostuma, né? Não tem paciência de esperar, né? Ficar em casa é ruim demais!”.

Esse período de recuperação foi experimentado com muito sofrimento:

Durante a semana, a gente já acostumou, tá no meio do movimento com os colega, trabalhando, faz uma coisa, faz outra. Em casa a gente fica muito

nervoso, principalmente eu. Só se tiver alguma coisa pra eu fazer pra passar o tempo; se não tiver, ficar em casa pra lá e pra cá, Deus me livre!

Quando estava em casa, passava a maior parte do dia sozinho, pois o filho ia para a escola e a esposa ia trabalhar: “Eu ligava a televisão, não tava bom; ligava o som, não tava bom; ia na rua, não tava bom. Só melhorava quando a noite chegava, porque aí ia dormir, não tinha outro jeito [risos], só assim”. Sentia-se impaciente e “nervoso com tudo”: “Dava desespero, a gente ficava mais estressado. Pensar que não tá trabalhando, nada é bom. Porque, quando a gente tá trabalhando, com certeza tá com saúde, né? Tando em casa eu acho que não é muito legal, não. Tem que tá lutando”.

Ficou ainda mais evidente o lugar que o trabalho ocupa em sua vida:

Cê tá trabalhando, tá alegre, com certeza tá com saúde. Ficar em casa não é bom, pelo menos pra mim. Eu acho que quase todos nós que trabalha no ramo de serviço assim não agüenta ficar em casa, não. **Final de semana mesmo: eu fico doído que chega na segunda!** [...] A diversão da gente é no serviço, é... o tempo que a gente tem pra divertir é aqui: trabalhando, conversando, o tempo passa, cada dia fica mais véio e não vê o tempo passar. Realmente, é fora de série esse ramo que nós leva a vida. É cansaço, é pesadelo, é estressante, mas é alegria também. A gente, ficando em casa longe dos colega de serviço assim, fica ruim. O corpo já acostumou, os movimento todo... a gente fica em casa parado, os nervo parece que vão ficando mais crespo.

Disse ficar bem em casa quando está fazendo alguma “construçãozinha” ou quando brinca com o filho e outras crianças. Relatou sentir-se mais cansado em casa do que no trabalho, porque o cansaço de casa é diferente, já que envolve as preocupações com as carências que não podem ser supridas:

[...] aí cê olha prum canto, preocupa com uma coisa ali, às vezes precisa de uma coisa e não tem condição de comprar e aí acaba estressando. [...] Por exemplo: precisa de um sofá. Olha prum lado: ‘Onde que eu vou arrumar esse dinheiro pra comprar esse sofá?’. Se eu tô em casa, eu não tô ganhando, né? Se eu tiver ganhando, vai ser o vale só de comprar o arroz e o feijão, água, luz, material escolar do filho. Se o menino se interessa por alguma coisa, pede uma roupa, cê não tem condição de comprar naquele momento, aí pronto, já vem o nervoso. Às vezes, até xinga o pobre coitado sem ter necessidade, mas o menino não tem noção de nada; às vezes a gente até mente. Fala que vai comprar mas, na mente, tá sabendo que não tem

condição de comprar.[...] É até difícil de explicar. Eu fico um pouco assim, meio desorientado, sem saber o que fazer, sem saber por onde começar.

No dia-a-dia de trabalho, a rotina tampona essas preocupações e oferece certo conforto, pois ele pode contar com a ajuda das pessoas na solução dos problemas, enquanto, em casa, deve tomar as decisões sozinho:

[...] às vezes, não precisa nem seu encarregado falar; já começou aqui, cê já sabe o que fazer; deu 11 horas, é hora do almoço; se cê tem dúvida, cê pergunta pro seu superior, ele vai te dar uma dica. Em casa, cê tem que pensar e decidir ocê mesmo. Ninguém ajuda, a não ser quando cê puxa uma conversa com a dona Maria [a esposa], pede ajuda, né? E ela dá uma solução inicial. Se não tiver a dona Maria pra refrescar a mente da gente também, a gente não sabe por onde começar, a preocupação é tanto.

Quando não está trabalhando, Mário costuma ter insônia por causa desse tipo de preocupação. Disse que o salário que ganha é suficiente apenas para manter a casa com o básico e que esse tipo de cansaço “maltrata demais a mente”, mais do que qualquer um advindo do trabalho.

Relatou que, durante esse período em que esteve abstinente do álcool, ingeriu corretamente as medicações para controle da pressão arterial e manteve essa conduta por mais uma semana, mesmo tendo retornado ao trabalho. O fato de não tomar as costumeiras quatro doses de cachaça diárias no trajeto para casa ao final do expediente lhe permitiu observar algumas diferenças:

[...] saía cansado e chegava em casa cansado. Chegava em casa, dava um pouco assim de desânimo esquisito até pra deitar. **Aí, eu sentia o cansaço de verdade, porque, pra quem toma, chega em casa parece assim que o corpo tá mais duro, não tá sentindo nada.** E quem não bebe, tenho certeza que sente mais o cansaço. **Principalmente semana passada, que nós trabalhamos pra caramba. Foi duro! Quando eu tomo, eu juro pro cê que eu não sinto, eu não sinto dor no corpo. O dia que eu não bebo...**

Nesse período de abstinência, disse que se sentia muito intranquilo: “Era assim um desespero, não conseguia ficar quieto, tinha que ficar sempre andando”.

2.2.7 Comentários sobre o caso

A experiência de abstinência do álcool relatada por Mário, que teve início no período em que esteve afastado do trabalho, explicitou de maneira inequívoca como o uso dessa substância ocupa lugar importante no seu cotidiano, ajudando-o a lidar com as exigências do seu trabalho e com suas dificuldades de subsistência, todas relacionadas a sua condição de trabalhador da construção civil.

Isso ficou evidenciado diante da falta que ele relatou sentir do trabalho, sua maior fonte de convívio e rede de apoio social. Ele “acostumou-se” ao trabalho, apesar de todo o desgaste impingido por esse, inclusive incorporando as dores no corpo como parte de seu cotidiano.

A despeito de ter conseguido equilibrar o uso de álcool durante praticamente toda a sua vida, Mário parece considerar que o mecanismo de tolerância ao álcool que provavelmente desenvolveu, isto é, a adaptação fisiológica a essa substância, o que faz com que precise ingerir um maior número de doses para obter o mesmo efeito, é sinal de que não está conseguindo mais controlar o uso que faz dela. Contudo, o aumento do número de doses que relatou não foi acompanhado pela perda da capacidade laboral, por problemas de convivência no trabalho ou na família ou por qualquer outro prejuízo associado ao estereótipo do alcoólatra.

Na sua vida, o uso de álcool ficou claramente associado a alívio do cansaço decorrente do trabalho, relaxamento físico e mental, alívio de preocupações com sua sobrevivência e de sua família, e com a vivência de momentos de descontração e alegria. Também parece que esse uso incorporado ao cotidiano não se dá por livre escolha, mas se faz necessário para que ele consiga lidar melhor com as dificuldades impostas pelo seu trabalho. Então, vale observar que esse aumento no número de doses ingeridas para obtenção dos mesmos efeitos (tolerância) pode ser problemático não apenas do ponto de vista da saúde mas

também pelos seus impactos no orçamento doméstico, já que ele estava gastando mais do que de costume com a bebida e precisa economizar para continuar a construção de sua casa.

Sobre os impactos na saúde, é possível, portanto, que o descontrole de pressão arterial e de níveis séricos de colesterol e triglicérides, que ele informa terem sido encontrados nas consultas médicas, seja devido ao aumento na ingestão de álcool nos últimos dois anos ou consequência do uso diário ao longo de vários anos.

Dignas de nota foram as colocações de Mário sobre a distância entre aquilo que os trabalhadores da construção civil oferecem para a sociedade e o que recebem em troca, e o profundo sentimento de humilhação que isso provoca. Sua história deixa evidente, assim como a de João e a de tantos outros sujeitos que fizeram parte desta investigação, o quanto é custoso para esses profissionais, que constroem tantos edifícios luxuosos, construírem suas próprias casas humildes. Mário também menciona sentimentos de abandono e solidão, decorrentes da discriminação social sofrida pelos profissionais de sua categoria. Essas colocações remetem à hipótese do *ressentimento*, formulada por Le Guillant (2006a) em seu estudo sobre as empregadas domésticas, como uma possível chave explicativa para o elevado consumo de bebida e pelo desenvolvimento de relações patogênicas com o álcool entre os trabalhadores dessa categoria profissional, o que abordaremos em profundidade nas considerações finais desta dissertação.

CAPÍTULO III

OS MEDIADORES ENTRE O TRABALHO NA CONSTRUÇÃO CIVIL E O ALCOOLISMO

Anteriormente, tomando como ponto de partida evidências estatísticas de naturezas distintas que relacionavam o trabalho na construção civil ao uso de álcool, examinamos o cotidiano dos trabalhadores dessa categoria profissional e estudamos dois casos específicos, e chegamos, agora, à explicitação de alguns mediadores que identificamos, o que permite apreender os nexos entre o trabalho na construção civil e uso de álcool ou alcoolismo.

Entendemos por mediadores todos os elementos identificados entre os sujeitos desta investigação e que contribuem, direta ou indiretamente, para que recorram ao álcool: sentimentos, vivências, percepções, sensações fisiológicas. Ou seja, é pela identificação do conjunto de mediadores que pretendemos alcançar uma melhor compreensão de como se dá a passagem entre o trabalho na construção civil, o uso do álcool e o desenvolvimento do alcoolismo.

Como vimos, no contingente de trabalhadores da construção civil que fez parte desta investigação, um número importante faz uso do álcool. Assim, os mediadores identificados são comuns a todo o grupo analisado, mas só adquirem sentido claro quando contextualizados nas histórias de vida de cada trabalhador. Porém, se muitos fazem uso do álcool, sempre existem aqueles que não necessitam desse recurso¹ e, para compreender esse dado, é necessário analisar a relação que cada indivíduo estabelece com suas condições de trabalho e com as exigências que lhes são impostas.

¹ Dos que se declararam abstinente, muitos disseram ser praticantes de alguma religião e encontrar, na fé, suporte para suas frustrações e angústias.

Faremos a apresentação dos mediadores identificados através das palavras dos próprios trabalhadores, destacando parte dos depoimentos de João e Mário e inserindo outros trechos de depoimentos citados no relatório geral da pesquisa realizada por Lima *et al.* (2005), incluindo alguns resultados do estudo de caso com trabalhadores da construção civil de São João Del Rei contidos no mesmo documento². Também incluímos depoimentos citados nos estudos de casos realizados por alunos do estágio supervisionado em SM&T da UFMG e na monografia de Tenaglia (2004).

A seguir, está uma classificação dos mediadores, para efeito de exposição. O uso do álcool pode servir:

1. Para o enfrentamento dos riscos

O uso do álcool para aumentar a coragem foi o aspecto mais mencionado pelos trabalhadores. Foi possível perceber que um dos efeitos freqüentes do álcool é o aumento da coragem — no caso de João, por exemplo, ele teve uma experiência anterior ao seu ingresso na construção civil que lhe permitiu perceber esse efeito. Contudo, o trabalho nesse setor exige coragem para o enfrentamento de diversas situações difíceis impostas pela execução das tarefas, podendo favorecer o uso do álcool. Desse modo, a bebida ajuda a combater o medo na realização das atividades em lugares altos ou abaixo do nível do solo e para qualquer outra na qual o trabalhador perceba que as condições de trabalho são inadequadas e as de segurança, precárias:

Aí que eu falo: a bebida dá coragem, muita coragem! A pessoa, se tiver bebido, se não tem coragem de fazer alguma coisa, **só enquanto ele tomar um gole ele já tem coragem de fazer aquilo.** (João)

² Esse estudo de caso foi realizado por Andreza Helena S. Freitas, Emanuely Dias, Lucimar Gonçalves de S. Barroso e Sabrina Martins Barroso, alunas do curso de psicologia da Fundação de Ensino Superior de São João Del Rei (FUNREI), sob supervisão da professora Rosângela Maria de Almeida Camarano Leal. O público-alvo foram trabalhadores da construção civil pertencentes a duas construtoras da cidade de São João Del Rei pacientes da Associação de Parentes e Amigos dos Dependentes Químicos (APADEG), dessa cidade.

Nós [ele e o irmão] trabalhava bêbado, e não importava, não. Não usava nem cinto de segurança; subia pra aqui afora, não tinha perigo nem nada, não importava, não. [...] é, acho que tava mais seguro ainda, eu tinha mais cuidado, segurava mais, né, não confiava muito. E, são, a gente confia mais, são a gente confia muito (João)

A pessoa, às vezes, lugar que ocê não tem coragem de ir são, de fogo cê vai. (João)

[...] é porque a pessoa que toma álcool, ele não tá normal, não. [...] Ele fica leve demais. Às vezes, perde o medo também demais. [...] Uns perde o medo. [...] Quando cê toma, cê esquece, esquece o acidente, esquece muita coisa, cê cria aquela... tipo de coragem. (Mário)

Precisa ter coragem para subir no andaime. Eu tinha muito medo. Bebia para dar conta do serviço. No começo, eu dava conta, mas depois eu perdi o controle. E comecei a beber muito. (*apud* LIMA *et al.*, 2005, p.115)

Eu já observei uma coisa, depois que você falou das pesquisa sobre trabalho e doença, eu já trabalhei em várias construtoras, mas aonde é muito precário, muito acidente, a gente tem mais medo, eu acabava que bebia mais. Outras melhores eu conseguia beber menos. Cheguei até ficar parado um ano. O problema é que a maioria as condições são precárias. O trabalho não motiva a gente a mudar. (*apud* LIMA *et al.*, 2005, p.116)

Costumava ferir, cortar as mãos, os pés com cimento. O cimento vai entrando e cortando, se a bota não for boa. [...] Não tinha recurso não. Na hora não sentia, porque estava alcoolizado, já tinha bebido. Depois, quando você tomava banho para ir embora, nó aí é que ardia pra danar. Você tinha que ir embora mancando, e voltar no outro dia ainda, mancando. Com a bebida não, você pode até machucar ali, entra areia em machucado, você não tá nem aí. Você ia pra frente. (*apud* TENAGLIA, 2004, p.84)

Esse recurso para combater o medo mostra como os trabalhadores buscam no álcool um paliativo para uma condição tida como inerente a sua atividade e que coloca suas vidas em constante ameaça. É importante ressaltar que o fato de sentirem medo decorre, fundamentalmente, das situações de trabalho às quais estão expostos, sendo que tal sentimento não pode ser atribuído, de forma simplista, às características individuais.

2. Para combater a fadiga e a dor

Como visto, as atividades na construção civil exigem muito esforço físico e também mental, decorrentes das características dos próprios materiais que os trabalhadores manipulam e da necessidade de corresponderem às metas de qualidade e produção, sendo essas, em geral, acima do limite da sua capacidade produtiva. Isso faz com que trabalhem tensos e num ritmo bastante acelerado, o que exige um alto nível de concentração e que fiquem completamente absorvidos pelo trabalho, normalmente sem terem se alimentado de forma adequada. Não raro, também são obrigados a fazerem horas-extras. É comum que, ao final do dia, sintam-se exauridos, com dores no corpo e com dificuldades para relaxar. O álcool parece ser um recurso eficaz para combater o cansaço e as dores no corpo, além de ajudar a aliviar a tensão e a relaxar física e mentalmente:

Era mais peso. Era mais peso. Aí, você ficava mais esperto, mais alegre, mais forte. Você ficava com mais disposição para fazer os negócios. Você tava ali mesmo tipo anestesiado. A bebida tipo anestesia você, né? Ela deixa seu corpo assim, né, às vezes, você pega um peso ali, às vezes, você pega rápido. Fica cambaleando, mais pega, né? **Aí, você não sente tão como se você tivesse são, né? Tinha hora que dava vontade de ir embora, pegar os trens e correr e nunca mais voltar lá. Só que você tinha que voltar. Dava muita dor no corpo, nó! Ficava muito cansado!** (*apud* TENAGLIA, 2004, p.83)

Mas deu da hora de ir embora, a primeira coisa que vem: tomar uma pra ver se melhora esse corpo. O corpo tá muito cansado, né?” Mas deu da hora de ir embora, a primeira coisa que vem: tomar uma pra ver se melhora esse corpo. O corpo tá muito cansado, né? (Mário)

[...] quando toma uma, parece que o corpo volta ao normal, volta pro lugar. [...] se pensar bem, na hora que eu tomo eu sinto outra pessoa mesmo, tem até mais disposição. [...] A gente sente o corpo pesado. Depois que toma: ‘Agora eu tô bom, agora eu posso ir embora tranquilo’. É assim. (Mário)

Se eu tomar, eu chego em casa bom; se eu tomar uma, eu agüento esperar o ônibus chegar. (Mário)

Aí, eu sentia o cansaço de verdade, porque, pra quem toma, chega em casa parece assim que o corpo tá mais duro, não tá sentindo nada. E

quem não bebe, tenho certeza que sente mais o cansaço. **Principalmente semana passada, que nós trabalhamos pra caramba. Foi duro! Quando eu tomo, eu juro procê que eu não sinto, eu não sinto dor no corpo. O dia que eu não bebo...** (Mário)

Pode ser também que a construção civil é mais pesado, né? **Que a pessoa se sinte estressada e acha que, tomando o álcool, aí vai... vai se relaxar melhor.** [...] Eles quer que a gente faz um tanto de serviço que a gente vê que não tem condição. [...] Então, **pra não ficar desempregado, trabalha por cima do pescoço.** [...] trabalha por cima do pescoço porque, às vezes, **cê não tá agüentando, mas cê faz força pra fazer aquele serviço.** (Mário)

Outro dia, o bicho tava pegando (trabalhando) até oito horas da noite, aí eu falei: **vou beber mesmo, senão ninguém agüenta não.** (*apud* LIMA *et al.*, 2005, p.100)

Tem sempre alguém que traz uma bebida. Ou então, **antes de começar a trabalhar vai no boteco e toma para enfrentar o dia.** O trabalho na construção civil é muito pesado, principalmente, nesta fase de abrir sapata. Exige muita força. O corpo da gente chega a tremer de tão cansado que a gente fica. **O álcool ajuda a gente a relaxar (...)** **Você dorme depressa. Pois quando estou muito cansado eu custo para pegar no sono.** (*apud* LIMA *et al.*, 2005, p.114)

3. Como alívio das tensões

O álcool também ajuda o trabalhador a lidar com as pressões sofridas no trabalho, a liberar a raiva, e, em geral, isso acontece entre os pares em algum bar, após o expediente, mas pode, eventualmente, ocorrer também durante o trabalho. Muitas vezes, o objeto da raiva e alvo das contra-agressões são os encarregados e mestres-de-obras, depositários da responsabilidade de “tocar a obra” e cumprir as metas de produção e qualidade e, portanto, de expor as cobranças:

No trabalho, a pessoa bebe pra aliviar um pouco [...] Era muita encheção de saco no serviço, dos encarregados. Eles pegavam muito no pé. **Aí, dava uma louca em você e você bebia.** Um dia eu tava fazendo um serviço e o encarregado chegou e falou pra mim que eu tava fazendo pouco. Aí, eu falei assim: amanhã, eu vou chegar bêbado e ele vai ver uma coisa. Eu bato nele, eu faço alguma coisa. (...) Podia bater nele, dar uma pedrada nele. Seria uma pessoa inconsciente (...) Aí, eu peguei um pau e queria pular nele e os cara me seguraram. Mas eu ia atingir ele mesmo. **Bebia e chegava lá mais alterado, nervoso, como dizem, né?** (*apud* TENAGLIA, 2004, p.85)

Vou tomar uma hoje só de raiva. O *encarregado*, hoje, me encheu o saco. **Vou tomar uma Skol aqui só pra aliviar (...)** Chega no serviço, encontra com um amigo dele: ‘ô cara não fica assim não! Tá todo mundo passando aperto. Então, depois do serviço, vamos tomar uma’. Aí, conversa. Aí, o cara acaba com isso. **Quando ele toma, ele esquece.** Eu já passei por isso. (*apud* LIMA *et al.*, 2005, p.100)

[...] **tem momento que você passa raiva, você vai e acrescenta** (a dose). A pessoa que bebe, ele foge de alguma coisa. Ele bebe pensando naquele problema, aquilo tá lá martelando na mente dele. Ele bebe pensando naquele problema que ele passou, tem gente que bebe eu já vi depois que eu parei: ‘**eu não gosto dele, ele me prejudicou me xingou...**’ eu já vi falando isso. **Ele tonto, e ele são não ia falar nada daquilo.** (*apud* OLIVEIRA SANTOS, 2004, p.9)

4. Como fonte de energia

A bebida também pode ser usada para dar “ânimo” para enfrentar o dia-a-dia de trabalho:

O cara não tem ânimo pra nada, e só melhora depois que toma outra [...]. Aí, parece que o sangue volta ao normal, aí vira outro, parece que é outra pessoa. (Mário)

A tonteira pouquinha era bom... **dá animação na gente pra tudo. [...]** fica animado pra qualquer coisa. (João)

5. Para combater o frio

O uso da bebida para combater o frio também foi mencionado muitas vezes, tendo sido associado ao “ânimo” para o trabalho. Os trabalhadores explicaram que ficam mais corajosos para enfrentar o frio, pois, ficando animados para encararem as tarefas, acabam por se esquecer das baixas temperaturas quando estão sob efeito do álcool.

Então, **como era frio demais, tomava umazinha para animar a sair naquela friagem [...].** (*apud* CARVALHO, 2004, p.16)

Se tiver fazendo frio, a gente não sente frio, não sente nada. (João)

[...] porque já perde o medo do frio, cria coragem [...] não tem nada na sua mente, de frio: o corpo tá padecendo lá, a mente não tá sentindo nada. (Mário)

[...] eu trabalhava, eu bebia durante o serviço. É bem fácil entrar no serviço com pinga. Você não é revistado. Você só é revistado na hora de sair. Eu levava uma garrafinha ou dentro da garrafa de café. Eu não podia beber cá fora, mas eu bebia lá dentro. Tem vários tipos de levar bebida pra dentro. **Eu acho que eu trabalhava mais, meu serviço rendia mais (...)** Nunca passei dos limites! Chegava e dava minha produção normal, inclusive meus colegas tinham bebida dentro dos armários. Num lugar friento e todo mundo bebia pra animar [...]. (apud LIMA *et al.*, 2005, p.102)

Na abertura de sapatas, na medida em que a gente vai cavando a gente sempre encontra água e fica com os pés muito molhado. Aí, tem gente (colegas) que bebe uma pinguinha para esquentar (...) Olha só aqui (mostrando o seu posto de trabalho), onde eu estou está cheio de água. A bota que eles dão pra gente não é de qualidade boa, então, a água entra no pé da gente e fica todo molhado. (...) Quando está muito frio eu coloco jornal para esquentar os pés. Mas, mesmo assim fica molhado, úmido. **Aí, na hora do almoço, você sabe, tem sempre alguém que te oferece umazinha para esquentar (...)** Um dedinho de bebida. A gente toma para esquentar. Agora, tem assim, gente que já não consegue ficar com um dedinho da bebida e vira uma garrafa. Aí, vira um vício. **É por isso que eu falo que a construção civil é a maior escola de álcool. Você começa para dar conta do serviço e depois não pára mais.** (apud LIMA *et al.*, 2005, p.114)

6. Para “abrir o apetite”

Alguns trabalhadores disseram recorrer ao álcool como aperitivo ou mesmo para “abrir o apetite”. Muitos falaram que o trabalho pesado faz com que cheguem na hora do almoço com muita fome, o que contradiz, em parte, a explicação de que a bebida seria necessária para abrir o apetite. Contudo, todos os que fazem uso do álcool foram unânimes em dizer que este, antes do almoço ou do jantar, como aperitivo, estimula o apetite e deixa a comida mais saborosa e o momento da refeição mais agradável, talvez pela sensação de relaxamento que provoca³:

³ Pesquisas com atletas submetidos a treinamento intenso associado à falta de repouso revelam que o “supertreinamento” pode causar enfraquecimento do sistema imunológico, aumento do risco de doenças e de infecção e, ainda, levar a um desgaste psicológico, identificado por uma ausência generalizada de entusiasmo por parte do atleta. São sintomas do treinamento excessivo: perda de peso corporal decorrente da redução do apetite, fadiga crônica, desgaste psicológico, múltiplos resfriados e amidalites e/ou diminuição do desempenho, sendo que o atleta pode apresentar um ou todos os sintomas (POWER; HOMLEY, 2000).

Bebida também dá mais fome pra você almoçar, né? Eu perdia o apetite, então, eu bebia ali, ficava com mais fome, comia bastante e depois voltava mais forte. Porque sabia que na parte da tarde, você tinha que fazer mais força. (*apud* TENAGLIA, 2004, p.83)

Eu tenho o costume de tomar uma na hora do almoço, isso eu falo para qualquer um, não é sigilo não, porque na hora do almoço, tomar uma, não tem problema. [...] Não faz bem não, só que abre o apetite, **é para abrir o apetite. Não é ruim não.** [...] Tá com fome, mas abre o apetite. (*apud* MORICI, 2004, p.7)

[...] Me dá mais vontade de beber assim... pra abrir o apetite, nossa menina na hora do almoço eu quase não como, tem vez eu de noite eu como mais, **mas quando eu não tô com fome é só tomar um golinho que desce tudo.** (*apud* GONÇALVES, 2004, p.13)

Na hora de alimentar, principalmente na hora de almoço, falava assim: ‘Se tivesse uma pinga pra tomar aqui agora pra mim almoçar, ia almoçar outro tanto!’ (João)

Se eu não tomar uma pra jantar... essa é a principal [...] Ah, depois que eu tomo uma assim, clareia, sabe? [...] Clareia assim, eu já como satisfeito, já como... **parece que a comida já tem outro gosto, fica mais gostosa ainda.** (Mário)

Parece que a gente, tomando uma, **o almoço fica mais gostoso; parece que a gente fica mais tranqüilo, dá um alívio assim; cê come com gosto mesmo.** (Mário)

Eu também não me considero um viciado, não, mas, se de tarde **eu cheguei em casa, eu não tomar uma pinga pra mim jantar, eu fico nervoso, sim.** [...] e quando eu tô nervoso, eu bebo, eu relaxo, né? **Dá um efeito de relaxamento, de calma, abaixa a pressão.** (servente)

7. Para suportar a solidão

O trabalho também pode impor que viajem constantemente e permaneçam longe da família. Esse mediador não apareceu na análise dos casos de João e Mário, mas foi mencionado em depoimentos de outros trabalhadores da empresa X e também é um resultado importante do estudo de caso com trabalhadores da construção civil de São João Del Rei. Assim, o álcool aparece também como recurso que ajuda a combater a solidão:

Embora essas pesquisas sejam realizadas em outro campo, seus resultados podem ajudar a entender a queixa comum, sobretudo entre os serventes, de perda do apetite.

Eu acho que apareceu que o pessoal da empreiteira bebe mais porque, muitas vezes, esses caras, são de outra cidade, são do interior ou são de outros estados, e ficam aqui sozinhos, sem família. Eles só podem ir para a casa de 45 em 45 dias, ou até de 2 em 2 meses, aí eles sentem falta das famílias, das esposas... Às vezes, chegam no encarregado e falam: 'eu estou com saudades da minha mulher... dos meus filhos... quero ir na minha cidade'. E o encarregado diz que tem que esperar a data certa, que não pode liberar antes. Então, **o camarada pega e vai beber para esquecer**. Depois se joga na cama, dorme e no outro dia volta a trabalhar. (*apud* LIMA *et al.*, 2005, p.101)

Eu entrei na construção civil com 18 anos (atualmente está com 45 anos) e fui trabalhar em São Paulo, em uma obra. Quando terminava de trabalhar a gente ia para o alojamento. Aí, a saudade de casa batia. A solidão era grande. **Aí, para matar a saudade da família, a gente ia beber**. Começou assim. Depois do expediente passei a beber. No começo umas duas cervejinhas com os colegas. Depois pinga e hoje, estou aqui para me tratar, pois, cheguei no fundo do poço. Tentei parar de beber várias vezes, cheguei a ficar 5 anos sem beber. (*apud* LIMA *et al.*, 2005, p.115).

8. Para lidar com o sentimento de revolta

Outros usam a bebida para lidar com a revolta decorrente das condições de vida ditadas pelo trabalho na construção civil, que geram, por exemplo, a instabilidade no emprego e a necessidade de lutar constantemente por um espaço. O álcool também os auxilia nos constantes períodos de desemprego, além combater o cansaço físico pelas longas distâncias percorridas a pé, parando “de obra em obra”. Seus efeitos os ajudam a tolerar a frustração dos objetivos não alcançados, dando ânimo para persistirem na procura de trabalho. Na história de João, esse aspecto ficou bastante claro:

Gole era só quando a gente tava muito meio revoltado... muito revoltado, a gente bebia, mas não era direto que bebia assim pra procurar serviço, não. É assim: **nós bebia mais é quando nós já tava mais desistindo e indo embora pra casa**, porque pra chegar na obra alcoolizado era ruim, né? Que já era difícil achar o serviço, se chegasse bêbado, acabou, não arrumava de jeito nenhum. Nesse ponto aí... bebia, mas sempre tinha responsabilidade, pensava primeiro nas coisa que fazia...

Que, às vezes, nós ficava até tarde demais, procurava, procurava e **perdia a paciência**, aí costumava entrar num lugar e tomava [...]: 'Ah, **vamo entrar ali e tomar uma coragem**'. [...] dizia que o gole era coragem pra andar mais.

Então, cansava demais da conta. O rapazinho falava: ‘É, tá danado, viu?, é melhor nós tomar uma coragem ali pra nós andar mais’. A coragem dele era o gole.

Antigamente, eu falava assim: ‘Isso é perto, é só tomar uma que vai bem’. Andava e não cansava, não importava com nada [...] dava animação enquanto tivesse de fogo.

9. Como alívio das frustrações

O álcool também apareceu como recurso eficaz para aliviar frustrações relacionadas a um cotidiano desprazeroso e à falta de perspectivas de melhoria de vida, ajudando-os a esquecerem das preocupações ou a ficarem mais alegres e compensando a sensação de inferioridade e os sentimentos de vergonha e humilhação. Essa inferioridade é experimentada em função da falta de conforto material, percebida como injusta, uma vez que se dedicam ao trabalho e recebem tão pouco em troca. São enormes as dificuldades que enfrentam para manter a família, pagar o aluguel de um barracão ou construir a própria casa; ou para comprar roupas, sapatos, material escolar para os filhos, medicamentos e alimentos. O resultado dessa espécie de “contabilidade psíquica” entre o dado e o recebido (LE GUILLANT, 2006a) parece ser o sentimento de revolta ou humilhação. Nesse caso, o álcool proporciona uma experiência agradável, permitindo um momento de alívio, uma possibilidade de fuga de uma realidade difícil de ser enfrentada:

Eu acho que o que mais me trazia mais a beber era essa parte, na parte que eu era mais humilhado. Aí, eu enchia a cara mesmo, de chegar até a cair. (apud CARVALHO, 2004, p.22)

[...] salário defasado não dá pra pagar aluguel, tratar de filhos, pagar água, gás, luz, escola, dar remédio pro filho. Tô falando do salário daqui [da empresa X]. O cara bebe pra tentar esquecer. (apud TENAGLIA, 2004, p.63)

[...] engraçado: a pessoa ficando meio de fogo, tudo pra ele tá bom. Então, às vez, a pessoa tá meio invocado, meio pensativo, então ele parava de pensar um bocado nas coisas, parece que as coisa ficava mais fácil. A pessoa, tando bêbada, não importa, não. (João)

A pessoa, quando tá são, não tem nada, mas, quando tá bêbado, é fazendeiro, tem profissão boa, tem tudo, né, mas só enquanto tá bêbado. Então, o bêbado é muito divertido. É distração, né; esquecer um bocadinho das preocupações. A pessoa bêbada esquece um bocadinho da preocupação com as coisas. (João)

Por exemplo, eu bebo. **Bebo todo dia, mas não é muito. E hoje em dia, está tudo ruim mesmo.** O salário não tá bom para ninguém: as coisas estão só aumentando, só subindo, a inflação está aumentando. **É o descanso do dia-a-dia da gente, né? (apud LIMA et al., 2005, p.101)**

Beber ajuda a gente a trabalhar melhor. A gente tá ganhando aquela coisinha mínima. Se você ficar parado, você não vai ter nada. **Aí, eu tomava todas, ficava alegre porque eu sabia que (o salário) não ia passar daquilo mesmo. Salário traz muito problema. Faz com que o cara beba. (apud TENAGLIA, 2004, p.64))**

Depois que eu tomei uma, às vezes gastei o dinheiro de comprar alguma coisa em casa. Mas, naquele momento que tô bebendo, cê não tá nem aí. (Mário)

Nessa hora, a gente fica feliz, esquece os problemas, tudo pra gente tá bem; a gente não tem cansaço, a gente não sente nada, só sabe contar história, falar da vida dos outros. (Mário)

Tem relação (com o trabalho), por exemplo, **salário defasado é um motivo (para beber). O salário defasado não dá para pagar aluguel, tratar de filhos, minha mulher tem cinco filhos; pagar gás, luz, escola, com um salário de servente. (apud LIMA et al., 2005, p.100)**

Eu, no meu modo de pensar, eu creio o seguinte: a pessoa trabalha o mês todo, mas não é culpa das empresas que elas trabalham. É mais, vem lá do alto mesmo, vem do governo, não sei. Sei que eles arrumam uma enrolada que quem acaba sofrendo as consequências são as classes mais baixas. Então, trabalha o mês todo e aí vai uma conta de água, de luz, esses trem todo. **Não sobra dinheiro suficiente para ele passear com a família, pra comprar um par de sapato, e tal. Aí, a pessoa já vai e flui na bebida. O único recurso dele se achar é na bebida. Aí, vai e acaba, ele mesmo sendo prejudicado, invés dele resolver aquele problema, ele acaba causando um. (apud CARVALHO, 2004, p.20)**

3.1 O USO DE OUTRAS DROGAS

Embora não tenha sido alvo desta investigação, o uso de outras drogas — cigarro, maconha e cocaína — também foi mencionado nos relatos dos trabalhadores, deixando entrever alguns mediadores, como obtenção de coragem, concentração e alegria.

A maconha foi a mais referida e, conforme Lima *et al.* (2005), há trabalhadores que presenciaram ou fizeram uso de maconha dentro do canteiro de obra. Muitos relataram ser bastante conhecido, na construção civil, o fato de que os colegas que trabalham cavando “tubulões”⁴ (ou sapatas) fazem uso de álcool e/ou maconha, e que alegam não conseguir fazer esse tipo de trabalho de “cara limpa”.

Há tecnologia disponível para esse tipo de escavação; contudo, muitas vezes ela ainda é feita manualmente. Nesses casos, geralmente trabalham em duplas, sendo que um deles desce, com uma pá, por uma corda presa a uma roldana — fixada a um cavalete sobre a abertura no solo — em cuja ponta há uma lata pendurada. Ao chegar ao fundo, ele vai cavando o solo e enchendo a lata de terra. Quando a lata está cheia, sinaliza por grito para o colega (que fica de fora do buraco) girar a manivela e recolhê-la, e ela é esvaziada e descida novamente. Costumam revezar os papéis, de tempos em tempos. Geralmente, aquele que fica dentro do tubulão sai encharcado de suor. Disseram que o mais difícil nesse trabalho é quando encontram pedras ou água durante a escavação. Um dos trabalhadores que participou dos grupos de discussão levantou a hipótese de que, depois do álcool, a maconha é a segunda droga mais consumida, porque é mais barata:

[...] Pegam dois, três quilos, sabe que um quilo de cocaína, eu sei porque já usei! Um quilo de cocaína é sete mil reais. Cê vê! Meio quilo é 3 e meio! Então eles pegam 10, 15 reais, uma grama, o que só dá duas carreirinhas! É muito dinheiro! A maconha já é barata! Quatrocentos, quinhentos reais o quilo! Cê acha que um trabalhador como eu que tem 3 filhos começar a cheirar esse trem, deixar de comprar leite pras minhas menina! **Eu tava tomando cerveja e pensando... Dá dez reais pra cheirar aqui e ficar alegre!** Amanhã tá faltando leite dentro de casa? Eu enchendo minha cara e o rabo desses caras! Sai fora! Não uso isso, só não parei o cigarro, apesar de ter tentado seis vezes pois continuo descarado! (*apud* LIMA *et al.*, 2005, p.105)

⁴ “Tubulões” são buracos fundos (a profundidade é calculada em função da altura do edifício) e, muitas vezes, estreitos, onde são colocadas as vigas de sustentação da estrutura do edifício.

Foi possível identificar um mediador associado ao uso da maconha. Nesse caso, o seu uso permitia que o trabalhador ficasse mais concentrado e livre de suspeitas do que se estivesse sob o efeito de alguma outra substância:

Eu sempre tinha que trabalhar sob o uso de substância química. No meu caso, o álcool era muito raro, eu gostava de usar maconha. **A maconha ela me dava mais concentração.** Não é que esteja certo, porque não justifica, mas **eu me sentia bem, trabalhava normal o dia inteiro, não falhava de serviço, eu levava até o fim.** Às vezes o proprietário aparecia na obra, ele não desconfiava que eu tinha usado alguma coisa, para eles eu estava sóbrio, estava normal, mas não estava não. Porque eu falava normal. Só que, com o uso da maconha já vem o uso da bebida também, e eu pensava, assim, eu vou usar um pouco de bebida depois da maconha porque ela vai me tirar o cheiro dela. (*apud* LIMA *et al.*, 2005, p.115)

3.2 FUNCIONALIDADE, UMA NOÇÃO EMERGENTE

O conceito de funcionalidade vem sendo construído a partir de diversos estudos realizados com outras categorias profissionais que apresentaram, no levantamento de Barbacena, significância estatística para transtornos mentais relacionados ao uso do álcool, a saber: policiais militares, trocadores, motoristas de ônibus. Nessas categorias, o álcool parece ter funções diferentes daquelas identificadas nas investigações com trabalhadores da construção civil, mas, em todas, favorece, em algum grau, a que os trabalhadores lidem melhor com as exigências impostas por suas atividades. Foi constatado também, em todas as categorias, que, em algum momento, o uso do álcool como recurso para fazer frente a uma realidade difícil pode tornar-se disfuncional, deixando de ser um auxílio para que o sujeito sobreviva nas suas condições de trabalho e de vida e tornando-se um empecilho ou configurando-se em mais um problema a ser enfrentado.

Pelas mediações aqui identificadas, podemos perceber que o uso dessa substância permite ao trabalhador da construção civil enfrentar melhor certas condições típicas de sua profissão, tais como medo de altura, frio, fadiga extrema devido ao trabalho pesado, falta de

ânimo, insônia advinda da fadiga, saudade de parentes (quando são obrigados a se distanciar), pressões e cobranças. O álcool também parece ser útil para atenuar sentimentos de revolta, de desvalorização pessoal, angústia, preocupações com a subsistência (devido aos períodos de desemprego) e com a vida extratrabalho como um todo, já que, conforme visto, esta é, em grande parte, determinada pelas condições laborais impostas pela construção civil.

Ao que parece, o uso de álcool tornou-se importante para a organização/manutenção da rotina diária de muitos desses trabalhadores e, sem esse recurso, a realidade seria por demais dura para ser tolerada. Ou seja, a bebida parece ter adquirido uma função na vida desses trabalhadores, ajudando-os a lidar melhor com as exigências impostas pela sua atividade.

Segundo Laurell e Noriega (1989), a categoria “carga de trabalho” permite ressaltar, na análise do processo de trabalho, os elementos deste que interatuam dinamicamente entre si e com o corpo do trabalhador, gerando processos de adaptação que se traduzem em desgaste, sendo este entendido como a perda da capacidade potencial e/ou efetiva corporal e psíquica. Justamente por esse motivo, os autores afirmam que o conceito de carga permite extrair e sintetizar elementos do processo de trabalho que determinam, de forma importante, o nexo biopsíquico da coletividade operária, conferindo a ela um modo histórico e específico de “andar a vida”.

Como demonstramos, a força de trabalho aparece como o único bem dessa categoria, fonte de subsistência e reprodução de sua existência. Sendo o uso do álcool, pelo menos de início, um facilitador da manutenção e reprodução dessa força de trabalho, esse uso tende a ser privilegiado em detrimento de quaisquer possíveis danos futuros à saúde, possíveis riscos de acidentes e mesmo da falta de recursos financeiros.

Embora estejam cientes desses problemas, muitos trabalhadores passam a recorrer à bebida, privilegiando necessidades imediatas de várias ordens: executar as atividades,

relaxar o corpo, descontrair-se e esquecer das preocupações, dentre outras explicitadas anteriormente. Apesar dos possíveis danos (reais ou potenciais), o recurso ao álcool, em diversos casos analisados, nem sempre é incompatível com a preservação da vida laboral (da qual depende a vida extratrabalho), embora não seja possível avaliar até quando isso irá ocorrer. Ao que parece, mesmo seu uso mais freqüente pode ser integrado ao dia-a-dia do trabalhador sem grandes danos, ou seja, o fato de passar a ser um recurso constante não implica necessariamente uma relação disfuncional (no sentido de perturbação da capacidade de viver e de sobreviver) no contexto de vida ao qual o trabalhador está submetido. Pelo contrário, o álcool parece ajudar na adaptação ao trabalho, mesmo que esta esteja se dando de forma patogênica (cf. Laurell e Noriega, 1989).

O caso de Mário é um exemplo de que a dependência não corresponde necessariamente a uma disfuncionalidade. Ele próprio afirma:

Sou alcoólatra, né? [...] É um tipo de alcoólatra controlado, que sabe beber.

E acho que eu bebo muito. E ainda não soube que fez mal ainda, porque, se souber, também, eu paro. [...] **eu acho que até no momento não tá fazendo mal ainda, não.** [...] não tô sentindo sintoma nenhum, mas, se passar a sentir, a primeira coisa que eu faço é procurar um médico — que isso **também faz parte da pessoa, né?, querer viver, né?** [...] Mas são meses e mais meses, sempre bebendo, sempre trabalhando.

[...] do meu ponto de vista, até esse momento minha vida é normal. Bebo bastante, mas sei controlar.

Acho que, comigo, tá tudo no seu devido lugar.

É consenso na literatura sobre o desenvolvimento e a instalação do alcoolismo, que este é um processo de longo prazo, no qual os sintomas vão se complicando lentamente, em um período de até 15 anos. Para responder se isso acontecerá com Mário, especificamente, e com que freqüência acontece com os trabalhadores da construção civil usuários de álcool, seria necessário um estudo longitudinal, o que seria inviável no contexto de um mestrado.

No entanto, podemos perceber quão pouco os diagnósticos de “alcoolicismo”, “abuso”, “dependência”, ajudam na compreensão de como se dá a transição do uso “funcional” para o “disfuncional”. Conforme exposto até o momento, ficaram configuradas duas formas de uso que nos levam a esboçar a idéia da existência de dois tipos de dependência, uma “funcional” e outra “disfuncional”, cabendo investigações posteriores sobre como se dá essa transição (e se ela sempre ocorre). Mas, como nosso estudo não foi longitudinal, não sabemos até que ponto a dependência de Mário, por exemplo, conservaria sua funcionalidade, sobretudo considerando-se que o uso do álcool, no seu caso e entre os trabalhadores da construção civil, ocorre, em última instância, para combater o sofrimento advindo de condições de trabalho e de vida praticamente inescapáveis.

No escopo desta investigação, o uso de álcool foi considerado como disfuncional e danoso quando o próprio trabalhador afirma que está tendo mais prejuízos do que benefícios com esse uso no cômputo geral de sua vida, ou seja, levando em conta sua avaliação.

A visão tradicional sobre a dependência provavelmente poderia objetar que a alegação de inexistência de problemas com o uso do álcool apenas revela o mecanismo de negação, bastante comum entre os “alcoólatras”, porém, há indícios, nas falas de colegas de trabalho e de supervisores de Mário, para continuar com o seu exemplo, de que essa “dependência funcional” pode ocorrer. Apesar disso, admitimos que a base empírica sobre a qual essa afirmativa se apóia ainda é frágil e merece maior aprofundamento através de estudos longitudinais.

A partir dos casos analisados, percebemos que a disfuncionalidade passa a ser reconhecida pelos sujeitos a partir de momentos distintos — quando começam a perder o apetite e a negligenciar a alimentação em favor da bebida, por exemplo, ou quando passam a perceber que, “ao invés de ajudar, de eliminar o cansaço do corpo, por causa do trabalho, o álcool começa a afetar a cabeça” (*apud* LIMA *et al.*, 2005, p.115), dificultando ou impedindo

a realização de suas atividades; ou, ainda, quando passam a necessitar de doses cada vez maiores para obter o mesmo efeito.

A impotência diante da realidade, aliada ao aprendizado de que o uso do álcool ajuda a lidar com situações adversas, além da adaptação fisiológica às quantidades inicialmente ingeridas (tolerância), pode levar ao aumento do consumo e acarretar a perda de controle sobre o hábito. Nesse caso, consideramos que o álcool perdeu sua funcionalidade, ou seja, ele não atua mais como um recurso para o enfrentamento das exigências do cotidiano laboral, mas, ao contrário, torna-se um empecilho para a realização das atividades diárias, incluindo o próprio trabalho.

Reconhecemos que a fronteira entre funcionalidade e disfuncionalidade é bastante difícil de ser estabelecida. Muitos são os aspectos a serem considerados, tais como: capacidade laboral, estado geral de saúde, interações sociais, capacidade de administração do orçamento doméstico, satisfação de desejos e necessidades de várias ordens. Assim, a despeito de sempre estarem presentes aspectos funcionais e disfuncionais, o critério que usamos aqui para nomear determinado uso do álcool como funcional ou disfuncional é em que medida tal uso favorece, para esses trabalhadores, o enfrentamento dos desafios da sobrevivência sem levar a uma desorganização importante de sua vida e de sua saúde.

No entanto, pode parecer inadequado considerar “funcional” um padrão de uso que, mesmo trazendo benefícios imediatos para favorecer a sobrevivência, implique gradativa deterioração da saúde. Nesse caso, a aparente funcionalidade pode estar encobrendo um processo de adaptação patogênica às cargas do trabalho e às condições de vida como um todo, mascarando um processo importante de desgaste⁵. A noção de funcionalidade exige, portanto, distinção entre adaptações patogênicas (ou mesmo patológicas) e não-patogênicas (ou não-patológicas), mas nos coloca diante da necessidade de superar o simplismo de considerar

⁵ O conceito de “desgaste” é empregado aqui conforme definição de Laurell e Noriega (1989).

qualquer uso de álcool como algo a ser evitado. Pela exposição dos mediadores, vimos que o uso do álcool entre trabalhadores da construção civil se dá, preferencialmente, como recurso útil para o enfrentamento das exigências impostas pela vida no trabalho e fora dele. No entanto, isso não ocorre de forma voluntária, e sim pelas imposições de uma existência difícil. Isso conduz à tese de que, mesmo naqueles casos em que o uso do álcool ainda não provocou desgastes importantes, o resultado final poderá ser negativo para o trabalhador. Em outras palavras, temos que considerar não apenas o uso do álcool, mas o que está motivando esse uso. Trata-se de uma escolha voluntária, em que se recorre à bebida como meio de descontração e lazer, ou esta representa um paliativo, uma válvula de escape para vivências de angústia e opressão?

Assim, o reconhecimento da existência da funcionalidade no uso do álcool e a distinção entre adaptações patogênicas ou não-patogênicas transfere o eixo da discussão do problema do alcoolismo de um enfoque voltado para fatores puramente orgânicos ou psicológicos e centrado no sujeito isolado para um enfoque que leva em conta também, e sobretudo, a dimensão social.

Considerando a necessidade de ampliar a importância da dimensão social no conceito de alcoolismo, no próximo capítulo retornamos à teoria para examiná-lo à luz das evidências empíricas obtidas nesta investigação.

CAPÍTULO IV

PROBLEMATIZANDO O CONCEITO DE ALCOOLISMO

Sobre o conceito que deu origem a esta investigação, Vaillant (1999, p.15) diz:

[...] um problema tão sério e disseminado necessita ser estudado. Apesar disso, nossa falta de conhecimento sobre ele é surpreendente. Se para o eventual curioso a doença é óbvia, alguns especialistas que têm estudado o abuso de álcool durante anos duvidam que tal entidade como o alcoolismo exista. A razão disso é que ele tem uma natureza inconstante e uma qualidade camaleônica, que o torna difícil de ser definido em qualquer ocasião. Assim, a literatura especializada sobre álcool está repleta de controvérsias; e controvérsia, uma vez não esclarecida, pode gerar incerteza e deturpar de fato a compreensão sobre o tema.

Segundo Fortes (1991), o uso de bebidas alcoólicas é um dos costumes mais antigos da humanidade, e, provavelmente, o *Pithecantropus erectus*, ou um dos seus ancestrais, o antropóide, já se familiarizava com o álcool nos sucos feitos com frutas maduras que caíam das árvores, as quais eram fermentadas por exposição a fermentos aerotransportados e ao calor solar.

O termo “alcoolismo” foi proposto pela primeira vez em meados do século XIX, pelo médico sueco Magnus Huss. Contudo, a compreensão desse fenômeno vem há séculos desafiando a ciência. Até os dias atuais, existem controvérsias sobre sua conceituação, sua etiologia e seu diagnóstico e, conseqüentemente, sobre as formas de manejo das questões a ele relacionadas.

Existem vários modelos explicativos para o alcoolismo, os quais variam conforme o contexto sócio-histórico de cada época. Fortes (1991) afirma que a identificação do alcoolismo e o seu diagnóstico estão subordinados a influências de ordem social, política, legal e médica, e as definições preferidas variam segundo os objetivos a serem alcançados, tais como discriminar populações, justificar decisões legais, selecionar várias medidas envolvendo a área médica (encaminhamento, método de tratamento, previsão de evolução,

avaliação de fatores etiológicos), sendo que cada um desses objetivos, por sua vez, condiciona diferentes estratégias diagnósticas. Apresentaremos, a seguir, esses modelos, numa breve síntese.

O modelo moral é o mais antigo e atingiu seu ápice nos Estados Unidos, em 1919, com a aprovação da Lei Volstead, que combatia a intemperança, voltando-se para a abstinência total. Baseia-se em pressupostos religiosos e explica o uso abusivo de qualquer substância como um problema de “controle de impulsos”. Concebe o indivíduo que abusa de substância psicoativa como alguém sem “fibra moral”, que não possui controle apropriado sobre suas ações. Em síntese, o alcoolismo corresponderia a uma fraqueza de caráter. A teoria explicativa do modelo moral, contudo, sempre foi muito insatisfatória para explicar o fenômeno, além de ser fomentadora de preconceitos.

Há muito as sociedades se interessam por compreender a embriaguez. Fortes (1991) cita estudos que atestam que, há cinco séculos atrás, os distúrbios nos rins, no fígado e no baço relacionados ao uso excessivo de álcool, e também o *delirium tremens*, já eram conhecidos. Mas foi a partir dos séculos XVIII e XIX, em vários países europeus e nos Estados Unidos da América que muitos médicos, impelidos por movimentos de opinião pública e religiosos, começaram a divulgar trabalhos de cunho científico em revistas profissionais especializadas ou apresentá-los em sociedades médicas focalizando, de forma geral, as complicações somáticas e psíquicas do que chamavam intemperança. Segundo o autor, o consumo de bebidas alcoólicas nesses países crescia devido à industrialização incipiente, ao aumento de populações mal instaladas nas áreas urbanas, à mecanização do trabalho e à proliferação dos pontos de distribuição de bebidas. Ainda segundo o autor, na França não houve grande interesse pela intemperança e pelo alcoolismo como doença, como o despertado nos países anglo-saxões, especialmente a Inglaterra e a Suécia, devido aos interesses envolvidos com a produção do vinho: no contexto francês daquela época, os

trabalhadores eram encontrados embriagados com frequência, e a prática corrente era licenciá-los e, se houvesse recidiva, encaminhá-los para a prisão ou o hospital. Já os ricos eram enviados para instituições de retardados e alienados.

Assim, com o envolvimento da comunidade científica, especialmente da classe médica, foi se configurando um outro modelo explicativo para o alcoolismo. O modelo médico propriamente dito data do final dos anos 1940 e foi apresentado por Jellinek e seus colaboradores, do Centro para Estudos do Álcool, da Universidade de Yale, nos Estados Unidos. Em 1956, foi sancionado pela Associação Médica Norte-Americana, o que legitimou a concepção do alcoolismo como uma doença.

Esse modelo propõe explicações de cunho organicista que atribuem a etiologia do alcoolismo a fatores que seriam geneticamente transmitidos. Tal abordagem ganhou força ao longo dos anos e, segundo Fortes (1991), em alguns países, razões financeiras contribuíram para a adesão a ela, bem como para a sua divulgação, já que boa parte da classe médica possuía clínicas nas quais os pacientes poderiam ser tratados com altos custos financeiros, a despeito da resistência de outros grupos — religiosos, por exemplo — que se opunham ao alcoolismo como doença, apegando-se ao modelo moral e influenciando a população em geral. Assim, o modelo médico transformou-se em hipótese de trabalho para a realização de pesquisas, em trilha para a orientação de tratamentos de algumas formas de alcoolismo e em voz de comando para mobilizar a comunidade na profilaxia da perigosa farmacodependência, além de ter passado a subsidiar a justiça e a polícia.

A perspectiva organicista e a polêmica em torno dela permanecem atuais. Em maio de 2001, o jornal *Folha de S. Paulo* publicou um artigo de José Reis, intitulado “Gene do alcoolismo”, no qual o autor relata que dois grupos de cientistas, um liderado por Blum e Noble, da Universidade do Texas (Estados Unidos), e outro por Kidd, da Universidade de Yale, se debatem questionando-se mutuamente sobre os métodos de suas pesquisas, que giram

em torno da hipótese de que um gene, chamado de “gene do receptor D2 da dopamina”, seria o causador do alcoolismo (REIS, 2001). O autor conclui que os resultados das pesquisas permanecem confusos, não permitindo conclusões seguras, e denuncia a utilização da ciência como instrumento de interesses econômicos, já que Blum e Noble se associaram a empresas farmacêuticas americanas para comercializarem um teste genético de suscetibilidade ao alcoolismo.

Como vemos, a fundamentação científica do modelo médico, sobretudo no que concerne à tese da origem genética do alcoolismo, é insuficiente e pode ser usada de forma tendenciosa. As teorias biológicas que fazem parte do modelo médico defendem que o alcoolismo se desenvolve a partir da existência de fatores inatos no indivíduo, que teria uma predisposição ao desenvolvimento de dependência, motivada por uma reação fisiológica em cadeia, desencadeada pela ingestão inicial de certa quantidade de álcool. Vários processos fisiológicos estariam envolvidos nesse desencadeamento: desde alterações no metabolismo celular e inibição de centros cerebrais de controle até a ativação de circuitos neuronais presentes no hipotálamo. Assim, a concepção do alcoolismo como doença condiciona o tratamento à abstinência do álcool como única forma de evitar o adoecimento, exigindo do indivíduo o controle total de seus impulsos como determinante da cura. Ou seja, o indivíduo, apesar de não ser mais culpável do ponto de vista moral, já que adoeceu por uma predisposição orgânica que foge ao seu controle, ainda é visto como o único responsável pela superação do problema e continua a ser avaliado moralmente. Esse modelo também sugere que o álcool é um mal em si mesmo, e, por isso, as estratégias mais comuns para solucionar problemas advindos de seu uso, sejam no campo terapêutico, sejam no da educação, são focadas no par sujeito-substância e na busca da abstinência.

Ao nosso ver, o ponto crítico desse modelo relaciona-se com a idéia da predisposição. Le Guillant (2006b) denuncia que esse conceito advém da noção de

degenerescência, concepção teórica elaborada por Morel para estabelecer uma “história natural da loucura”, que acabou atingindo seu ápice na noção de *constituição*, uma idéia abstrata que traz a implicação grave de afastar ou dissimular a intervenção do mundo exterior e das causas sociais no desenvolvimento das doenças, representando, dessa forma, um grande obstáculo à compreensão e, conseqüentemente, à ação sobre qualquer tipo de adoecimento.

Não podemos negar a utilidade clínica do conceito de alcoolismo como doença, mas desvelar seus vieses, frutos da história de sua elaboração, torna-se necessário. É claro que há necessidade de tratamento e intervenção no par sujeito-substância, e não negamos que a concepção de doença pode ser bastante útil para aliviar sofrimentos. Contudo, é possível identificar, nos conceitos de transtornos mentais relacionados ao uso do álcool, resquícios do que Le Guillant (2006b) denominou de nosologismo psiquiátrico.

Esse autor afirma que, desde Kraepelin, o nosologismo, isto é, a classificação das doenças em tipos clínicos bem definidos em sua sintomatologia e evolução e até mesmo na sua resolução, fez com que se tornasse cada vez mais precário o conhecimento do paciente e das causas de seu adoecimento, além de afastar as tentativas de se compreender esse adoecimento a partir da realidade social e eximir a sociedade de qualquer responsabilidade.

Le Guillant (2006b) percorre a história da psiquiatria e defende a tese da importância do meio na etiologia e no desenvolvimento das doenças mentais, ressaltando a impossibilidade de separar as instâncias fisiológica/psicológica e social. Ele afirma que, já em sua época (década de 1950), a tradição das minuciosas observações clínicas parecia perdida.

Contudo, reconhecer as limitações do modelo médico não deve impedir-nos de considerar o substrato biológico e as interações bioquímicas entre o álcool e o organismo como elementos importantes a serem incluídos em qualquer teoria explicativa sobre alcoolismo, já que nenhuma das dimensões biológica, psicológica e social que compõem o ser humano, pode ser desconsiderada.

Nesta pesquisa, observamos que os modelos moral e médico aparecem freqüentemente na maneira pela qual os sujeitos tentam compreender seu adoecimento. O tom moralizante, inclusive implícito no modelo médico, parece acarretar sofrimento adicional ao gerar culpa naqueles que usam o álcool, como se a consciência dos riscos e danos relacionados a esse uso fosse suficiente para escapar a eles. A culpa, o sofrimento moral e a autodepreciação estavam presentes na maioria dos depoimentos dos sujeitos que fizeram parte desta investigação. Eles introjetam a culpa e, geralmente, consideram-se os únicos responsáveis pelo uso do álcool e pela doença que poderão vir a desenvolver.

Cruz (2000), valendo-se de categorias propostas por Helen Nowlis, classificou os modelos de abordagem do alcoolismo e do uso de drogas em geral da seguinte forma: jurídico-moral, médico, psicossocial e sociocultural, destacando a forma como cada um dos modelos objetiva resolver o problema.

O modelo jurídico-moral propõe impedir o acesso e a utilização das substâncias pela repressão ao tráfico e ao uso, e separa drogas lícitas (álcool e nicotina) de ilícitas, preocupando-se com o controle destas últimas. Segundo Cruz (2000), esse modelo encontra força nas parcelas mais conservadoras da sociedade, sendo utilizado como forma de controle social e como base para o emprego de recursos astronômicos em projetos que, via de regra, obtêm resultados medíocres.

Em relação ao modelo médico, o autor ressalta os avanços das pesquisas na área de neurobiologia, com o desenvolvimento de estratégias que incluem o uso de fármacos no tratamento, e aponta a inadequação da transposição do paradigma das doenças infecciosas para explicar as toxicomanias. Observa também que tanto o modelo jurídico-moral quanto o médico enfatizam a substância, e não o indivíduo ou as circunstâncias sociais.

O modelo psicossocial foi sintetizado por Cruz como aquele que cogita o uso de drogas como forma de lidar com conflitos ligados à história de vida de cada um; e o modelo

sociocultural como aquele que sugere que as sociedades humanas sempre utilizaram substâncias psicoativas e que cada grupo social define seus usos e interdições. O autor conclui que existe aproximação do modelo jurídico-moral com o médico, por um lado; e do psicossocial com o sociocultural, por outro.

Quanto às explicações psicológicas para o alcoolismo, podemos observar que elas enfatizam os preceitos das principais escolas da psicologia, sendo os modelos mais conhecidos o cognitivo-comportamental, o existencialista e o psicanalítico.

O modelo do comportamento aditivo surgiu como uma alternativa aos modelos moral e médico, ao se recusar a atribuir o alcoolismo à fraqueza de caráter, à doença ou a algum quadro secundário de transtorno fisiológico. Esse modelo propõe que os comportamentos aditivos são hábitos hiperaprendidos e mal-adaptados que podem ser analisados e modificados a partir do estudo de seus determinantes. São considerados como determinantes: antecedentes situacionais e ambientais, crenças, expectativas, história familiar e experiência de aprendizagem anterior com a substância psicoativa. De acordo com esse modelo, a abstinência não é a única alternativa de cura. Porém, apesar de não culpabilizar o indivíduo pela aquisição do comportamento, considera que ele é capaz de modificá-lo a partir da identificação de seus determinantes e do controle destes. No entanto, como foi visto, no caso dos trabalhadores da construção civil o sujeito, muitas vezes, encontra-se bastante limitado e impotente diante das situações que o levam a consumir o álcool, e, assim, apesar de fazer sentido a idéia do comportamento aprendido, esse modelo acaba por pressupor um poder individual excessivo de controle do comportamento, por não considerar de forma suficiente os fatores subjetivos e, sobretudo, a articulação entre os fatores objetivos e os subjetivos. No caso da construção civil, por exemplo, muitos dos determinantes do uso do álcool estão relacionados a situações laborais e a condições de vida extratrabalho que não podem ser modificadas por atos de vontade dos trabalhadores.

As explicações dadas pelos existencialistas podem ser sintetizadas nas palavras de Frankl (1991, p.120):

[...] o consumo de drogas é apenas um aspecto de um fenômeno de massa mais geral, a saber, o sentimento de falta de sentido que resulta de uma frustração das nossas necessidades existenciais — o que, por sua vez, se transformou num fenômeno universal das nossas sociedades industriais.

Esse autor observa que o sentimento de falta de sentido não é, em si, patológico, e sim uma prova da humanidade da pessoa. Contudo, é potencialmente patogênico, podendo tornar-se patológico, inclusive por causas socioeconômicas como o desemprego. Ele estudou casos de depressão em jovens desempregados que associavam essa condição à inutilidade e, portanto, à falta de sentido da vida, e que, ao começarem a trabalhar de forma voluntária com atividades portadoras de sentido, a despeito de não terem tido alteração em sua situação econômica, curavam-se da depressão. Em síntese, a explicação existencialista para a dependência de drogas, assim como para a depressão e a agressão, centra-se no que, em logoterapia, é chamado de “vazio existencial”, um sentimento de vacuidade e de falta de sentido.

Freud, em “Carta 79” (1897), esboça uma teoria explicativa para o uso do álcool: “Comecei a compreender que a masturbação é o grande hábito, o ‘vício primário’, e que é somente como sucedâneo e substituto dela que outros vícios — álcool, morfina, tabaco etc. — adquirem existência” (FREUD, 1990a, p.374). Ele retomou o tema em outros textos, como em “O mecanismo do prazer e a psicogênese dos chistes” (1905), no qual cita o álcool como recurso para reduzir o senso crítico, força repressora do prazer no *nonsense*, tornando de novo acessível, pelo efeito euforizante, fontes de prazer sobre as quais pesava a supressão (FREUD, 1990b); e em “Um comentário sobre o anti-semitismo” (1938), no qual, ao discorrer sobre as características dos judeus, afirma que eles necessitam menos que os não-judeus do álcool para tolerar a vida. Essa característica é enumerada junto com outras, tais como a raridade de

crimes de brutalidade, assassinatos, roubo e violência sexual entre os judeus, bem como o alto valor que eles concedem à realização e aos interesses intelectuais, à vida familiar e aos cuidados com os pobres (FREUD, 1990c). Contudo, nesse texto, Freud não expõe com clareza as razões pelas quais o uso do álcool seria menos necessário entre os judeus.

Bastos (1976) revisou as teorias derivadas da psicanálise sobre a personalidade do “alcoólatra”, e cita vários autores pós-freudianos e suas explicações, que giram em torno dos seguintes argumentos: fixação na fase oral do desenvolvimento da libido, influência dominadora da mãe, fuga contra impulsos homossexuais, pensamentos incestuosos e sentimentos de culpa ligados à masturbação, à substituição do orgasmo e a tendências autodestrutivas.

A polêmica de caráter mais geral em torno das diversas explicações psicológicas para o alcoolismo se estabelece em torno da tentativa de responder se há ou não uma personalidade prévia do “alcoólatra” que o conduziria à toxicomania. Existem muitas divergências a esse respeito: há teóricos que afirmam que sim e outros que afirmam que o alcoolismo é uma doença adquirida, de mecanismo exógeno, e que a ingestão do álcool seria um epifenômeno criador de uma personalidade deficiente, com caracteres mais ou menos próprios. Entretanto, em ambos os casos, haveria um ego débil e carente de afirmação. Em síntese, as teorias psicológicas conservam a noção de predisposição, só que, desta vez, trata-se de uma predisposição psíquica, mas que remete à mesma limitação discutida anteriormente para a noção de predisposição orgânica.

Apesar disso, é possível observar, nas teorias psicológicas, alguns aspectos que vão ao encontro de nossos resultados, com destaque para a idéia do uso do álcool como um recurso aprendido (comportamental), utilizado para tamponar e/ou aliviar o sofrimento (existencial e psicanalítica). Porém, essas explicações são por demais genéricas. Em nosso estudo, como foi possível verificar a partir da análise dos casos, não encontramos indícios de

uma personalidade pré-mórbida, e sim de uma conformação da personalidade na constante articulação com o meio, sendo este primordial na compreensão da relação que os sujeitos estabelecem com o álcool. Pela exposição dos mediadores, procuramos mostrar como os fatores sociais articulam-se com o psiquismo, favorecendo o uso do álcool ou mesmo o adoecimento. Nesse caso, o meio teria uma primazia ontológica sobre as dimensões orgânica e psíquica, ao anteceder-las e conformá-las de modo a permitir a emergência do fenômeno aqui analisado.

Em relação às explicações socioculturais, destaca-se a de Edwards *et al.* (1998), por considerarem a etiologia multicausal do alcoolismo e também por desdemonizarem a substância e expor a complexidade envolvida na caracterização dos “problemas com álcool”. Os autores afirmam que os problemas relacionados a essa substância variam conforme a forma e o nível de disponibilidade do álcool em cada cultura. Também afirmam que esses fatores exercem uma influência especial sobre o comportamento dos jovens e, por isso, a legislação da maioria dos países tem atuado no sentido de limitar a disponibilidade e o uso dessa substância. Para corroborar sua tese, informam que a relação entre a disponibilidade e o uso foi demonstrada também para outros produtos com potencial para afetar a saúde e a segurança públicas, como, por exemplo, o fácil acesso a armas de fogo. Descrevem, ainda, várias experiências empíricas que demonstram que a redução da oferta do álcool diminui os problemas relacionados ao abuso da substância.

Ainda segundo os autores, o álcool é uma droga que causa dependência e possui propriedades tóxicas, mas também é uma fonte de prazer e uma mercadoria de valor, que pode, inclusive, trazer benefícios à saúde por sua ação protetora contra doenças coronarianas. Eles afirmam que, “se o álcool causa dor e prazer, estes dois tipos de experiência não são rigidamente divididos entre dois diferentes tipos de pessoas ou duas populações distintas” (EDWARDS *et al.*, 1998, p.35). Sobre a palavra alcoolismo, comentam que, apesar de ser

ainda bastante usada por médicos, alcoólicos anônimos e pelo público em geral, ela não possui significado científico preciso. Por isso, preferem adotar o conceito biaxial mais flexível de “dependência de álcool” como uma dimensão e “problemas relacionados ao álcool” como outra, pois essa mudança conceitual reconhece que a condição chamada de alcoolismo é multifacetada e possui, portanto, múltipla etiologia.

O conceito de dependência é o consagrado pelos manuais de psiquiatria, como no DSM-IV:

A característica essencial da Dependência de Substância consiste na presença de um agrupamento de sintomas cognitivos, comportamentais e fisiológicos indicando que o indivíduo continua utilizando uma substância, apesar de problemas significativos relacionados a ela. Existe um padrão de auto-administração repetida que geralmente resulta em tolerância, abstinência e comportamento compulsivo de consumo de droga. Um diagnóstico de Dependência de Substância pode ser aplicado a qualquer classe de substâncias, exceto cafeína. (ASSOCIAÇÃO PSIQUIÁTRICA AMERICANA, 2003, p.208).

Já em relação ao conceito de “problemas relacionados ao uso do álcool”, Edwards *et al.* (1998) organizam esses “problemas” em títulos separados, concernentes aos domínios físico, psicológico e social. Tomando por base diversos autores, admitem, em relação ao domínio físico, que beber pode causar danos a quase todos os tecidos e sistemas orgânicos, com conseqüente deficiência de logo prazo ou doenças crônicas e mortalidade excessiva. Nesse domínio, incluem-se: danos ao sistema nervoso e lesões cerebrais de vários tipos, neurite periférica, pressão sangüínea alta, doenças cardíacas e derrame cerebral, complicações abdominais como pancreatite crônica, cânceres de orofaringe, laringe, esôfago, estômago, fígado, reto e de mama; bem como outros problemas que podem estar presentes de forma mascarada, como doenças de pele, disfunção endócrina, doenças circulatórias, neurológicas, reumáticas e disfunções no sistema imunológico, entre outros. Quanto ao domínio psicológico, o álcool prejudica aspectos das funções psicomotora e cognitiva, e, além disso, o desequilíbrio do controle emocional pode resultar em violência contra outras pessoas, auto-

agressão intencional e suicídio. O consumo pesado e prolongado também pode comprometer a memória de curto prazo e, menos comumente, causar quadro de demência, além das síndromes psicobiológicas comuns nos ambientes hospitalares, como *delirium tremens*, alucinação alcoólica e convulsões pela abstinência. Os problemas sociais citados pelos autores também são numerosos, e entre eles estão o mau desempenho na profissão, faltas ao trabalho, exoneração, desemprego, acidentes de trabalho, endividamento, problemas habitacionais, indigência e problemas familiares — além da implicação, direta ou indireta, do álcool em diversos tipos de delitos, inclusive crimes violentos e acidentes de trânsito. Edwards *et al.* (1998) também afirmam que todas essas categorias de problemas relacionados ao álcool geram um débito para a sociedade como um todo no que diz respeito à previdência social, a serviços de saúde e a seguros, ao cumprimento de leis e pagamento de custos penais associados à bebida; e prejuízos associados à perda de produtividade.

Os autores enfatizam a complexidade da expressão “relacionados ao álcool”, porque a causalidade raramente ou nunca tem raízes únicas e simples e, freqüentemente, lida-se com nexos causais que envolvem diferenças individuais e contexto social, influências remotas e imediatas, padrão, duração e intensidade do uso do álcool, em vez do simples fato de seu uso. Acrescentam que a causalidade também está sujeita a condições, isto é, um dado nível de consumo de álcool pode levar a um problema, dependendo de quem bebe, da dieta dessa pessoa, do local onde ela bebe, de como reage ao uso, e assim por diante. Desse modo, os autores aproximam-se da noção de funcionalidade já exposta e do modelo biopsicossocial, que discutiremos adiante. Porém, mesmo sem negar a existência de fatores constitucionais biológicos e psicológicos, os estudos revisados por eles realçam a importância do ambiente como determinante de problemas relacionados ao álcool, principalmente no que tange a sua disponibilidade. Dessa forma, embora leve em conta elementos importantes, que demonstram a complexidade da questão, esse modelo explicativo também se revela parcial, pois, ao

privilegiar a disponibilidade ou não do álcool, desconsidera as razões pelas quais o indivíduo necessita consumir a bebida.

Desde a introdução deste trabalho, deixamos clara nossa concordância com Le Guillant (2006b, p.41), de que o “psiquismo é o reflexo da realidade — sem dúvida, reflexo imperfeito — realizado de forma aproximada, mas composto unicamente pelos elementos da realidade”. Esse autor chama a atenção para o que escreveu Marx: que não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas é o ser social do homem que determina a sua consciência (Le Guillant, 2006b, p.41). E explica que nem todos os homens em condições semelhantes têm as mesmas idéias, mas isso não permite afirmar que exista “outra coisa” no psiquismo além da realidade externa. Para esse teórico, a realidade externa é composta também de ideologias que não podem ser explicadas somente a partir das atuais relações de produção, sendo necessário considerar “maneiras de pensar” e costumes transmitidos e criados em cada sujeito pela educação, pelas ideologias e por toda a superestrutura social. Assim, segundo ele, o psiquismo é multideterminado e, como o homem se diferencia do animal pelo trabalho, e o trabalho é constituinte da identidade, essa categoria é fundamental para qualquer análise psicológica — o que não significa que outros fatores psicossociais não mereçam atenção, tais como a cultura, os choques e conflitos culturais, a economia, a infância e a sexualidade. A consciência que as pessoas adquirem, ou não, das contradições sociais e sua reação sobre as situações nas quais essas se exprimem, isto é, sua aceitação ou luta, que, por sua vez, dependem das condições desta luta para modificá-las, são os elementos decisivos da ação dos fatores sociais que conservam significação e peso próprios a cada indivíduo em sua singularidade.

Assim, acreditamos que nenhum modelo, por si só, seja suficiente para a compreensão de algum caso específico de alcoolismo ou mesmo para a condução de um tratamento. Nesse caso, uma perspectiva que considere a história do sujeito e o contexto no

qual se deu o uso do álcool, assim como as inter-relações entre o fisiológico, o psicológico e o social, parece-nos a mais adequada.

Laurell e Noriega (1989) também buscam compreender o processo saúde-doença em sua totalidade. Para incorporar a dimensão social, passaram a adotar a categoria “desgaste”, em vez de doença, como estratégia para superar os limites do raciocínio clínico, que tem como ponto de partida a classificação das doenças. Justamente por isso, seus modelos de investigação são do tipo estudo de caso, e não se aplicam a análises populacionais. Mendonca *et al.* (1990) afirmam que a medicina social tem enfrentado inúmeras dificuldades na construção de metodologias que permitam uma correlação entre o marco teórico desenhado e a realidade sensível, e reconhecem a demanda de incorporação do social, enquanto um eixo fundamental, inclusive para um sistema classificatório internacional de doenças (CID). Segundo os autores, Laurell vem desenvolvendo essa compreensão desde a década de 1970; no entanto, não podemos deixar de ressaltar que, apesar dos seus méritos, os autores da epidemiologia social não incorporam adequadamente a dimensão singular do adoecimento.

Assim, em concordância com Le Guillant (2006b), entendemos que o modelo psicossocial é o mais adequado para compreender o alcoolismo, já que abrange os diversos fatores envolvidos no problema, além de tentar compreender a forma pela qual eles se articulam. Segundo esse modelo, não existe uma causa única para o consumo abusivo do álcool ou para o adoecimento pelo uso dessa substância, mas um conjunto de fatores etiológicos de ordem cultural, social, pessoal e, também, fisiológico. No entanto, fica por ser compreendido, caso a caso, como esses elementos se articulam e que tipo de primazia uns possuem sobre os outros. Essa foi a contribuição que tentamos dar ao trazer à luz, para discussão, os mediadores que pretendem explicar como se dá a passagem entre determinadas condições de trabalho e de vida para os quadros de alcoolismo.

Nesta investigação, percebemos que, a despeito do papel da substância como um elemento fundamental na etiologia do alcoolismo, os mediadores que levam os trabalhadores da construção civil a passarem de dada condição de vida e trabalho para os “transtornos mentais pelo uso do álcool” sugerem que as condições de trabalho e de vida dessa categoria profissional têm primazia.

O foco na doença e, por conseqüência, as metodologias usadas para a sua superação, tendem a aprisionar as intervenções nas esferas fisiológica e/ou psicológica, subestimando o peso da esfera social, tanto para intervenções preventivas quanto curativas. Assim, o *locus* privilegiado de atenção e tratamento deve ser as condições materiais que desencadeiam, mantêm ou agravam o problema.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ponto de partida desta investigação foram indicadores estatísticos de alta frequência de quadros clínicos de transtornos mentais relacionados ao uso do álcool entre os profissionais da construção civil. Em seguida, empreendemos um mergulho nas situações concretas de trabalho e de vida desses profissionais buscando identificar os mediadores que permitissem apreender os nexos entre o exercício de suas atividades e o alcoolismo.

Durante esse percurso, vimos que o cotidiano dessa categoria profissional parece gerar adoecimentos relacionados ao uso do álcool, já que o uso dessa substância, devido as suas propriedades farmacológicas (*calmante, euforizante, relaxante, indutor do sono, anestésico e anti-séptico*), é um dos poucos recursos acessíveis, e um dos mais eficazes, para muitos trabalhadores dessa categoria profissional, do qual lançam mão para fazer frente às exigências do trabalho e enfrentar os desafios para a sobrevivência.

Como colocado anteriormente, a empresa X, reconhecida como uma das melhores empresas do ramo em Belo Horizonte, manifestou ao SESI-DRMG sua preocupação com o excessivo uso de álcool por parte de seus trabalhadores¹.

No relatório de Lima *et al.* (2005), onde estão os resultados preliminares sobre dois grupos inicialmente pesquisados, o da empresa X e o dos trabalhadores da construção civil de São João Del Rei, vê-se, pelo conjunto dos dados, que o “alcoolismo” está presente em ambos: tanto no grupo da empresa X quanto no da construção civil dessa cidade, cujas condições são bem mais precárias. Segundo esse documento:

[...] nosso diagnóstico, ainda que não esteja finalizado, tem revelado que, efetivamente, o problema existe e, em grande medida, é ocasionado ou reforçado pelo trabalho. No caso de São João Del Rei, as condições são bem piores e não temos dados suficientes para saber se o problema do alcoolismo

¹ Posteriormente (2004), a empresa Y também manifestou ao SESI-DRMG essa mesma preocupação, conforme colocado no primeiro capítulo.

detectado nessa cidade é mais grave do que o da empresa X. A julgar pelo depoimento de um dos trabalhadores da clínica investigada naquela cidade, à medida que as condições de trabalho pioram, o problema do alcoolismo também se agrava. Ou seja, haveria uma certa relação entre condições inadequadas de trabalho e o agravamento do problema aqui estudado. [...] Em suma, embora não possamos ser conclusivos, uma vez que se trata de uma pesquisa em andamento, achamos que os elementos trazidos são suficientemente instigantes para nos fazer pensar que o trabalho na construção civil, devido à sua forma de organização e às condições que oferece, pode atuar como um importante elemento na manutenção, agravamento ou até mesmo no surgimento do alcoolismo. (LIMA *et al.*, 2005, p.112)

Assim, reiteramos aqui uma das teses centrais de Le Guillant (2006b): a impossibilidade de separação das esferas biológica, psicológica e social; e que o modelo mais adequado para a compreensão de qualquer “doença” é o biopsicossocial, sendo que qualquer explicação que não contemple essas três esferas será insatisfatória. A maior contribuição desta investigação, entretanto, relaciona-se à esfera psicossocial, sobretudo no que concerne à explicitação dos fatores sociais, que ganham acuidade peculiar no psiquismo dos indivíduos, conferindo-lhes ou não um caráter patogênico (LE GUILLANT, 2006b). Não abordamos a dimensão biológica porque seu estudo exigiria um trabalho interdisciplinar inviável no contexto de uma dissertação.

Além de termos encontrado fatores sociais semelhantes àqueles arrolados em outros estudos sobre alcoolismo e trabalho, já citados, tentamos explicitar como esses fatores repercutem no psiquismo dos sujeitos, favorecendo a emergência do problema. Dessa forma, mostramos que o álcool os ajuda a combater o medo e a fadiga, alivia dores, facilita a expressão de sentimentos de raiva e revolta, ajuda a suportar a solidão e as frustrações, além de proporcionar a vivência de momentos de alegria e descontração.

A identificação desses mediadores permitiu entender melhor como se dá a passagem entre os fatores sociais, genericamente descritos, e os quadros de adoecimento. Com isso, foi possível apreender, compreender e acrescentar elementos que nos permitem afirmar a existência de um nexo entre o trabalho na construção civil e os transtornos mentais

relacionados ao uso do álcool. Mas é claro que não se trata de um nexo de causalidade direta, uma vez que sempre levamos em conta a dimensão do sujeito e sua singularidade.

Dessa forma, defendemos aqui idéia semelhante à que Le Guillant (2006d) defendeu a respeito da relação entre *trabalho* e *fadiga* entre as telefonistas. Para ele, nas condições daquele momento histórico, o “nervosismo” das telefonistas era uma doença necessária para a realização de suas tarefas profissionais. De forma semelhante, os resultados desta investigação sugerem que “o uso de álcool” nas condições de trabalho no setor da construção civil, neste momento histórico, também é um recurso necessário para que os trabalhadores aliviem o desgaste imposto pela realização de suas tarefas profissionais, a despeito dos riscos e potenciais danos decorrentes da utilização desse recurso. O uso do álcool por essa categoria profissional pode corresponder a uma adaptação patogênica ou mesmo patológica às condições de trabalho e de vida, já que esse uso não parece decorrer de uma escolha livre, espontânea, e sim ser imposto pela realidade. No entanto, assim como defendeu o teórico francês, trata-se de entender como cada sujeito, dentro de suas experiências concretas de existência, lida com tal imposição.

A constatação do recurso freqüente ao álcool pela classe trabalhadora não representa uma novidade: Marx já havia identificado o álcool como sendo o único recurso ao qual os operários de seu tempo podiam lançar mão para suportar a dor da jornada de trabalho, cuja dureza e intensidade roubava, desde a infância, seu tempo de vida. No Livro I de *O capital*, Marx (1985, p.532) observou: “É natural, portanto, que a embriaguez reine nesta classe, desde a infância”. E, em *Introdução à crítica da filosofia do direito em Hegel* (1843), na qual escreveu a sua famosa frase a respeito da religião como ópio do povo, ele defendeu a tese de que a religião e a droga são meios de fugir à crueldade da dor da exploração do trabalho, remédios contra o sofrimento e, portanto, não condenáveis em si mesmos (MARX, 2006).

Diante disso, não há como não se surpreender com o fato de que a distância histórica que separa nossos operários daqueles da época de Marx não foi suficiente para chegarmos a uma situação em que a classe trabalhadora não precise mais se valer com tamanha intensidade desses mesmos paliativos.

A tentativa de compensar frustrações e atenuar os impactos da realidade faz parte do que podemos chamar de “condição humana”. Também se sabe que as substâncias psicoativas são um recurso potencialmente eficaz para isso. No entanto, é pertinente perguntar se o uso do álcool como paliativo constituiria em problema de saúde coletiva para os trabalhadores da construção civil caso eles dispusessem de outros recursos para compensar o desgaste advindo do trabalho e as dificuldades de sobrevivência. E, sobretudo, caberia perguntar se o problema existiria caso suas condições de vida e trabalho fossem menos injustas e adversas.

É importante frisar que algumas empresas do setor da construção civil têm mostrado interesse em oferecer melhores condições de trabalho e, conseqüentemente, de vida a seus trabalhadores. Exemplos disso são as empresas X e Y, que colaboraram bastante para que esta investigação fosse realizada. Essas empresas oferecem EPIs de boa qualidade, cumprem normas de higiene e segurança e oferecem uniformes², além de realizarem outros programas que contribuem para melhorias no setor, como escolas de alfabetização, atendimento médico e odontológico, campanhas de educação para a saúde, ações culturais nos canteiros de obras como orquestras e teatros. Mesmo assim, essas medidas não parecem ter trazido a solução para o problema aqui tratado. Considerar o uso de álcool como um problema em si não é razoável, mas há fortes indícios de que, para essa categoria, é comum que esse uso represente uma adaptação patogênica ao trabalho, podendo tornar-se disfuncional e, portanto, gerar novas dificuldades de ordem pessoal e profissional.

² Os trabalhadores disseram valorizar bastante os uniformes porque estes não só ajudam a economizar as roupas mas, também, na sua identificação como profissionais, diminuindo assim a discriminação social.

Tais constatações sugerem que os problemas advindos do uso de álcool, como os transtornos mentais, por exemplo, se inscrevem no cerne mesmo do sistema capitalista e das relações de exploração do trabalho pelo capital.

Nesse sentido, o fator central que contribui para o uso de álcool por essa categoria, a ponto de favorecer o desenvolvimento de transtornos mentais correlacionados, parece ser o que Le Guillant (2006a) denominou *condição*, em seu estudo “Incidências psicopatológicas da condição de ‘empregada doméstica’”. *Condição*, para o autor, significa uma espécie de “*gestalt* social’ realizada por determinadas situações, cujos elementos constituem, por detrás de diferentes facetas, um todo indissociável e conservam um núcleo permanente” (LE GUILLANT, 2006a, p.254).

Le Guillant fundamenta a psicopatologia das domésticas em suas situações concretas de existência, em cuja origem considera estar dados econômicos associados, de forma estreita e indissolúvel, aos aspectos psicológicos. O autor explica que, ao fazerem uma contabilidade psíquica entre o que ofereciam para a sociedade e o que recebiam em troca, as domésticas quase sempre concluíam que recebiam muito pouco, o que, frequentemente, levava ao ressentimento. Ainda segundo o autor, *ressentimento* é uma espécie de ruminação de sentimentos latentes, exacerbados por humilhações e injustiças das situações de vida no presente e fruto da impossibilidade do sujeito de transformar sua experiência vivida em outras formas de experiência. O sujeito acaba por se descobrir prisioneiro de condições inescapáveis, das quais precisa, apesar de tudo, se apropriar para continuar a viver, restando-lhe apenas a submissão. Contudo, a submissão não significa mera aceitação das situações de humilhação, mas é a forma disfarçada de uma impotência para agir. Assim, Le Guillant constatou que, entre as domésticas, o *ressentimento* dirigia-se de forma mais intensa a sua própria situação, ou, melhor dizendo, à “*condição* de doméstica”, e não aos patrões, aos filhos destes ou aos lares onde viviam.

Respeitadas as diferenças entre o estudo realizado por Le Guillant e nossa investigação, diversos elementos que encontramos, sumarizados a seguir, permitem aproximar a vivência dos trabalhadores da construção civil àquela descrita por esse autor para as domésticas que estudou, o que deixa entrever que eles também se encontram submetidos ao que o autor definiu como *condição*. À semelhança das expressões pejorativas normalmente adotadas para se referir às domésticas, o termo “peão”(e outros já comentados no primeiro capítulo desta investigação) expressa bem a situação concreta de vida desses trabalhadores e guarda o mesmo caráter discriminatório.

Como visto, grande parte do contingente de mão-de-obra empregada pelo setor da construção civil é oriunda da zona rural, começou a trabalhar na infância e teve acesso restrito à educação formal. Para a maioria, o início das atividades profissionais nesse setor não foi uma escolha pessoal, mas resultado da falta de opção com que se depararam quando chegaram à cidade, sem escolaridade e/ou qualificação que lhes permitissem escolher outras ocupações. Como disseram, a construção civil foi a primeira oportunidade de emprego e, como tinham urgência em trabalhar para garantir o sustento, aceitaram. Também foi visto que, uma vez nesse setor, é praticamente impossível romper o vínculo e se empregar em outros ramos de atividade econômica. Segundo Le Guillant, também fazia parte da “condição” da doméstica a falta de opção como fator primordial no seu encaminhamento para essa profissão.

Soma-se, ao exposto, outro elemento fundamental, que contribui para compor o que se chama aqui de *condição*: à semelhança das domésticas de Le Guillant, para os trabalhadores da construção civil o resultado da contabilidade entre o oferecido e o recebido também lhes é desfavorável. É enorme a discrepância entre o que oferecem para a sociedade e o que recebem em troca. O exemplo mais contundente diz respeito às suas possibilidades de acesso ao produto do seu trabalho: esses trabalhadores constroem moradias com excelente localização e mal conseguem construir suas próprias casas, as quais se localizam, obviamente,

em bairros de periferia, têm poucos cômodos e acabamento modesto. Vários se referiram às dificuldades de sobrevivência relacionadas à moradia e ao ressentimento que vivenciam pela falta de valorização social de sua profissão.

Da mesma forma que as domésticas de Le Guillant não costumavam dirigir o ressentimento contra seus patrões, os trabalhadores da construção civil não costumam dirigir seu ressentimento contra seus empregadores. Sendo o trabalho o maior valor para eles, e a manutenção deste, garantia de sobrevivência, tendem a valorizá-lo bastante, reconhecer as melhorias no setor e até a justificar as pressões e cobranças por produtividade e qualidade como necessárias para que a empresa se mantenha no mercado e, conseqüentemente, mantenha seus empregos. Sem um alvo externo, assim como ocorria com as domésticas estudadas por Le Guillant, esse ressentimento vivido volta-se sobretudo contra sua própria condição³.

Outras características da atividade do trabalhador da construção civil podem ser enumeradas como conformadoras dessa “condição”: a) o trabalho “pesado”, “sujo”, “perigoso”; b) a impotência frente às condições e à organização do trabalho; c) os baixos salários e as conseqüentes dificuldades de prover o próprio sustento e o da família; d) a insegurança e instabilidade devido à precariedade dos vínculos empregatícios, que os leva a enfrentar constantes períodos de desemprego; e) a discriminação social e as humilhações que sofrem dentro e fora do trabalho; f) a falta de perspectiva de uma melhoria significativa em suas situações de vida e trabalho e a impotência diante dessa realidade. O álcool parece ser um lenitivo eficaz, proporcionando-lhes alívio e coragem para continuar.

Vimos que os encontros com os colegas, após o expediente ou nos fins de semana, o que chamam de “colegagem”, podem contribuir tanto para o início do uso do álcool quanto para sua manutenção ou intensificação. Os trabalhadores que participam dessas reuniões

³ A similaridade entre as duas categorias limita-se a esse aspecto, uma vez que, em muitos outros, suas atividades e condições de trabalho são fundamentalmente diversas.

afirmaram que elas são extremamente prazerosas e que nem precisam ter dinheiro à mão para ter acesso à bebida. A diversão em bares parece ser a mais atraente e a mais acessível, em termos sociais e financeiros, sendo também a mais tradicional entre os trabalhadores dessa categoria.

Mas a ingestão de álcool não está limitada aos momentos de diversão. Ela costuma ocorrer também no horário do almoço, nas paradas de ônibus quando retornam do trabalho, em casa e, algumas vezes, burlando as normas da empresa, até no próprio local de trabalho. Os mediadores que identificamos permitiram verificar que o uso dessa substância não decorre estritamente de uma decisão pessoal, pois adquire uma função importante ao ajudar a minimizar diversos tipos de desgaste impostos pela situação de trabalho e pela *condição* de trabalhador da construção civil.

Parece, então, que o sentimento de injustiça, fruto da discrepância entre o que esses trabalhadores oferecem para a sociedade e o que recebem em troca, aliado à falta de poder para transformar essa dura realidade, pode gerar um *ressentimento* que o álcool ajuda a suportar. Assim, sugerimos que, para essa categoria profissional, o uso do álcool pode encobrir processos de adaptação patogênica a sua *condição*, o que pode vir a culminar no desenvolvimento dos transtornos mentais a ele relacionados. Concluimos, então, que o trabalho na construção civil, devido a sua forma de organização e às condições que oferece, constitui-se em um fator importante (ou mesmo decisivo) no desenvolvimento de alcoolismo nessa categoria.

Vale lembrar que, dentre aqueles que fazem uso da bebida, cada um estabelece com ela uma relação peculiar, utilizando-a com mais ou menos frequência e intensidade. Por isso, o lugar que o álcool ocupa na vida de cada um só pode ser compreendido a partir da análise de cada caso em suas especificidades. É importante destacar também que essa forma de “escape” não é adotada por todos os trabalhadores, sendo necessários outros estudos para a

análise de casos daqueles que não recorrem ao álcool para lidar com as exigências do trabalho e da vida extratrabalho.

Os resultados desta investigação levam-nos a concordar com o que Clot (2006, p.14) sintetiza como sendo a preocupação central de Le Guillant: “antes das pessoas, é do trabalho que se deve ‘cuidar’, em todos os sentidos da palavra”, sendo que esse *cuidado* dispensado à transformação real do trabalho constitui a melhor garantia para a saúde mental dos trabalhadores. Assim, em consonância com Le Guillant (2006b), o que estamos propondo é, acima de tudo, uma nova clínica a partir de cada situação concreta, passível de ser transformada, em vez de um enfoque estritamente nosológico dos distúrbios.

BIBLIOGRAFIA

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 14724*: informação e documentação — trabalhos acadêmicos — apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.

ASSOCIAÇÃO PSIQUIÁTRICA AMERICANA. *DSM-IV-TR*: manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. Tradução por Cláudia Dornelles. 4.ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2003.

BASTOS, F. de O. Personalidade do alcoólatra. In: MOUTINHO, S. da S. (Org.) *Temas de alcoolismos*: simpósio da Clínica Psiquiátrica do Hospital do Servidor Público Municipal de São Paulo (1, São Paulo, 1974). São Paulo: Manole, 1976. p.41-48.

BESSON, J.-L. Nem tanto excesso de honra, nem tanta indignidade In: _____. (Org.) *A ilusão das estatísticas*. Tradução por Emir Sader. São Paulo: Ed. Unesp, 1995. p.257-261.

CAMPANA, A.A.M. Álcool e empresas In: RAMOS, S.P.R.; BERTOLOTE, J.M. *Alcoolismo hoje*. 3.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. p.233-240.

CARVALHO, M.M. *Relatório final*: entrevistas: alcoolismo e trabalho na construção civil: Arco Engenharia. Belo Horizonte: UFMG, 2004. 24p. (Estágio Supervisionado em Saúde Mental e Trabalho)

CHASIN, J. Marx: estatuto ontológico e resolução metodológica. In: TEIXEIRA, F. *Pensando com Marx*. São Paulo: Ensaio, 1995.

CLOT, Y. Prefácio. In: LIMA, M.E.A. (Org.) *Escritos de Louis de Le Guillant*: da ergoterapia à psicopatologia do trabalho. Tradução por Guilherme Teixeira. Petrópolis: Vozes, 2006. p.13-22.

COMTE, M. Três milhões de desempregados In: BESSON, J.-L. (Org.) *A ilusão das estatísticas*. Tradução por Emir Sader. São Paulo: Ed. Unesp, 1995. p.95-111.

CRUZ, M.S. Práticas médicas, toxicomanias e a promoção do exercício da cidadania In: ASCERALD, G. (Org.) *Avessos do prazer: drogas, Aids e direitos humanos*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2000. p.233-243.

DEJOURS, C. *A loucura do trabalho*. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2005.

EDWARDS, G. et al. *A política do álcool e o bem comum*. Tradução por Gisele Klein. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

EMPREGADOS DO VÍCIO. *Veja*, São Paulo, Editora Abril. Edição 1945, ano 39, no. 8, mar. 2006. Seção trabalho, p. 82.

FERREIRA JÚNIOR, M.I. Alcoolismo e trabalho. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, v. 18, n. 70, p.50-52, abr./jun., 1990.

- FORTES, J.R.A. *Alcoolismo: diagnóstico e tratamento*. São Paulo: Sarvier, 1991.
- FRANKL, V. E. *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. Tradução por Walter O. Schlupp e Carlos C. Aveline; revisão técnica por Helga H. Reinhold. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1991.
- FREUD, S. Carta 79. In: _____. *Obras completas de Sigmund Freud*. 3.ed. Rio de Janeiro: Imago, 1990a. v. I, p.374-376.
- _____. O mecanismo do prazer e a psicogênese dos chistes. In: _____. *Obras completas de Sigmund Freud*. 3.ed. Rio de Janeiro: Imago, 1990b. v. VIII, p.139-162.
- _____. Um comentário sobre o anti-semitismo. In: _____. *Obras completas de Sigmund Freud*. 3.ed. Rio de Janeiro: Imago, 1990c. v. XXIII, p.327-329
- GONÇALVES, P.A. *Relatório final: entrevistas com trabalhador da Arco Engenharia*. Belo Horizonte: UFMG, 2004. 14p. (Estágio Supervisionado em Saúde Mental e Trabalho)
- GRACIANI, M.; MÜLLER, A. Drogas: o inimigo oculto. *Amanhã gestão, economia e negócios*, Porto Alegre, v. 19, n. 208, p. 46-56, mar. 2005.
- HIRATA, E.S. Programas de alcoolismo inseridos na empresa. In: FORTES, J.R.A.; CARDO, W.N. *Alcoolismo diagnóstico e tratamento: diagnóstico e tratamento*. São Paulo: Sarvier, 1991.
- _____. et al. Detecção de alcoolismo em funcionários de um hospital público universitário. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, v. 18, n. 69, p.75-78, fev./mar. 1990.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.B. *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- LAURELL, A.C.; NORIEGA, M. *Processo de produção e saúde: trabalho e desgaste operário*. São Paulo: Hucitec, 1989.
- LE GUILLANT, L. Incidências psicopatológicas da condição de “empregada doméstica”. In: LIMA, M.E.A. (Org.) *Escritos de Louis de Le Guillant: da ergoterapia à psicopatologia do trabalho*. Tradução por Guilherme Teixeira. Petrópolis: Vozes, 2006a. p.242-286.
- _____. Introdução a uma psicopatologia social. In: LIMA, M.E.A. (Org.) *Escritos de Louis de Le Guillant: da ergoterapia à psicopatologia do trabalho*. Tradução por Guilherme Teixeira. Petrópolis: Vozes, 2006b. p.24-74.
- _____. O caso de Marie L. In: LIMA, M.E.A. (Org.) *Escritos de Louis de Le Guillant: da ergoterapia à psicopatologia do trabalho*. Tradução por Guilherme Teixeira. Petrópolis: Vozes, 2006c. p.331-359.
- _____. O trabalho e a fadiga: prefácio da tese do dr. J. Bégoïn. In: LIMA, M.E.A. (Org.) *Escritos de Louis de Le Guillant: da ergoterapia à psicopatologia do trabalho*. Tradução por Guilherme Teixeira. Petrópolis: Vozes, 2006d. p.218-241.

_____. et al A neurose das telefonistas. In: LIMA, M.E.A. (Org.) *Escritos de Louis de Le Guillant: da ergoterapia à psicopatologia do trabalho*. Tradução por Guilherme Teixeira. Petrópolis: Vozes, 2006. p.175-188

LIMA, F.P.A. Ética e trabalho. In: GOULART, I.B. (Org.) *Psicologia organizacional e do trabalho: teoria, pesquisa e temas correlatos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002. p.69-120.

LIMA, M.E.A. A questão do método em psicologia do trabalho. In: GOULLAT, Í.B. (Org.) *Psicologia organizacional e do trabalho: teoria, pesquisa e temas correlatos*. Belo Horizonte: Casa do Psicólogo, 2002a. p.123-132.

_____. (Coord.) *A relação entre doença mental e trabalho: elaboração de um perfil epidemiológico em hospitais psiquiátricos de Barbacena e Belo Horizonte*. Belo Horizonte: UFMG- Núcleo de Estudos sobre Saúde Mental e Trabalho, 2002b. 21p.

_____. et al. Aprisionado pelos ponteiros de um relógio: o caso de um transtorno mental desencadeado no trabalho. In: JACQUES, M.G.; CODO, W. *Saúde mental & trabalho: leituras*. Petrópolis: Vozes, 2002a. p.209-246.

_____. et al. *Relatório final relação entre doença mental e trabalho*. Belo Horizonte: UFMG- Núcleo de Estudos sobre Saúde Mental e Trabalho, 2002b. 56p.

_____. et al. *Relatório de integração de dados: Arco Engenharia: relatório de integração das fases de observações, levantamento quantitativo e reuniões com grupos de trabalhadores*. Belo Horizonte: UFMG-FAFICH-Departamento de Psicologia. 2004. 68p.

_____. et al. *Relatório para o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico*. Belo Horizonte: UFMG, 2005. 127p.

MARX, K. *O capital: crítica da economia política*. 10 ed. São Paulo: Difel, 1985.

_____. *Introdução à crítica da filosofia do direito de Hegel*. Disponível em: <<http://www.culturabrasil.org/criticadafilosofiadodireito.htm>>. Acesso em: 25 jun. 2006.

MENDONÇA, M.C.L.G. et al. *Avaliação dos dados nosológicos em prontuários ambulatoriais*. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 6, n. 3, p. 293-305, 1990.

MINISTÉRIO DA SAÚDE; ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE NO BRASIL. *Doenças relacionadas ao trabalho: manual de procedimentos para os serviços de saúde*. Brasília: Ministério da Saúde, 2001.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. Secretaria de Inspeção do Trabalho. Departamento de Segurança e Saúde no Trabalho. Estatísticas de acidente de trabalho 2000; Grupos com maior incidência por unidade da federação 2002. Disponível em: <<http://www.mte.gov.br>>. Acesso em: 2 mai. 2005.

MORICI, M.C. *Relatório final: entrevistas: estágio especial na empresa Arco Engenharia: entrevista com dois trabalhadores: Diocélio e Márcio*. Belo Horizonte: UFMG, 2004. 23p. (Estágio Supervisionado em Saúde Mental e Trabalho)

NASSIF, L.E. *Uma contribuição da psicopatologia do trabalho para o estudo do alcoolismo no trabalho*: estudo de caso em uma instituição de ensino superior. Belo Horizonte: UFMG-Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2002.

OLIVEIRA SANTOS, A.L.. *Relatório final*: entrevistas com trabalhador da Arco Engenharia. Belo Horizonte: UFMG, 2004. 11p. (Estágio Supervisionado em Saúde Mental e Trabalho)

PARREIRAS, A.G. et al. *Relatório final*: alcoolismo e trabalho na construção civil: Arco Engenharia. Belo Horizonte: UFMG, 2004. 22p.

POLITZER, G. *Crítica dos fundamentos da psicologia*: a psicologia e a psicanálise. Tradução por Marcos Marcionilo e Yvone Maria de Campos Teixeira da Silva. 2.ed. Piracicaba: Ed. Unimep, 2004.

POWER, S.K.; HOMLEY, E.T. *Fisiologia do exercício*: teoria e aplicação ao condicionamento e ao desempenho. 3 ed. São Paulo: Monole, 2000.

RICALDONI, C.A.C. *Equipamento de proteção individual*. Belo Horizonte: [s.n], 1992. 68p.

REIS, J. Gene do alcoolismo. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 13 mai. 2001. Caderno Mais!, p.27

RODRIGUES-MARTOS, A. *Problemas de alcohol en el ámbito del trabajo*. Madrid: Fundación de Ayuda contra la Drogadicción, 1998.

SELLIGMANN-SILVA, E. *Desgaste mental no trabalho dominado*. São Paulo: Cortez, 1984.

SERAPIONI, M. Métodos qualitativos e quantitativos na pesquisa social em saúde: algumas estratégias para a integração. *Cadernos de Saúde Coletiva*, v. 5, n. 1, p.187-192, 2000.

SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA. Departamento Regional do Rio Grande do Sul. *Projeto de prevenção ao uso de drogas no trabalho e na família*: modelo SESI-RS/OIT/OMS/PNUCD. Porto Alegre: SESI/TG Artes Gráficas, 1997.

_____. Departamento Regional de Minas Gerais. *Relatório de pesquisa*: diagnóstico sobre a qualidade de vida no trabalho: projeto “Prevenção do uso de drogas” na Arco Engenharia e Comércio Ltda - Minas Gerais. Belo Horizonte: SESI, 2001. 18p.

SILVA, F.B. de O. *Os programas de qualidade de vida no trabalho*: uma reflexão crítica. Monografia (Especialização em Saúde Mental & Trabalho) - Unicentro Newton Paiva, Belo Horizonte, 2000. 82p.

SONENREICH, C. Causas do alcoolismo. In: MOUTINHO, S. da S. (Org.). *Temas de alcoolismos*: simpósio da Clínica Psiquiátrica do Hospital do Servidor Público Municipal de São Paulo (1, São Paulo, 1974). São Paulo: Manole, 1976. p.1-9.

TENAGLIA, M.R. *Construção civil e alcoolismo*: um estudo de caso realizado em uma empresa de construção civil de Belo Horizonte. Monografia (Especialização em Saúde Mental & Trabalho) - Universidade Federal de Minas Gerias, Belo Horizonte, 2004. 98p.

VAILLANT, G.E. *A história natural do alcoolismo revisitada*. Tradução por Bartira S. C. da Cunha e José Alair L. dos Santos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

VAISSMAN, M. *Alcoolismo no trabalho*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

ANEXOS

ANEXO I

Questionário sobre condições de Trabalho e Saúde

A. Dados Gerais

Idade:..... Sexo: () Masculino () Feminino
Estado civil: () Solteiro () Casado () Divorciado () Viúvo () Amigado
Número de filhos:
Naturalidade:
Cidade onde mora:

Funcionário de qual empresa: () Arco () Empreiteira Qual?.....
Função atual:.....
Tempo que trabalha na função atual:.....
Funções anteriores:
Tempo de construção civil:.....
Trabalhos anteriores à construção civil:.....
Escolaridade: () Primário incompleto () Primário completo
() 1º Grau incompleto () 1º Grau completo
() 2º Grau incompleto () 2º Grau completo
() 3º Grau incompleto () 3º Grau completo

B. Estado Geral de Saúde

1. Está se sentindo muito cansado?	() Sim () Não
2. Sente-se cansado quando acaba de acordar?	() Sim () Não
3. Sente-se nervoso?	() Sim () Não
4. Está se esquecendo com facilidade das coisas?	() Sim () Não
5. Está com paciência esgotada?	() Sim () Não
6. Está com dificuldade de concentrar-se no que faz?	() Sim () Não
7. Tem se sentido triste e desinteressado?	() Sim () Não
8. No último ano teve mais de 4 resfriados?	() Sim () Não
9. Tem ataques de tosse com frequência?	() Sim () Não
10. Tem alguma irritação na pele?	() Sim () Não
11. Adoece com frequência?	() Sim () Não
12. Sente medo sem saber por quê?	() Sim () Não
13. Sente dificuldade para dormir?	() Sim () Não
14. Acorda facilmente ou tem sono agitado?	() Sim () Não
15. Toma remédio para dormir?	() Sim () Não
16. Tem que beber alguma bebida alcoólica para dormir?	() Sim () Não
17. Consegue se alimentar direito?	() Sim () Não
18. Tem azia e má digestão com frequência?	() Sim () Não
19. Sente dores ou sensação de pressão no peito?	() Sim () Não
20. Tem notado que está escutando menos?	() Sim () Não
21. Sofre de diabetes ou açúcar no sangue?	() Sim () Não
22. Você se preocupa muito?	() Sim () Não
23. Tem anemia ou algum problema no sangue?	() Sim () Não
24. Sente dor de cabeça com frequência?	() Sim () Não
25. Como é sua pressão?	() Alta () Normal () Baixa
26. Sente dores no corpo?	() Sim () Não
Onde?	() Pescoço () Ombro () Braços () Pulsos () Mãos () Coluna () Pernas () Pés () Juntas
Você acha que essas dores estão relacionadas com o seu trabalho?	() Sim () Não
Por quê?	
27. Como você classifica seu estado de saúde atual:	() Péssima () Ruim () Regular () Bom () Ótimo
28. Como você classifica o estado de saúde de seus colegas:	() Péssima () Ruim () Regular () Bom () Ótimo

C. Questões Gerais sobre o trabalho

29. Como você começou a trabalhar na Construção Civil? <input type="checkbox"/> Por vontade própria <input type="checkbox"/> Por influência de amigos <input type="checkbox"/> Por influência de parentes <input type="checkbox"/> Por falta de opção <input type="checkbox"/> Outros. Quais?.....
30. Você gosta do seu trabalho? <input type="checkbox"/> Muito <input type="checkbox"/> Médio <input type="checkbox"/> Pouco <input type="checkbox"/> Não gosto <input type="checkbox"/> Não gosto de jeito nenhum
31. O seu trabalho na construção civil traz estabilidade? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não Por quê?.....
32. Qual o seu horário de trabalho?
33. Você faz horas-extras? <input type="checkbox"/> Nunca <input type="checkbox"/> Às vezes <input type="checkbox"/> Sempre
É obrigado? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
34. Quanto tempo você gasta para chegar à obra? <input type="checkbox"/> até 30 minutos <input type="checkbox"/> de 30 min. a 1 hora <input type="checkbox"/> de 1 a 2 horas <input type="checkbox"/> mais de 2 horas
35. As condições que a empresa oferece para sua higiene pessoal são: <input type="checkbox"/> Boas <input type="checkbox"/> Médias <input type="checkbox"/> Ruins
36. Você acha que sua refeição é suficiente para te sustentar durante o seu trabalho? <input type="checkbox"/> É suficiente durante todo o mês. <input type="checkbox"/> É suficiente apenas nos primeiros dias do mês. <input type="checkbox"/> É insuficiente durante todo o mês.
37. Que outra atividade você faz na hora do almoço? <input type="checkbox"/> Joga <input type="checkbox"/> Cochila <input type="checkbox"/> Bate papo <input type="checkbox"/> Toma aperitivo <input type="checkbox"/> Adianta o serviço <input type="checkbox"/> Outra Qual?.....
38. Você faz outras pausas durante o trabalho? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
39. Você acha que ser promovido (subir de cargo) na sua empresa é: <input type="checkbox"/> Impossível <input type="checkbox"/> Difícil <input type="checkbox"/> Fácil <input type="checkbox"/> Só com “ <i>peixada</i> ”
40. Houve aumento de cobrança por produção nos últimos anos? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
41. Houve aumento na cobrança por qualidade? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
42. Marque com um X em todas as mudanças que foram introduzidas no seu trabalho: <input type="checkbox"/> ISO 9000 <input type="checkbox"/> Qualidade Total (Programa 5S) <input type="checkbox"/> Redução do número de cargos <input type="checkbox"/> Terceirização <input type="checkbox"/> Outras mudanças. Quais?
43. O que modificou no seu trabalho com essas mudanças?
44. A empresa exige de você novas qualificações? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não Quais?
45. A empresa oferece condições necessárias para o atendimento dessas exigências? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não Quais?.....
46. Se a resposta anterior for negativa, o que você acha que a empresa deveria fazer?
47. Como você se sente diante dessas novas exigências? <input type="checkbox"/> Despreparado <input type="checkbox"/> Ansioso <input type="checkbox"/> Ameaçado <input type="checkbox"/> Com medo <input type="checkbox"/> Seguro <input type="checkbox"/> Inseguro <input type="checkbox"/> Tranquilo <input type="checkbox"/> Outros: Quais?
48. Você ajuda em outras funções além da sua? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não Quais?.....
49. Você se sente sobrecarregado? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não Por quê?.....
50. Seu salário está de acordo com suas obrigações? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
51. Marque com um X os tipos de aumentos que teve nos últimos anos: <input type="checkbox"/> Reajuste salarial por negociação coletiva <input type="checkbox"/> Prêmio por produção <input type="checkbox"/> Gratificação ou abono <input type="checkbox"/> Participação em lucros ou resultados <input type="checkbox"/> Horas-extras <input type="checkbox"/> Promoção ou reclassificação <input type="checkbox"/> Outras

52. Você precisa aumentar sua renda de outra forma (bico, etc.)? () Sim () Não
53. Tem de ficar em posição desconfortáveis no seu trabalho? () Sim () Não Se sua resposta foi Sim , marque com um X a(s) posição(ões): () Mudando sempre de postura (abaixando e levantando) () Braços levantados acima do ombro () Pendurado () Agachado () Encurvado () Em pé o tempo todo () Sentado o tempo todo () Outros. Quais?.....
54. Você tem medo de errar no seu trabalho? () Sempre () Às vezes () Nunca
55. Marque com um X todas as conseqüências importantes dos erros no seu trabalho: () Desperdício de material () Perdas de qualidade () Perdas de ferramentas () Acidentes graves ou fatais () Atraso na produção () Criar problemas para colegas () Acidentes leves () Mau resultado na sua avaliação de desempenho () Punição ou advertência () Outras. Quais?
56. Você pode fazer mudanças no seu trabalho? () Nunca () Às vezes () Sempre Que tipo?
57. Você depende dos superiores para: () Resolver problemas () Realizar seu trabalho () Não depende de seus superiores.
58. Você depende dos colegas para: () Resolver problemas () Realizar seu trabalho () Não depende de seus colegas.
59. Você trabalha em equipe? () Sim () Não
60. Acha sua responsabilidade no trabalho muito grande? () Sim () Não
61. Com a implantação da ISO, estas responsabilidades: () Diminuíram () Aumentaram () Não alteraram
62. Você tem que cumprir alguma meta de produção? () Não () Sim. Se Sim , como ela é exigida?
63. Dê uma nota para cada um destes aspectos do seu trabalho (1) Péssimo (2) Ruim (3) Regular (4) Bom (5) Ótimo () Limpeza de sua área de trabalho () Ordem no local de trabalho () Conforto () Segurança () Ritmo de trabalho () Horário de trabalho () Colegas () Tempo para realizar tarefas () Os benefícios oferecidos pela empresa () O tipo de tarefa que realiza
64. Marque com um X tudo aquilo que percebe no seu trabalho () Tem barulho → () Muito () Médio () Pouco () Tem poeira → () Muita () Média () Pouca () Tem iluminação → () Muita () Média () Pouca () Realiza esforço físico durante grande parte da jornada → () Muito () Médio () Pouco () Precisa ficar exposto ao sol e a chuva → () Muito () Médio () Pouco () Tem que fazer tudo com pressa → () Muito () Médio () Pouco () Tem pressão dos colegas → () Muito () Médio () Pouco () Tem pressão da chefia → () Muito () Médio () Pouco () Tem ameaça de demissão → () Muito () Médio () Pouco () Tem que aprender coisas novas → () Muito () Médio () Pouco () O trabalho é complicado → () Muito () Médio () Pouco () O trabalho é isolado, solitário. → () Muito () Médio () Pouco () Tem riscos de acidentes → () Muito () Médio () Pouco () Tem chance de crescer e aprender → () Muita () Média () Pouca

<input type="checkbox"/> Tem que prestar atenção	→ <input type="checkbox"/> Muita <input type="checkbox"/> Média <input type="checkbox"/> Pouca
<input type="checkbox"/> O trabalho é chato e aborrecido	→ <input type="checkbox"/> Muito <input type="checkbox"/> Médio <input type="checkbox"/> Pouco
<input type="checkbox"/> O trabalho é interrompido	→ <input type="checkbox"/> Muito <input type="checkbox"/> Médio <input type="checkbox"/> Pouco
<input type="checkbox"/> Tem competição com os colegas	→ <input type="checkbox"/> Muito <input type="checkbox"/> Médio <input type="checkbox"/> Pouco
<input type="checkbox"/> Tem transferência de uma obra para outra	→ <input type="checkbox"/> Muito <input type="checkbox"/> Médio <input type="checkbox"/> Pouco
<input type="checkbox"/> A qualidade dos materiais	→ <input type="checkbox"/> Boa <input type="checkbox"/> Média <input type="checkbox"/> Ruim
<input type="checkbox"/> A qualidade dos equipamentos de segurança	→ <input type="checkbox"/> Boa <input type="checkbox"/> Média <input type="checkbox"/> Ruim
<input type="checkbox"/> A qualidade das ferramentas	→ <input type="checkbox"/> Boa <input type="checkbox"/> Média <input type="checkbox"/> Ruim
<input type="checkbox"/> Não pode errar	
<input type="checkbox"/> Tem que fazer várias coisas ao mesmo tempo	
<input type="checkbox"/> Tem que lidar com produtos químicos Quais?.....	
65. Como se sente trabalhando na Arco?	
<input type="checkbox"/> Muito satisfeito <input type="checkbox"/> Um pouco satisfeito <input type="checkbox"/> Insatisfeito <input type="checkbox"/> Muito insatisfeito	
66. Se você trabalha em empreiteira, como se sente?	
<input type="checkbox"/> Muito satisfeito <input type="checkbox"/> Um pouco satisfeito <input type="checkbox"/> Insatisfeito <input type="checkbox"/> Muito insatisfeito	
67. Marque com X os tipos de medo que sente no seu trabalho	
<input type="checkbox"/> Medo de acidentes <input type="checkbox"/> Medo de altura <input type="checkbox"/> Medo do chefe <input type="checkbox"/> Medo de ser demitido	
<input type="checkbox"/> Outros. Quais?	
68. Você já sofreu algum acidente no trabalho?	
<input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim. Qual foi o tipo?	
69. Você já viu algum colega sofrer acidente no trabalho?	
<input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim. Qual foi o tipo?	
70. Você já foi afastado do trabalho?	
<input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim Qual motivo?	
71. Quais as causas mais freqüentes dos acidentes na sua empresa?	
<input type="checkbox"/> Pressa	
<input type="checkbox"/> Pressão	
<input type="checkbox"/> Falta de informação e treinamento	
<input type="checkbox"/> Falta de atenção	
<input type="checkbox"/> Uso incorreto dos equipamentos de proteção	
<input type="checkbox"/> Cansaço	
<input type="checkbox"/> Ressaca	
<input type="checkbox"/> Sono	
<input type="checkbox"/> Estresse	
<input type="checkbox"/> Qualidade dos materiais,	
<input type="checkbox"/> Qualidade dos equipamentos de segurança	
<input type="checkbox"/> Qualidade das ferramentas	
<input type="checkbox"/> Outros. Quais?	
72. Nos últimos anos, os acidentes na construção civil:	
<input type="checkbox"/> Aumentaram <input type="checkbox"/> Diminuíram <input type="checkbox"/> Não alteraram	
Por quê?	
73. Marque o estágio da obra em que:	
Tem mais riscos de acidentes <input type="checkbox"/> Fundação <input type="checkbox"/> Estrutura <input type="checkbox"/> Acabamento	
As condições de trabalho são piores <input type="checkbox"/> Fundação <input type="checkbox"/> Estrutura <input type="checkbox"/> Acabamento	
(excesso de ruído, poeira, sujeira, etc.)	
O serviço é mais pesado <input type="checkbox"/> Fundação <input type="checkbox"/> Estrutura <input type="checkbox"/> Acabamento	
Ocorrem mais atrasos <input type="checkbox"/> Fundação <input type="checkbox"/> Estrutura <input type="checkbox"/> Acabamento	
74. O que você acha do "Minuto de Segurança"?	
<input type="checkbox"/> Necessário <input type="checkbox"/> Desnecessário Por quê?.....	
75. Na sua obra atual você é obrigado a fazer ginástica antes de iniciar o serviço?	
<input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim	
76. O que você acha da ginástica?	
<input type="checkbox"/> Necessário <input type="checkbox"/> Desnecessário Por quê?.....	
77. A atuação da CIPA (Comissão Interna de Proteção de Acidentes) na sua empresa é	
<input type="checkbox"/> Excelente <input type="checkbox"/> Boa <input type="checkbox"/> Regular <input type="checkbox"/> Ruim <input type="checkbox"/> Péssima	
78. Você costuma faltar ao trabalho:	
<input type="checkbox"/> Nunca <input type="checkbox"/> Às vezes <input type="checkbox"/> Sempre	
79. Qual dia da semana estas faltas são mais freqüentes?	
<input type="checkbox"/> Segunda-feira <input type="checkbox"/> Terça-feira <input type="checkbox"/> Quarta-feira <input type="checkbox"/> Quinta-feira <input type="checkbox"/> Sexta-feira	
Por quê?	
80. Como você considera o seu relacionamento com os colegas:	
<input type="checkbox"/> Excelente <input type="checkbox"/> Bom <input type="checkbox"/> Regular <input type="checkbox"/> Ruim <input type="checkbox"/> Péssimo	

81. Como você considera o seu relacionamento com os chefes: () Excelente () Bom () Regular () Ruim () Péssimo
82. Existem diferenças entre os trabalhadores da Arco e os de Empreiteiras: () Sim () Não Quais?

C. Questões Gerais

83. Você tem tempo para se divertir? () Sim () Não () Às vezes
84. O que você faz nas suas folgas? () Apenas descanso () Fico com a família () Vou à igreja () Fico em casa () Vou para o bar () Prático esporte () Namoro () Estudo () Trabalho () Outros. Quais?
85. O que você costuma fazer quando sai do serviço?
86. Já esteve desempregado? () Não () Sim
87. Você tem alguma religião? () Não () Sim Qual? Se sua resposta foi <i>Sim</i> como ela influencia no seu trabalho?
88. Você participa de atividades do sindicato? () Sim () Não Quais?
89. Você bebe? () Sempre () Quase sempre () Às vezes () Quase nunca () Nunca Já pensou que pode estar bebendo demais? Sim () Não () Já pensou em parar de beber? Sim () Não () Que tipo de bebida prefere?
90. Entre seus colegas tem problema de alcoolismo? () Sim () Não
91. Você acha que é causado pelo trabalho? () Sim () Não Por quê?
92. Você é fumante? () Não () Sim Em média quantos cigarros fuma por dia?
93. Entre seus colegas existem muitos fumantes? () Sim () Não
94. Você acha que é causado pelo trabalho? () Sim () Não () Por quê?
95. Faz uso de drogas? () Sempre () Quase sempre () Às vezes () Quase nunca () Nunca Quais?
96. Entre seus colegas tem problemas de droga? () Sim () Não Quais?
97. Você acha que é causado pelo trabalho? () Sim () Não () Por quê?
98. Você acha que o seu trabalho é valorizado? () Sim () Não Por quê?
99. Você faz planos para o futuro? () Sim () Não
100. Você se sente preocupado com o trabalho mesmo quando está de folga? () Sempre () Às vezes () Nunca

C. Opcional – Caso queira participar das reuniões com os pesquisadores

Nome:

Endereço:

Telefone

ANEXO II

Retirado do RELATÓRIO DE PESQUISA DIAGNÓSTICO SOBRE QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO: PROJETO “PREVENÇÃO AO USO DE DROGAS” NA ARCO ENGENHARIA E COMÉRCIO LTDA. – MINAS GERAIS

SESI –SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA

JULHO, 2001. 18p. (sem a capa)

A tabela 2 está na página 6

Tabela 2 – *Distribuição dos trabalhadores em função do nível de escolaridade (N=77)*

Curso	Cursando		Concluído		Total	
	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%
Alfabetização	--	--	06	9,1	06	7,8
1ª a 4ª	03	27,3	34	51,5	37	48,0
5ª a 8ª	02	18,2	12	18,2	14	18,2
Supletivo ensino fundamental	01	9,1	01	1,5	02	2,6
Supletivo ensino médio	--	--	--	--	--	--
Ensino médio incompleto	03	27,3	02	3,0	05	6,5
Ensino médio completo	--	--	07	10,6	07	9,1
Curso Técnico	01	9,1	--	--	01	1,3
Superior incompleto	--	--	--	--	--	--
Superior completo	--	--	01	1,5	01	1,3
Pós-graduação	01	9,1	02	3,0	03	3,9
Não respondeu	--	--	01	1,5	01	1,3
Total	11	100	66	100	77	100